BOLETIM DA

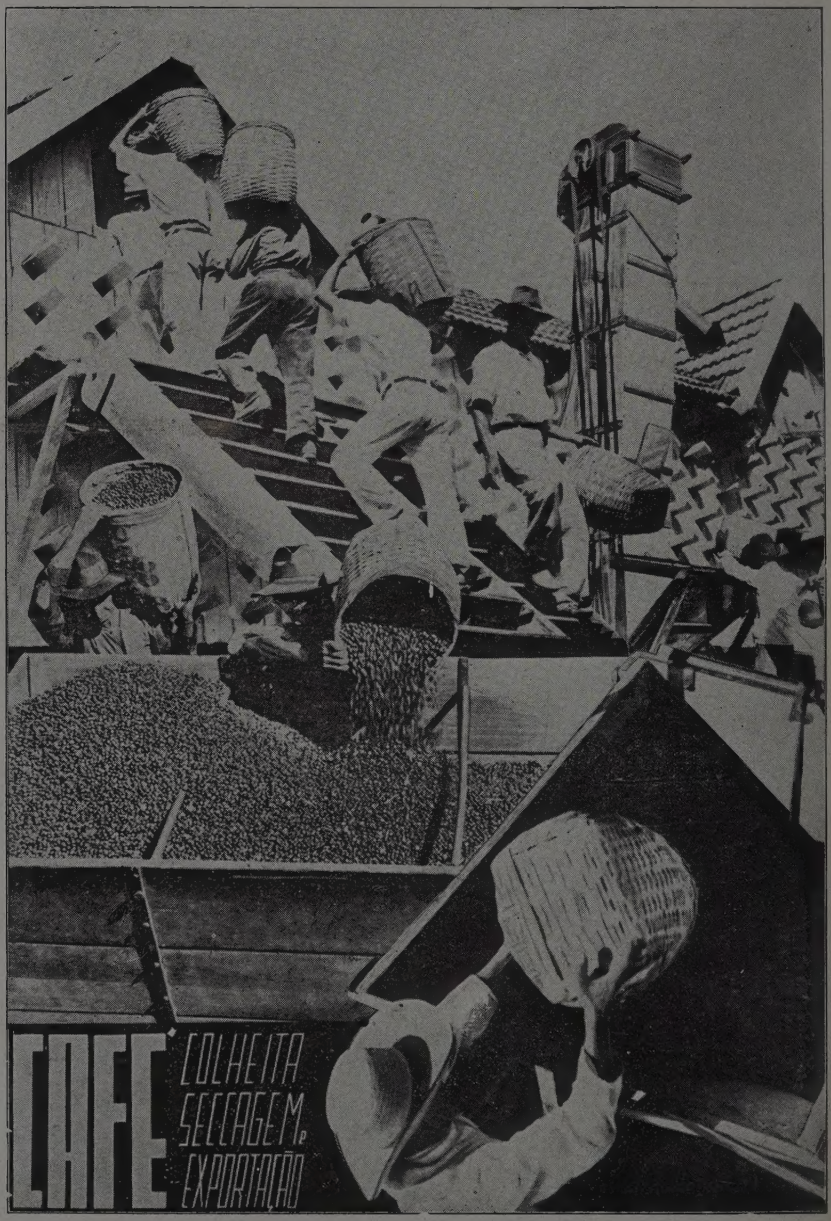
SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA

SÃO PAULO • BRASIL

4 JAN 1968

ANO XXXII • JULHO DE 1957 • N.º 365


CAFE
COLHEITA
SECCAGEM
EXPORTAÇÃO

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Rua 15 de novembro, 111 - 15.º and.

Ano XXXII | JULHO DE 1957 | Número 366

Sumário

COLABORAÇÃO:

Serviço Social Rural — J. Testa
Custo de formação e custeio da lavoura cafeeira em Pirajuí — Sylas Oswaldo Pacitti
Pragas do café — J. Bergamin
Pontos controversos em cafeicultura — Lauriston Pousa Bicudo

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Cobertura do solo do cafèzal
O primeiro cuidado na formação dos cafèzais está na escolha da semente
Amparo à cafeicultura
Pronunciamento do prefeito de Londrina
Preceitos gerais do plantio do café
Repercussão, na Zona da Mata, das medidas tomadas com relação ao café
Processo prático de preparo de mudas — Carivaldo Godoy Júnior
Sombreamento e café fino — João Lopes
A colheita em pano — Rogério de Camargo
Uma lavoura condenada, da zona da mogiana, salva pelo sombreamento — Urbano dos Santos Bonfim
Reforma de cafèzais
O que é o Instituto Agronômico de Campinas
O café e o govêrno — Garibaldi Dantas
Penetração do café solúvel na Europa
Constitui a criação do "Fundo do Café" a medida de maior importância do esquema cafeeiro do govêrno
O "Fundo do Café"
Bases físicas para uma política do café — Theophilo de Andrade
Aplausos do govêrno paulista ao Presidente da República
A nova ordem cafeeira
Cria-se de fato uma política de café — Plínio Cavalcanti de Albuquerque
Comprar e vender... para estabilizar — Sálvio de Almeida Prado
Destinação de recursos à lavoura de café
Manifestação de aplauso ao Ministro da Fazenda
Maiores verbas para a propaganda do café
A realidade iminente: superprodução brasileira de café
Amplos recursos para a defesa da lavoura e da exportação do café
Medidas tomadas em defesa do café
Exportação brasileira de café (IBC)
Apreciações do sr. Paulo Guzzo sôbre a posição estatística do café
De jubilo, e mesmo de euforia, a reação predominante nas entidades agrícolas sedeadas na Capital
Prêmios instituídos pela câmara municipal de Pirajú
Duplicou o consumo de café na Alemanha
Produção exportável de café
Estimativa da safra brasileira de café exportável em 1957-58
Estimativa da safra paulista de café (Da Secretaria da Agricultura do Estado de S. Paulo)
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café, de New York, junho — nºs 1039 a 1041)

ESTATÍSTICAS:

Quadros diversos sôbre o movimento cafeeiro

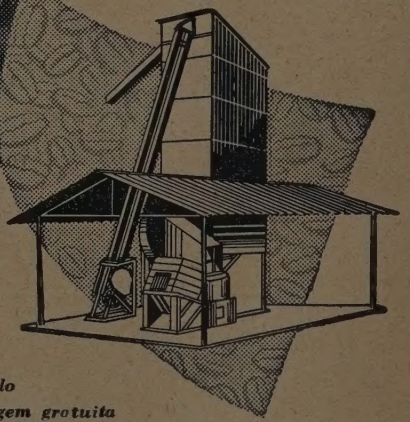
PARA OBTER *cafés finos*

Instale imediatamente na sua fazenda um

SECADOR MOREIRA

no qual, o café é secado com perfeita igualação e despejado diretamente na tulha definitiva.

SECADOR MOREIRA
Mod. 101-B
Força motriz 5 HP - Consumo de lenha (cada 10 horas) 1 m3 - Capacidade 50 sacos de 100 litros (cada carga)



SECADOR MOREIRINHA
Mod. 102-B
Força motriz 3 HP - Consumo de lenha (cada 10 horas) 1/2 m3 - Capacidade 75 sacos de 100 litros (cada carga)

• **Serviço fácil, rápido, eficiente e MAIS ECONÔMICO, empregando apenas um operário.**

• **As larvas e ovos da broca são totalmente destruidos.**

No passado o lavrador esteve sujeito ao "bom ou mau tempo"; hoje êste problema fundamental, de que depende o lucro, está superado com o emprêgo do SECADOR MOREIRA. Mesmo com o "bom tempo", a secagem no terreiro, fica muito mais onerosa, devido ao número de empregados que exige.

• **SECADOR MOREIRA assegura um serviço rápido, possibilitando a entrega do café, nas melhores oportunidades do mercado.**

Siga o exemplo dos mais adiantados fazendeiros que, como os compradores e comissários de café preferem o SECADOR MOREIRA para seu próprio uso.

Dispensa construção para abrigá-lo
Entrega imediata ***Montagem gratuita***

Máquinas Moreira S.A.

R. da Moóca, 2100 - Fone: 9-1164 (14 ramais) Caixa Postal 2100
End. Telegr. "SECADORES" - S. Paulo

Promotion

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

NOSSA CAPA

Nos Estados cafeeiros do centro do país, a colheita do café que se inicia em maio, costuma prosseguir em junho, julho e, em certas zonas mais tardias, até agôsto. No clichê, aspecto da colheita em uma das velhas fazendas do interior paulista.

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

Como êste, milhares de cafeeiros já morreram atacados pelas cochonilhas!

Evite este prejuízo, usando

Geigy Diazinon M40

... o mais moderno e ativo inseticida fosforado em forma de pó molhável.

- Ação residual prolongada
- Sem perigo para o operador

Solicite folhetos e maiores informações!

GEIGY DO BRASIL S. A., PRODUTOS QUÍMICOS

Telegramas. GEIGYBRAS

Matriz
RIO DE JANEIRO
C. P. 1329

Geigy

Filial
SÃO PAULO
C. P. 2544

SERVIÇO SOCIAL RURAL

Uma organização pioneira: a ACAR

J. TESTA

No Brasil, país onde numerosa população rural, em grande parte ignorante e pobre, necessita incontestável e urgentemente de assistência, e onde, por outro lado, um paternalismo demagógico da maioria dos legisladores encara o assunto apenas como caçada aos votos da clientela eleitoreira, a greve questão da assistência social rural nem sempre tem sido colocada em devidos têrmos. Contam-se, é verdade, muitos e cada vez mais numerosos exemplos de particulares (industriais, comerciantes e agricultores) que vêm criando e mantendo, às suas expensas, serviços sociais de excelente qualidade, principalmente em São Paulo, onde o *SESI* e o *SESC* constituem modelos examinados e copiados até por países estrangeiros. Há muitas organizações privadas, na indústria e na agricultura principalmente, onde a assistência médica, higiênica, alimentar, educacional ou social, ao trabalhador, muito pouco deixa a desejar.

Acontece, porém, que essas iniciativas, particulares como são, não podem ter carater coletivo. São restritas ao seu âmbito, e cada qual encarando a mesma questão sob ângulos diferentes.

De outro lado, as iniciativas procedentes dos executivos ou dos legislativos, generalizando demasiado, têm pretendido levar ao campo quase a mesma legislação social da cidade, e têm cuidado, preferentemente, de concentrar sua atenção sôbre aspectos que não são primaciais, preocupando-se essencialmente com questões de vencimentos e de descansos renumerados, ou de alfabetização pura e simples e de uma assistência social perfunctória, isso quando não enveredam pelas bonitas frases da "partilha dos *latifúndios* entre os que trabalham".

* * *

Se bem que o problema rural seja aproximadamente o mesmo em todo o mundo, tem êle, não obstante, peculiaridades regionais. Não se poderia, evidentemente, comparar o camponês da Holanda, da Dinamarca ou da Suiça com o do Egito, da Índia ou da Rússia. Em vertos lugares, (México, Hungria, Itália meridional) o partilhamento da terra, quase totalmente possuída por latifundiários dela afastados, e trabalhada por miseráveis párias em semi-escravidão, é medida realmente de considerar-se, respeitada naturalmente a propriedade privada, cuja expropriação deve ser examinada à luz de todos os fatôres dignos de aprêço. Noutros lugares o principal problema será, talvez, o dos transportes; noutros o do financiamento; noutros, ainda, o da melhoria das condições sociais, ou educativas, ou higiênicas, ou salariais.

No Brasil, país onde há ainda terras de sobra, até devolutas, o problema não é o do partilhamento; quer-nos parecer que êle é, essencialmente, de educação rural (referimo-nos à *educação* rural e não à alfabetização pròpriamente dita, que é também indispensável, mas é outro assunto); e é, também, de financiamento, mas não a esmo e sim supervisionado. Ora, são exatamente êsses os dois pontos principais (além de outros) visados pela notável *Associação de Crédito e Assistência Rural* (ACAR). Essa organização, que resultou de um convênio entre a American International Association (grupo Rockefeller) e o Estado de Minas Gerais, funciona naquele Estado desde 1949, e tem se expandido progressivamente, em número de postos, em quantias despendidas e em irradiação, a outros pontos do território nacional, atingindo já o Nordeste (ANCAR), o Rio Grande do Sul (ASCAR), o Espírito Santo (ACARES) e a esfera federal (Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR).

A base do serviço da ACAR é a assistência direta, pessoal, eficiente, ao homem do campo. Não se trata de arrebanhá-lo em conferências, em congressos, em "marchas". Não se trata de cartazes, de prospectos, de filmes (embora êstes também figurem). Organizou a ACAR um funcionalismo em base de apostolado: cada assistente rural é um abnegado, que vai diretamente ao campo, no seu jipe, falar como caipira, com infinita paciência, ensiná-lo a fazer com as próprias mãos, depois de laboriosamente convencê-lo, numa catequese que chega a ser comovente. A visita ao trabalhador rural é feita por um supervisor (agrônomo, veterinário ou técnico agrícola) e uma supervisora (economia doméstica), dotados de todo o material necessário (sementes, inseticidas, etc., e, sempre, de um jipe). Procuram êles a amizade e a confiança de rurícola e, aos poucos, ensinam-lhe, e à sua família, tudo o que deveriam saber mas infelizmente ignoram: como tratar as moléstias dos animais como plantar, em que época, que sementes, como tratar as plantações, como adubá-las e podá-las, como fazer um silo, como fabricar queijo ou manteiga, como adornar a casa, como fazer colchões, mobiliário rústico, adornos, roupas, como alimentar-se racionalmente e conservar os alimentos, como tratar as principais moléstias da família, principalmente da infância. Quando conseguem vencer a rotina e a inércia, quando o caipira consegue interessar-se por essas melhorias, então lhe facultam um crédito adequado às suas necessidades, e rigorosamente *supervisionado*, na discussão e na aplicação. Num estágio mais avançado, o caipira já toma parte em reuniões da sua gente, no seu bairro, e haverá esportes, parte social e outras atividades.

Em seus oito anos de existência, e a despeito de ter aumentado, constantemente, os seus financiamentos, a ACAR não tem perdido pràticamente nada, nos financiamentos concedidos, que vêm sendo reembolsados na base de ..... 999,20 por mil!

Com êsses financiamentos, cada mutuário da ACAR tem conseguido satisfazer o seu sonho: uma casa "de telhas e tijolos"; uma máquina de costura;

um pequeno engenho de cana; uma pocilga com porcos de raça; um caminhão, um trator... O caipira aprende a trabalhar, a tratar-se, e até a economizar. Sim, até a economizar, porque o principal argumento contra os apressados Serviços Rurais que se pretende instalar, é que o homem do campo não tem, geralmente, senso de economia e nem mesmo de trato ou higienne. Se lhe dessem, de um momento a outro, o dôbro do ordenado, desperdiçá-lo-ia em festanças, em romarias, em comezainas sem medida e sem utilidade, em adornos caseiros sem finalidade. E, ao envés de seis dias por semana, passaria a trabalhar três ou dois. Se, por outro lado, lhe fosse atribuido um lote de terra, ou o venderia ou o arrendaria, cousa tão comum que cada um de nós conhece um exemplo.

Começando de zero, a ACAR já tem 7 escritórios regionais e 47 locais, tendo concedido 4.093 empréstimos, num total de Cr$ 82.247.665,00 (o máximo é de Cr$ 50.000,00). O juro cobrado é de 7 a 8% ao ano. Cêrca de 25.000 consultas médicas já foram prescritas. Além de preparar os seus próprios homens, preocupa-se a ACAR em treinar, entre os homens do campo, os líderes rurais. Como se vê, é amplo e abrange todos os setores, o seu trabalho. Preocupa-se ela, agora, dado o impulso inicial, em retirar-se pouco a pouco da instituição, que vem sendo paulatinamente encampada pelo Govêrno do Estado de Minas Gerais.

Êsse sistema, pôsto em prática pela ACAR, é o único adequado às nossas condições. Essa a razão por que a chamamos de pioneira, muito embora outras iniciativas já existam. A assistência rural no Brasil só poderá vingar se posta em prática nessa modalidade. Fora daí, tudo o mais serão beneméritas iniciativas isoladas ou, então, projetos coletivos irrealizáveis.

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — *ALGODÃO — BORRACHA — TITULOS — CAMBIO — METAIS AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO — COUROS — ETC.*

Assinaturas e mais informações nos seguintes enderêços:

RIO DE JANEIRO:
Rua Beneditinos, 17 — 4.o andar
Fone: 23-0012

SÃO PAULO:
Rua Líbero Badaró, 488 — 2.º andar
Fone: 33-4976

SANTOS:
Praça Azevedo Junior, 14 — 4.º andar — Fone: 2-7278

Agências nos principais Estados do Brasil

Custo de formação e custeio da lavoura cafeeira em Pirajuí

Sylas Oswaldo Pacitti

Com fundamento no trabalho do agrônomo paulista Otávio T. Mendes Sobrinho, "A Reorganização da Fazenda de Café", traçaremos algumas considerações sôbre o custeio da lavoura cafeeira na região de Pirajuí, no ano agrícola que ora se inicia. Para tanto, consideremos uma lavoura média da região, constituida por 100.000 cafeeiros e uma produção prevista de 25 sacas por mil pés, rendimento que não difere muito da média dos últimos anos. O capital, segundo o "Inventário", atinge a quantia de Cr$ 7.121.000,00. Os preços computados na "Conta de Custeio" são os que em média vigorarão para o ano, levando-se em conta os serviços mais esmerados e cuidadosos. Poder-se-ia obter um custeio mais barato com o prejuízo da qualidade dos serviços e consequentemente da própria lavoura.

O "Inventário" da fazenda, levantado a fim de podermos calcular seu equilíbrio "econômico-financeiro" é o que se segue:

		Mil Cr$	Mil Cr$
1 — Capital Fundiário:	100 alqs. de terras	Cr$ 1.500	
	100 cafeeiros	Cr$ 3.000	
	Matas	Cr$ 400	
	Benfeitorias	Cr$ 1.000	Cr$ 5.900
II — Capital de Exploração:	Máq. e veículos	Cr$ 820	
	Animais	Cr$ 401	Cr$ 1.221
Total			Cr$ 7.121

A "Conta de Custeio" que se segue não é rígida, uma vez que os preços dos materiais e serviços variam sempre. Apresentaremos apenas o preço em cruzeiros por pé e a porcentagem sôbre o total:

CONTA DE CUSTEIO

1 — Adubação (adubos e mão-de-obra em 100.000 pés	Cr$ 4,50 —	19,0%
2 — Colonos	Cr$ 5,00 —	21,2%
3 — Camaradas efetivos (fiscais, carroceiros, trat. etc.)	Cr$ 1,70 —	7,2%
4 — Administração	Cr$ 1,00 —	4,4%
5 — Combate às pragas e moléstias	Cr$ 1,50 —	6,7%
6 — Colheita, seacgem e benefício de 2.500 sacas/côco	Cr$ 2,28 —	9,7%
7 — Sacaria de colheita e café beneficiado	Cr$ 0,25 —	1,1%
8 — Conservação de carreadores, colônia etc.	Cr$ 1,15 —	4,9%
9 — Culturas de custeio, aração de terra para colônos etc.	Cr$ 1,50 —	6,7%
10 — Juros a bancos e despesas bancárias .	Cr$ 1,65 —	7,0%
11 — Depreciações e despesas gerais	Cr$ 3,00 —	13,1%
TOTAL	Cr$ 23,53 —	100,0%

Pelo exposto, o custeio por pé ficará em Cr$ 23,53 ou seja Cr$ ... 2. 353,00 por mil pés, ou Cr$ .... 2.353.000,00 para os 100.000 pés da fazenda.

De posse do inventário e da conta de custeio da fazenda, poderemos a seguir fazer a análise econômica-financeira:

1. *Rendimento líquido*: — Subtraindo das despesas orçadas em Cr$ 2.353.000,00 pela venda provável das 2.500 sacas de café em côco a Cr$ 800 a saca, teremos um saldo devedor ("deficit") de Cr$ ..... 353.000,00. Considerando que em geral é adubada no máximo metade das lavouras, que não são computadas as depreciações e que vários serviços são feitos a custos mais baixos com prejuízo das próprias lavouras, êste custeio poderia ser baixado para Cr$ 15,00 a 17,00, havendo então um lucro de 300 a 400 contos, o que não deixa de ser em parte fictício. Muitas lavouras não recebem mais que algumas carpas, tornado-se paulatinamente cada vez mais decadentes.

2. *Rendimento econômico*: — Ao saldo devedor líquido de Cr$ ..... 353.000,00 somamos Cr$ 427.260,00 de juros, na taxa de 6% sôbre o capital e teremos novo saldo devedor de Cr$ 780.260,00.

3. *Taxa de rendimento líquido extra*: — Representada pelo rendimento econômico sôbre o capital. Para nossa fazenda será de menos (—) 10,9%, portanto negativo!

4. *Rendimento econômico por unidade de superfície*: — Também negativos, ou seja menos (—) Cr$ ... 7.802,60 por alqueire ou Cr$ ..... 3.224,20 por hectare.

Como se vê, a situação da fazenda não será muito lisonjeira e o estado da lavoura não é animador, pois o solo está gasto e as árvores desfolhadas. Para que a fazenda comece a ser econômica será necessário elevar o seu rendimento para um mínimo de 45 sacas por mil pés, o que será impossível apenas com o replantio ou restauração dos velhos talhões. Haverá necessidade de se planificar novo cafèzal de acôrdo com as normas técnicas, determinadas pela agronomia paulista. Será estabelecido, "a priori", um equilíbrio entre o número de cafeeiros e o número de cabeças de gado, necessárias para produção de estêrco, capineiras, pastagens e tudo mais. Os 100 bovinos da fazenda permitirão produzir estêrco para apenas 25.000 cafeeiros, porém, com a melhoria das pastagens, capineiras e racionalização do pastoreio, êste número poderá ser aumentado para 30 a 40 mil. O novo cafèzal deverá, entretanto, produzir rendimentos 3 a 4 vêzes maior que o atual, o que significará uma produção total igual ou melhor que a esperada atualmente com os ..... 100.000 pés. Com menos cafeeiros e menor custeio ter-se-á maior renda.

O novo cafèzal será formado, além disso, em curva de nível, com linhagens selecionadas da variedade Mundo Novo, espaçamentos mais fechados, mudas individuais e receberá adubação adequada desde a abertura da cova. Não se poderá prescindir da ajuda técnica do agrônomo para orientação destas práticas. Sòmente êste é apto para elaborar com segurança a orientação para a nova fazenda de café.

Finalmente, será necessário aperfeiçoar-se o auxílio financeiro que as repartições oficiais podem proporcionar e que a execução do plano para a nova fazenda exigirá.

A formação de novas lavouras na zona de Pirajuí-Noroeste tornou-se ùltimamente uma das preocupações de todo fazendeiro que espera no futuro alguma coisa do café. 60 a 70% dos cafèzais já se tornaram deficitários, pois a produtividade tem sido ao redor de 20 sacos de café em côco por mil pés. Para agravar mais esta situação, o custeio das lavouras encareceu no último ano, enquanto os preços do café baixaram nos últimos meses.

Muitos têm tentado o simples replantio sem nenhuma técnica aprimorada, empregando o sistema de nossos avós. Outros vêm "dobrando no meio", repetindo da mesma forma o êrro passado; utilizam o mesmo espaçamento, agravado pelo cansaço e desgaste da terra explorada durante tantos anos. Outros tentam plantar no meio, segundo as curvas de níveis: arrancam ou não cêrca de 10% do café velho e utilizam espaçamentos mais fechados, o que é bem mais aceitável, enquanto outros arrancam de 40 a 60% dos pés velhos. O melhor, o mais certo seria arrancar tudo para plantar de novo; razões de ordem econômica, muito ponderáveis, porém, são alegadas para a utilização daqueles processos. Tècnicamente, seria mais perfeito restaurar a terra dos velhos talhões, com o descanso e o plantio de leguminosas, ou ainda utilizar terras de pastos ou palhadas.

Tôdas essas formas de plantio vêm provocando muita confusão entre os lavradores, principalmente naqueles que ainda não aceitam os resultados da experimentação agronômica. Por isso, os resultados têm sido precários e confusos. Dão certo aqui, malogram ali; dependendo do cuidado e da aplicação em maior ou menor escala de técnicas avançadas. Há casos de duas ou três tentativas malogradas de "dobrar no vão" e há casos do cafèzal velho recuperar-se e igualar-se ao novo, surguindo dúvida sôbre se é melhor arrancar um ou outro, ou deixar ambos.

Várias tentativas de formação de novos cafèzais, feitas por agricultores menos rotineiros, cujo número felizmente aumenta, utilizando as modernas técnicas agronômicas, foram bem sucedidas. Citamos aqui o estupendo caso da Fazenda Jacutinga, do sr. Sebastião Simões de Carvalho, em Pres. Alves, cuja lavoura deverá produzir de 30 a 40 sacos por mil pés do 2.º para o 3.º ano de formação. Um pouco mais distante, no município vizinho de Júlio Mesquita (paulista), a excelente lavoura da Fazenda Santa Silvia, do dr. João Laraya, já com 70 a 80 mil pés e cujos talhões de 3 para 4 anos deverão produzir de 70 a 80 sacos por mil pés. Citamos ainda os casos dos: Bannwart, Vicente Prado e outros menores. Êstes são os exemplos que devem ser seguidos pelos lavradores.

Locação em curva de nível, covas bem adubadas orgânica e quìmicamente, variedade selecionada do Mundo Novo, mudas individuais, covas rasas, espaçamentos cerrados, proteção das mudas e outros particularidades técnicas ao alcance dos lavradores, eis o segredo e a garantia de êxito.

Para termos uma idéia do custo de formação de um cafèzal nessas condições, apresentamos a seguir estimativa média, que procuramos aproximar o máximo possível da realidade. Haverá variações nas parcelas ou no total, de acôrdo com as condições locais:

1.º ano	Custo em Cr$ por pé
4 mudas individuais	6,00
Um jacá de estêrco	2,50
400 gr. de adubo químico	2,40
Madeira	0,20
Aração e gradeação	0,80
Locação das curvos e covas	0,60
Abertura das covas	1,50
Transporte dos adubos	0,50
Aplicação dos adubos	0,50
Transporte das mudas	0,20
Plantio das mudas	0,50
Feitura de bacia e cobertura com madeira	1,00
Limpeza das covas	0,30
Três a quatro carpas	1,00
Adiministração e fiscalização	0,50
Total	18,60

2.º ano	
Quatro a cinco carpas	2,00
Limpeza das covas	0,40
Replantio de 10%	1,60
Adubação nitrogenada	1,00
Total	5,00
Total para os dois anos	23,60

Nos anos seguintes os custeios e rendas prováveis seriam os do quadro seguinte:

Ano	Produtividade em scs/mil pés	Custeio Cr$/mil pés	Renda em Cr$/mil pés
3.º	15	6.000,00	10.500,00
4.º	30	10.000,00	21.000,00
5.º	45	13.000,00	31.500,00
6.º	60	15.000,00	42.000,00

Teòricamente, o financiamento desejável para êste empreendimento seria o de Cr$ 29,60 por pé, ou seja, a soma do custo de formação no 1.º e 2.º ano mais o custeio do 3.º ano. Ao final do 3.º ano teriamos a primeira renda provável de Cr$ ..... 10.500,00 por mil pés, que seria suficiente para o custeio do ano seguinte com uma sobra de Cr$ 500,00 para início da amortização do empréstimo, e assim por diante, até que no final do 6.º ano poderiamos liquidar o compromisso, juros etc., havendo ainda um bom lucro e passando a lavoura a ser autofinanciada.

Melhore a qualidade de seu Café!

Aplicando adubos completos, concentrados e equilibrados, contendo Azôto-Ácido Fosfórico-Potassa. Êles constituem a base de safras abundantes.

POTABRASIL

COM POTASSA maiores colheitas e de melhor qualidade!

Solicite informações e folhetos gratis:

CIA. BRASILEIRA DE POTASSA E ADUBOS

Pr. da República, 270 - 7.º Andar - Cx. Postal, 6082 - S. PAULO

Pragas do café (**)

J. Bergamin
Escola S. A. "Luiz de Queiroz"

1. *Broca do café — Hypothenemus hampei* (Ferr.).

1.1. *Histórico* — A presença da broca foi verificada pela primeira vez em 1901, em frutos de café do Congo Belga. Uma amostra de cerejas enviadas à França continha os insetos, que foram examinados por Fletiaux. Em 1913 outra amostra foi enviada do Gabon e Veuillet pôde identificar os exemplares do inseto como sendo o *Stephanoderes coffeae* Hag., mencionando sua analogia com os exemplares examinados por Fletiaux, em 1901. Em 1922 o govêrno francês tomava as primeiras medidas no sentido de evitar a propagação da praga pelas colônias.

Da África a broca foi levada para Java, onde apareceu em 1909, pela primeira vez. Em 1922 estava ela espalhada por tôda a ilha.

Em 1917-1918 foi verificada sua presença na ilha de Sumatra, onde, como em Java, a infestação atingia até 90% dos frutos.

A broca deve ter sido introduzida em São Paulo em 1913, em partidas de sementes importadas da África e de Java. De 1913 a 1922-24, conseguiu ela atingir muitos cafèzais de Campinas, espalhando-se por municípios vizinhos. São bem conhecidos a celeuma produzida e os prejuízos causados por essa praga aos cafèzais paulistas.

De Campinas espalhou-se a broca para todo o território paulista. As boas condições das primitivas zonas infestadas propiciaram-lhe os meios para progredir em sua invasão, aumentar a população e ocasionar os tremendos prejuízos que ocasionou.

De nosso Estado avançou para os cafèzais de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, Paraná, Espírito Santo e Bahia.

De tôda essa grande área dominada, foi São Paulo que mais sofreu. Foi também São Paulo o grande campo onde foram levados a têrmo todos os estudos e experiências para o perfeito conhecimento dêsse inseto. Assim é que, desde 1924, ora mais, ora menos intensamente, é a broca pesquisada em seus mais diferentes aspectos, a fim de que se aperfeiçoem os métodos de contrôle.

1.2. *Importância econômica* — Está na íntima dependência da infestação, uma vez que o prejuízo cresce em proporção geométrica com o aumento da infestação. Segundo foi verificado, há estreita correlação entre o grau de infestação e o prejuízo.

1.3 *Proporção dos sexos* — Os sexos existem na proporção de 1 macho para 9,75 fêmeas.

(**) Aula proferida no I CURSO POST-GRADUADO DE CAFEICULTORES, realizado sob os auspícios do INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ, no INSTITUTO AGRONÔMICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, em Campinas, em 9-6-54.

1.4 *Bionomia* — Tôdas as fêmeas são fecundadas no mesmo fruto em que se criaram. Tão logo atinjam a maturidade sexual e em se tratando de período de evolução dos frutos, saem elas em busca de frutos em condições de serem atacados. A fêmea penetra no fruto abrindo uma galeria iniciada na coroa. Uma vez no interior da semente, alarga a galeria, construindo a câmara de postura, onde são postos os ovos. De acôrdo com a temperatura (verão) cada fêmea põe dois ovos por dia.

O período embrionário varia de 4 a 16 dias, com média de 7,6 dias (23,1°C).

O período larval é de 9 a 20 dias, com média de 13,8 dias (24,8°C) e o pupal varia de 4 a 10 dias, com média de 6,3 dias.

1.5 *Fecundidade e longevidade* — A fecundidade média é de 74,1 ovos por fêmea, com variação de 31 a 119 ovos e a longevidade média é de 156,6 dias, com variação de 81 a 282 dias.

1.6 *Gerações anuais* — A broca pode produzir 7 gerações durante um ano. Durante a evolução e maturação dos frutos, evoluem 4 a 5 gerações.

1.7 *Comportamento natural* — O ataque aos frutos novos tem início a partir de outubro, novembro ou dezembro, de acôrdo com o desenvolvimento da safra. O ataque inicial é mais intenso ou mais atenuado, de acôrdo com a intensidade da população de broca existente na lavoura, abrigada nos frutos da safra anterior. Essa população, representada por um volume maior ou menor de indivíduos, é, até certo ponto, controlada pelos seguintes fatôres:

a — quantidade de frutos velhos da safra anterior;

b — intensidade da queda pluviométrica nos meses de inverno;

c — intensidade da infestação da safra anterior.

As chuvas precoces de agôsto-setembro umidecem os frutos velhos, permitindo a reprodução a partir dessa época. Os cafeeiros, favorecidos também pelas boas condições climáticas, florescem mais cêdo. Quando os frutos atingem o grau de "verdoengo-granados", a população de broca, formada pelo remanescente da safra passada e intensificada pela reprodução a partir de agôsto, já é maciça e o ataque se faz intensamente. Em tais condições, em novembro-dezembro a infestação já é elevada.

Ao contrário, faltando chuva até outubro-novembro, fato já bastante comum nestes últimos anos, a população inicial para o primeiro ataque é pequena e formada apenas pelos indivíduos que transpuseram os meses de entre-safras abrigados nos frutos velhos. Tal condição repetida vários anos seguidos, fato também normal, faz com que a infestação não chegue a amedrontar, pois a broca não consegue formar densa população.

2. *Bicho mineiro — Perileucoptera coffeella* (Guerin-Meneville) — O bicho mineiro é, provàvelmente, o inseto mais prejudicial ao cafeeiro, depois da broca. Sua ocorrência está condicionada a certos fatôres meteorológicos, principalmente à falta de chuvas. Todavia, existe o ano todo atacando as fôlhas do cafeeiro, fazendo-se mais notável durante os meses de inverno.

As fêmeas depositam os ovos sôbre a página superior das fôlhas. As lagartinhas eclodem e, não raro, penetram na parênquima sem qualquer contato com a superfície livre na área atacada. A cutícula, nas duas faces, torna-se pardacenta em tôda a extensão do ataque. As fôlhas que abrigam muitas lagartas secam e caem. Quando a população é muito intensa os cafeeiros ficam pràticamente despidos de fôlhas, fato que ocorre sistemàticamente nos anos mais secos. Os prejuízos são grandes, pois as plantas ficam mal preparadas para uma produção compensadora.

2.1. *Gerações.* — Durante um ano podem ocorrer 7 gerações, que se completam mais ràpidamente nos meses de verão do que nos de inverno.

2.2. *Variedades mais atacadas* — As variedades de *C. arabica* são muito mais intensamente atacadas do que as variedades de fôlhas mais coriáceas.

2.3. *Ciclo evolutivo* — Ovo: 5 a 21 dias (26-16°C); lagarta: 9 a 42 dias; pupa: 5 a 26 dias. Ciclo total: 25 a 77 dias.

3. *Môscas das frutas — Ceratitis capitata* (Wiedemann) — Ataca os frutos de cêrca de 90 espécies diferentes. Os prejuízos diretos ao café são devidos à ação mecânica das larvas, pela dilaceração do tecido mucilaginoso e pela possível penetração de microorganismos através dos orifícios de postura ou de saída das larvas. Segundo pesquisas de H. Krug, haveria a penetração de um fungo (*Fusarium concolor*) com ação nociva à bebida do café.

4. *Cochonilha verde — Coccus viridis* (Green) — Êste coccídeo pode tornar-se nocivo às plantas, principalmente em cafèzal enfraquecido. É inseto perigoso nos viveiros, onde pode infestar tôdas as plantas em pouco tempo. Na época do transplante as mudas devem estar isentas do inseto, para que possam suportar a adaptação ao novo ambiente.

O *C. viridis* é de reprodução partenogenética, não sendo conhecido o macho. Os jovens já são postos em avançado estado de desenvolvimento embrionário, verificando-se a eclosão instantes após a postura.

As ninfas atingem a maturidade em cêrca de 60 dias (da eclosão à postura da primeira larva). A longevidade média (da eclosão à morte) é de 112 dias e o período médio de oviposição é de 54 dias. O número médio de descendentes é de 157 e a postura média diária é de 2,5 indivíduos.

Com os dados acima, e levando-se em conta que todos os indivíduos são fêmeas, bem se pode avaliar como é possível um rápido aumento da população.

5. *Caruncho das tulhas — Araecerus fasciculatus* (De Geer) — Êste caruncho, cujos estragos ao café podem ser elevados em condições muito especiais, não constitui pròpriamente uma praga importante. Só se desenvolve nas tulhas se o café aí permanecer por muito tempo sem ser beneficiado.

5.1. *Bionomia* — A fêmea põe os ovos na casca do café sêco ou meloso, tanto na lavoura como nos terreiros ou já no interior das tulhas. As larvas eclodem em 5 a 8 dias. Alimentam-se da mucilagem existente entre os dois pergaminhos durante 10 a 15 dias, penetrando, depois, nas sementes. Após 10 a 15 dias transformam-se em pupas em câmaras apropriadas, onde permanecem 6 a 9 dias. O ciclo completo é de 36 a 47 dias.

Pontos controversos em cafeicultura

Lauriston POUSA BICUDO
(engenheiro-agrônomo)

Dentro da nova ordem cafeeira estabelecida pelo Govêrno, temos insistido na necessidade de se promover à rigorosa recuperação técnica de nossas lavouras. Com êsse objetivo é mister, antes, fazer uma planificação técnica — o que, em resumo significa assentar medidas que devem ser preconizadas pelos técnicos e desenvolvidas pelos lavradores. Não se conseguirão, contudo, resultados da amplitude e profundidade desejáveis, se não houver perfeita harmonia e entendimento naquilo que se recomenda, entre os cafeicultores e a técnica oficial e entre os próprios técnicos. A verdade é que, entre os próprios agrônomos da Secretaría da Agricultura — o que não dizer quanto aos lavradores de café! — observa-se profunda dissensão a respeito de questões bastante primárias e básicas de nossa exploração cafeeira.

OS PRINCIPAIS PONTOS CONTROVERSOS

Várias e importantes são as questões em que as opiniões se dividem, tumultuando e quase tornado inócua a ação do agrônomo. Mencionam-se entre as mais contundente, as seguintes:

1.º — ESPAÇAMENTO: em renques de nível ou, também em nível, porém com isolamento dos "pés" ao longo das linhas de nível? — Ao implantar uma nova lavoura, em terras velhas, as correntes se dividem em se saber se é mais interessante aproximar os cafeeiros, nas linhas de nível, de modo a formar, ao quarto ou quinto ano de idade da lavoura, uma verdadeira sebe e, ao mesmo tempo, separar mais as fileiras entre si, objetivando uma lavoura apenas com ruas de nível e um pouco mais largas para facilitar e possibilitar, inclusive, o trato mecanizado; ou, "au contraire", simplesmente plantar os cafeeiros em nível, porém em compasso regular. No primeiro saco, o espaçamento recomendável para São Paulo, em termos médios, seria de 2,50 por 3,50 ou mesmo 2,0 por 4,0 (quando se desejar prevenir uma futura mecanização motorizada) e no segundo, compassos regulares de 3,0 por 3,0 ou 3,5 por 3,0. Os partidários do regular isolamento dos cafeeiros argumentam com a maior produtividade individual, maior facilidade de alguas operações rotineiras — desbrota, poda, polvilhamentos, etc. — e algumas vantagens na colheita e colonização. Entre êles, colocam-se poucos técnicos e grande parte dos mais antigos cafeicultores. Já a maioria dos agrônomos, a maior parte dos néo-cafeicultores e também muitos lavradores tradicionais de café, ao optarem pelo espaçamento "fechado" contra-argumentam pela maior produtividade *por unidade de área*, pela mais perfeita conservação do solo, e barateamento do trato de custeio.

2.º — ESPAÇAMENTO FECHADO OU COM MAIOR FOLGA?: Mesmo entre os que, como nós defende o plantio de linhas de nível em renque, nota-se divergência quanao *espaçamento médio* a ser adotado.

Fomos dos primeiros, cremos, a preconizar maior concentração dos cafeeiros ("Ponto Basico e Ainda Controverso: Espaçamento" — Fôlha Agropecuária de 12-11-55) e mais recentemente alguns técnicos vêm recomendando o talvez um pouco ousado compasso de 2m por 3m, para variedades de porte grande. São, porém, mais aceitos os espaçamentos de 2,50 por 3,50 ou de 3,0 por 3,5 e nossas observações falam a favor do compasso 2,30 por 3,30 — que ao menos tem a virtude de estar "no meio". A nosso ver, a principal vantagem de "fechar" a cultura seria a de sombrear o solo, até quanto seja possível, com os próprios pés-de-café — arrefecendo a tão desastrosa insolação direta e conduzindo ao "mulch", então mais exequível. Sem embargo, o compasso mais "folgado" dará maior mobilidade para a colheita (especialmente no pano) e sem dúvida propicia maior rendimento *por pé-de-café*.

3.º — PROFUNDIDADE DO PLANTIO: ao assentar as mudas nas covas adubadas, a que desnível em relação à superfície geral do terreno, deve-se deixar o colo das plantinhas? As experiências do Instituto Agronômico de Campinas deram ganho de causa ao plantio raso, isto é, com os "colos" ao mesmo nível do terreno. Malgrado se tratar de uma conclusão oficial, muitos técnicos e a maior parte dos lavradores não a receberão como definitiva e sim como uma espécie de guia ou roteiro, que pode ser assim traduzido: "plantar a certa profundidade, de acôrdo com as circunstâncias locais de solo, clima e qualidade das mudas e — respeitadas estas — aprofundar o estritamente necessário. Em certas zonas do Estado, como a de Catanduva, a prática demonstra a necessidade de aprofundar ao menos 20 cm e nas demais, de um modo geral, de 10 a 20 cm. Temos obtido bons resultados colocando as mudas a cêrca de 12 a 15 cm em relação no nível geral do terreno. Êsse pequeno desnível não impede os eventuais benefícios do plantio raso (precocidade e maior produção inicial da lavoura) ao mesmo tempo que propicia o abaciamento da cova, após o plantio, para cobertura com vegetação morta protetora ou, nos casos indicados, a própria proteção das mudinhas, além de — e isto é o principal — obrigar o pé-de-café a um enraizamento *não excessivamente superficial* (que o deixaria à mercê do ressecamento do solo e variações de temperatura) e simultaneamente *não demasiado profundo* que o impeça de se desenvolver na camada mais rica do terreno. Poderá o plantio raso, como mostraram os ensaios, dar *inicialmente* maior produtividade, mas não se pode esperar o mesmo vigor e até a mesma durabilidade econômica de um plantio mais profundo. Nas regiões sujeitas a ventos frios ou nos solos excessivamente secos,, recomenda-se inclusive plantar mais profundamente, na primeira hipótese para não expor as hastes ainda tenras de mudas até um ano no local definitivo, e na segunda, por razões óbvias,.

4.º — NÚMERO DE PÉS NA COVA: 4 OU 6? — Ponto também controverso, se bem de menor expressão, para São Paulo, onde o "4 pés por cova" está largamente aceito e difundido, e comprovado nas experiências oficiais. (Abrem estas, em certos casos, quando se deseja economizar mudas, um pequeno crédito para o emprêgo de 3 mudas). Os defensores do uso de um número grande de mudas na mesma cova argumentam com o maior vigor vege-

tativo da "árvore" e maior "mútua proteção", que viriam em favor de uma durabilidade econômica maior. Isso parece verdadeiro, em princípio, porém o excessivo emaranhamento faz cair a produtividade individual e dificulta, às vêzes, a colheita. Para as condições climáticas paulistas tudo indica, mesmo, não haver maior vantagem em valar-se de um número maior que quatro, especialmente quando se cogita — ponto quase "sagrado" — de plantar com mudas e com sementes; o preço das mudas e o encarecimento do "coveamento" contra-indicam, para o nosso Estado, o emprêgo de mais de quatro plantinhas. No caso paranaense ou quando se teimar em plantar diretamente "com sementes" — o assunto deverá ficar em aberto, para melhor análise.

5.º — PREDOMINÂNCIA DE ADUBAÇÃO ORGÂNICA OU DE ADUBAÇÃO QUÍMICA? Eis o mais jovem ponto controverso, gerado, cremos, não tanto por razões técnicas mas principalmente por motivos de ordem prática, qual seja a quase impossibilidade de maioria de nossas propriedades cafeeiras de valerem-se, quanto seria necessário dos adubos orgânicos. Pergunta-se, então, se a refertilização química, isolada, e adequadamente conduzida, poderá justificar o abandono da tremenda e tradicional luta pela obtenção de uma "base orgânica" para a adubação dos cafèzais? Abandonar essa luta será, até certo ponto, deixarmos de profligar em prol do desenvolvimento "pari passu" da pecuária (leiteira e avícola, especialmente) ao lado da cafeicultura, na busca pelo eldorado que um justo equilíbrio representaria (e representará) para o produtor de café. Esta questão, suscita que fôsse há apenas dez ou vinte anos atrás, ou caucaria panico ou, mais provàvelmente, risos... Hoje, é uma questão a ser debatida. Alguns técnicos argumentam que tão difícil e onerosa se tornou a obtenção de uma base orgânica, que o emprêgo de mais volumosas adubações minerais — e, quanto preciso, só minerais — é mais econômico e dará melhores resultados. Muitos agronômos e maior parte dos cafeicultores mais antigos, não chegam a admitir tal tese — e acham que devemos caminhar mais intensamente para o desenvolvimento pecuário nas fazendas de café e bem assim intensificar mais as adubações químicas, que entendem como "complementares". Não é fácil mas também não é impossíevl conseguir 30 ou 40 litros de estêrco para adubar, anualmente, a *mètade de cada cafèzal*, pois muitos o fazem. Ao argumento que isso não é econômico, respondem que é o teor de húmus, no solo que explica os melhores cafèzais e que, por outro lado, a maior exploração leiteira ou avícola, na propriedade, tem transcendentes funções sociais e representa o ponto de apoio para o erguimento do padrão de vida do trabalhador e sua fixação na fazenda. A nosso ver, o emprêgo de adubação química isolada só poderá se encarado com um "mal necessário" e a título estritamente precário. E já não é uma boa notícia, para muitos, saberem que, se lhes falta o estêrco, é tècnicamente indicado remediarem-se com "químicos"? Se se valerem inteligentemente do "mulch" e dos adubos verdes, poderão inclusive, pelo menos por um espaço razoável de tempo, deixar de sentir muitas saudades do já saudoso estêrco que outrora alguns pagavam para "limpar a fazenda"...

Como êsses, outros pontos também importantes são igualmente controversos, como a cobertura do solo com

material orgânico produzido fora ("mulsh" ou forrageamento), a irrigação, a defesa da erosão com curvas de nível ou bacias individuais e o modo de aplicar os adubos orgânicos, sendo que só estas duas últimas questões (para resumir) dariam assunto para outro artigo.

Estamos — agora que a questão cambial está oferecendo uma trégua para as inteligencias cafeeiras cuidarem um pouco do "pé-de-café" — no dever moral e social de desencadear uma verdeira *operação rendimento*, "manu militari". Preliminarmente, porém, tratemos de estabelecer um *plano técnico de combate*, para cuja elaboração devarão ter assento a uma mesa redonda os dirigentes, os técnicos e os cafeicultores — que êstes têm a oferecer uma contribuição inestimável. Dissolver as controversias, pacificar as questões técnicas, mediante a obtenção de um denominador comum para cada caso, seria como dissolver o "tênue" mas existentes divisor de águas que ainda separa os técnicos entre si, e os cafeicultores da rígida ciência agronômica. Objetivo: recuperação urgente dos cafèzais paulistas.

☆

Para obter MAIS CAFÉ COM MENOS CAFEEIROS

Plante mudas e sementes selecionadas

Consulte

DIERBERGER AGRÍCOLA LTDA.

Caixa Postal 48 — Fone 1121

LIMEIRA — Est. de São Paulo

FOLHETOS GRATIS

Resumos e Transcrições

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO
COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS — COFRES
DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina
Aeroporto de Congonhas (Capital)
Amparo
Andradina
Araçatuba
Araraquara
Araras
Atibaia
Avaré
Barretos
Batatais
Bauru
Bebedouro
Botucatú
Biriguí
Bragança Paulista
Brás (Capital)
Caçapava
Campinas
Campos de Jordão
Casa Branca
Catanduva
Dracena
Franca
Gália
Guaratinguetá
Ibitinga
Itapetininga
Itapeva
Itú
Ituverava
Jaboticabal
Jaú
Jundiaí
Lençois Paulista
Limeira
Lins
Lucélia
Marília
Mirassol
Mogi-Mirim
Novo Horizonte
Olímpia
Ourinhos
Palmital
Penápolis
Pinhal
Piracicaba
Pirajuí
Pirassununga
Pompéia
Presidente Prudente
Presidente Vencesiau
Quatá
Rancharia
Registro
Ribeirão Preto
Rio Claro
Santa Cruz do Rio Pardo
Santo Anastácio
Santos
S. Bernardo do Campo
São Carlos
São João da Bôa Vista
São Joaquim da Barra
São José do Rio Pardo
São José do Rio Preto
São Simão
Sorocaba
Tanabí
Taubaté
Tietê
Tupã

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás
Goiania — "
Campo Grande — Mato Grosso
Natal — Rio Grande do Norte
Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Rio de Janeiro — Distrito Federal
Uberlândia — Minas Gerais

MATRIZ: Praça Antônio Prado, 6 — São Paulo — Caixa Postal, 789 — Endereço telegráfico: BANESPA

Cobertura do solo do cafèzal

Estudos preliminares sôbre a aplicação de cobertura morta e densa do solo em cafeeiros novos conduzidos no Brasil, pelo IBC Resarch Institute, demonstraram um aumento aproximado de rendimento, na colheita de 1956, da ordem de 72%. Verificou-se, também, haver uma correlação linear bem estreita entre a densidade de cobertura do solo e o rendimento. Assim, cobertura morta leve do solo resultou em rendimentos menores do que os conseguidos nos canteiros onde se processaram coberturas mais densas.

O acréscimo do rendimento parece estar diretamente relacionado com o melhoramento das condições para o sistema radicular do cafeeiro. Entre os benefícios diretos oriundos da cobertura morta do solo, podemos destacar o aumento de umidade disponível e o abaixamento de temperatura do solo, além do melhoramento de suas composições químicas e físicas. Entre os benefícios indiretos, podemos destacar a melhor conservação do solo e a eliminação dos efeitos maléficos da erosão.

Como fatores que desabonam a cobertura do solo, podemos apontar o maior perigo de incêndio e condições mais favoráveis para a ocorrência de geadas. O perigo do fogo poderá ser controlado por meio de vigilância permanente, ao passo que o aumento no rendimento compensará, em grande parte, o perigo decorrente de condições mais favoráveis para geada.

Por meio da análise foliar, verificou-se que os níveis de fósforos e potássio são mais elevados nas plantas dos canteiros com cobertura morta do solo do que naqueles dos canteiros testemunhas sem cobertura do solo. Observou-se, também, que cobertura morta, densa, nos estágios iniciais do desenvolvimento da planta, provoca uma depressão no teor de nitrogênio disponível, de maneira que aplicações adicionais de nitrogênio deveriam ser feitas durante as primeiras aplicações de cobertura morta. Com relação aos elementos menores verificou-se, aparentemente, uma redução no manganês disponível, visto serem os teores dêsse elemento, nas folhas resultantes de canteiros sem cobertura, acima do dobro daqueles encontrados nas folhas de plantas dos canteiros com cobertura morta do solo. Os teores críticos de manganês nas folhas não foram ainda estabelecidos com precisão, acreditando-se, entretanto, que essa redução na disponibilidade de manganês é benéfica ao cafeeiro.

(De "O Estado de São Paulo", 26-6-57)

O primeiro cuidado na formação dos cafèzais está na escolha da semente

O cafeicultor, jamais, deve utilizar-se de sementes de origens desconhecidas, porque a má semente quase sempre é responsável pela formação de maus cafèzais improdutivos e anti-econômicos. A boa semente é um fator decisivo na formação de lavouras altamente produtivas. Assim, deve-se dispensar todo o cuidado na seleção das sementes e modo de plantio, de forma a assegurar, de início, uma produção cafeeira de alto padrão de qualidade.

As sementes selecionadas asseguram a formação de cafèzais produtivos e altamente resistentes às pragas, às geadas ou às ondas de frio. Experiências levadas a efeito provaram que os cafèzais formados de sementes selecionadas asseguram maior rendimento por pé plantado e, por serem mais precoces, produzem mais cedo que os cafèzais oriundos de sementes comuns.

Vale dizer que o primeiro cuidado na formação dos cafèzais está na escolha das sementes. Mas, isso, evidentemente, não é tudo. Depois da semente, há de se pensar na fertilização do solo, como meio de garantir o húmus, sem o que as lavouras não florescerão livremente e com todo o vigor desejado. O processo de fortalecimento do solo deverá ser feito, assim, periòdicamente, a fim de que as lavouras de café existentes não se percam e, mais tarde, seja necessário proceder-se o seu replantio. Todos sabem que o replantio sòmente é feito em último caso, isto é, desde o momento que se saiba impossível a sua recuperação. O replantio é, assim, uma medida extrema e, por ser assim, representa um prejuízo considerável para o cafeicultor o aniquilamento de todo um cafèzal improdutivo para dar a um outro que lhe possa proporcionar, alguns anos depois, uma produção compatível com a área plantada.

Assim sendo, nunca se deve esperar que a terra cultivada se esgote, porque com o seu esgotamento ou exaustão, as lavouras, naturalmente, serão prejudicadas, muitas vêzes de forma irremediável. Conhecem-se vários exemplos de terras, outrora extremamente férteis, que, após profundamente exploradas, se tornaram estéreis. Antigamente, quando isso acontecia, os cafèzais emigravam, indo localizar-se em outros pontos. Chamava-se a isso, a êsse processo errante, de cultura cafeeira itinerante. Mas, hoje está provado, essa má política tem oferecido maus resultados à cafeicultura brasileira, porque muitos cafèzais foram organizar-se em regiões impróprias e inadequadas, portanto, sujeitas às geadas. O aconselhável é sujeitar-se o plantio da rubiácea às zonas geo-econômicas provadamente adequadas ao seu florescimento e produção.

No que respeita à formação de sementeiras, o cafeicultor brasileiro poderá beneficiar-se imensamente, preparando espécies selecionadas para uma futura formação de lavouras novas e de alto teor de produtividade. Em vez de lançar as sementes ao solo, poderá lançar as sementes em sementeiras ou viveiros, de baixo custo e, portanto, altamente econômicos. Essas sementeiras ou viveiros poderão ser feitos ràpidamente e com laminados de madeira. Sua utilização já foi provada com êxito por vários cafeicultores e está ao alcance de qualquer um. A confecção do vaso é simples. Prende-se o vaso com aros de arame n.º 22 e para que o laminado de madeira possa ser usado sem rachar e seja fàcilmente removível é necessário que, antes de usá-lo, seja mergulhado na água durante algum tempo. Observado isso, a formação de viveiros ou sementeiras poderá ser executada com a maior rapidez e sucesso. As vantagens decorrentes dêsse processo, conforme dissemos acima, estão provadas pela prática. As culturas de café assim levadas a efeito têm progredido ràpidamente e, em pouco tempo, os cafeeiros começam a frutificar.

(De "A Gazeta", 21-6-57).

AMPARO À CAFEICULTURA

A propósito do decreto assinado hoje pelo presidente da República de amparo à cafeicultura nacional, o sr. Paulo Guzzo, devidamente autorizado pelo ministro da Fazenda, declarou ainda à reportagem:

"Queria chamar a atenção dos senhores para o decreto que foi assinado pelo presidente da República e enviado à publicação. Reputo a assinatura dêsse acontecimento fato de maior importância para a cafeicultura nacional, pois com o decreto foram implantadas as bases de uma política permanente de café. É medida de tal alcance que podemos afirmar que jamais govêrno algum tomou providência que tão fundamentalmente interessasse à econômia cafeeira do Brasil".

(Da "Fôlha da Manhã", 5-6-57)

PRONUNCIAMENTO DO PREFEITO DE LONDRINA

"Pela primeira vez o govêrno vem, realmente, ao encontro dos anseios de cafeicultores, eis que nunca, como se fêz agora, foram provocadas providências de tal significado, quando a produção ainda se encontra nas mãos de produtores" — declarou à reportagem o sr. Antonio Fernandes Sobrinho, prefeito de Londrina, do Estado do Paraná, a propósito do decreto assinado pelo presidente da República, concedendo recursos para amparo à lavoura cafeeira.

"Só isto — disse ainda o sr. Fernandes Sobrinho — já recomenda o atual govêrno à simpatia da cafeicultura, que deve e pode depositar confiança no ministro da Fazenda, sr. José Maria Alkmin, e no nosso grande presidente Juscelino Kubitschek".

(Da "Fôlha da Manhã", 6-6-57)

Preceitos gerais de plantio do café

I — Adquira sòmente sementes despolpadas, de colheita recente, preferìvelmente selecionadas e distribuidas pelo govêrno; calcule, para plantio com mudas a base de 1,25 quilos por covas, e procure formar uma lavoura com 25% de Caturra e 75% de Mundo Novo, Bourbon Amarelo ou Bourbon Vermelho.

II — Em viveiros prèviamente construidos, semeie diretamente nos recipientes cheios de terra bem estercada e adubada, de agôsto a outubro — ou em canteiros preparados como para horta, quando por qualquer motivo a semeação só possa ser feita em novembro ou dezembro; calcule a área necessária de viveiro, considerando que cada metro quadrado dá para produzir 110 mudas individuais de 8 cm. de diâmetro.

III — As mudas assim preparadas "no ponto" para plantio em março, abril e maio, que é a melhor época, e deverão ter mais ou menos 20 cm. de altura, porte reto e vigoroso e providencie para que, ao menos 1 mês antes de serem utilizadas, as mudas passem a receber paulatinamente maior insolação (até 70% de sol).

IV — Escolha, com o maior cuidado os terrenos de solos profundos, despraguejados e poucos sujeitos aos ventos frios e geadas — e nunca cubra com o cafèzal mais de 33% da área total de sua propriedade, ou mais de 50% quanto se tratar de chácara ou pequeno sítio; escolha a área que vai ser utilizada, trate de destocá-la (se fôr o caso) arando e gradiando em seguida.

V — Com bastante antecedência, proceda demarcação geral dos talhões, dos carreadores-mestres em nível e dos carreadores de interligação, e das linhas de nível onde serão demarcadas as "covas"; cada talhão deverá conter mais ou menos 5.000 pés ou "covas". Solicite, para êstes trabalhos, a assistência da Secretaria da Agricultura e gradeando em seguida.

VI — Escolha, com o maior cuidado, o espaçamento adequado para o seu caso, tendo em vista que é mister formar uma lavoura cujo solo fique sombreado pelos próprios cafeeiros, com um único vão livre de 0,50 m a 0,80 m no meio das ruas de nível; recomendam-se os seguintes, para terras médias já trabalhadas:

a) Variedade de Porte Grande — 2,50m x 3,30 m ou 2,50m x 3,50.

b) Variedade Caturra — 2,00m x 2,80m.

VII — Com alguma antecedência mande abrir covas de 50 x 50 cm de "boca", por 40 cm de profundidade, tomando cuidado de separar a "terra" removida dos primeros vinte centímetros, com a qual misture cêrca de 15 a 20 litros de estêrco bem curtido, 300 a 400 gr. de farinha de ossos e 60 a 80 gr. de cloreto de potássio; essa parte "gorda" será colocada no fundo de cova que, em seguida, é enchida, para aguardar o momento do plantio.

VIII — No dia apropriado (chuvoso ou após forte chuva), plante 4 mudas por cóva, em quadro de mais ou menos 25,30 cm de lado, tomando cuidado de remover antes a "capa" dos cartuchos, não quebrar o "terrão" e comprimir bem a terra ao redor de todo o cilindro enraizado, acabado por "abaciar" a superfície

de cada cóva e cobrir essa depressão, em torno das plantinhas, com vegetação morta, uma turma de 12 homens, convenientemente organizados, podem plantar até 2.000 cóvas por dia de serviço.

IX — A nova lavoura, até o 3.º ou 4.º ano, será cultivada apenas com forte adubação verde ou "forrageamento" do solo livre; a partir da primeira "franca produção", continue com os adubos verdes, porém, proceda a uma adubação completa de 2 em 2 anos. Cafèzal assim formado, de alto rendimento, fácil trato, justificará amplamente a introdução intensiva dos modernos meios de cultivo, tais como desbrota sistemática, calagem, cobertura de solo, contrôle preventivo de pragas e irrigação, inclusive e principalmente, uma cuidadosa colheita que possibilite a produção de café de melhor qualidade.

X — Se V. se dispuser a plantar café em terra já trabalhada, deve, acima de tudo ter sempre em mente êstes três lemas:

1.º Café é lavoura para meio século — e por isso não admite erros iniciais, especialmente quanto ao espaçamento e capricho geral do plantio.

2.º É sempre preferível ter um menor número de pés que possam ser bem tratados — do que uma grande extensão que não esteja de acôrdo com sua capacidade de cultivo.

3.º Gaste o que fôr preciso no comêço, para economizar e usufruir amplamente no futuro, com base em uma lavoura de elevado rendimento, custeio econômico e que produzirá café de melhor cotação no mercado.

Para outros detalhes, procure na Casa da Lavoura o agrônomo regional da Secretária da Agricultura.

(Do "Correio Paulistano", 23-6-57).

Repercussão, na Zona da Mata, das medidas tomadas com relação ao café

Regressando de Juiz de Fora, onde compareceu à sessão de encerramento da exposição agropecuária ali realizada, o sr. Newton Ferreira de Palma, diretor do I. B. C., declarou que as medidas últimamente adotadas em relação ao café tiveram a melhor repercussão na Zona da Mata. Acrescentou que, após haver discursado em sessão realizada na Associação Rural de Juiz de Fora, quando expôs as finalidades das providências aprovadas pelo govêrno e esclareceu pontos sôbre os quais foi arguido, recebeu dos dirigentes da entidade manifestações de plena simpatia e de apôio àquelas medidas.

(Da "Fôlha da Manhã", 6-6-57)

Processo prático de preparo de mudas

CARIVALDO GODOY JÚNIOR

Pelas vantagens do ponto de vista técnico e econômico que oferecem, as mudas individuais de laminados ganharam definitivamente a preferência do cafeicultor paulista. De fato, graças a êsse tipo de muda, é possível a reunião de quatro plantas de igual desenvolvimento, convenientemente espaçadas na cova.

Para o seu preparo, podemos partir da clássica sementeira feita em viveiros artificiais, do tipo de ripado ou de simples cobertura com fôlhas de palmeira ou, então, em viveiros naturais, clareiras de mata ou sombra de árvores frondosas. Cavados os canteiros, adubados ou não, segundo as condições do solo, as sementes são distribuidas em sulcos de 2 a 3 cm de profundidade, afastados de 15 cm entre si. Nêles, o espaçamento observado entre sementes é de cêrca de 5 cm. A cobertura destas é feita com terriço peneirado, e a superfície do canteiro é ainda protegida por uma cobertura de palha, para evitar-se os respingos da chuva. Com tal espaçamento, cabem, por metro quadrado de canteiro, pouco mais de cem sementes, podendo esperar-se delas, em condições normais, uma centena de mudas. O transplante para os laminados é feito, geralmente, quando as mudas apresentam de 4 a 6 pares de fôlhas. Caso o transplante seja feito no estado de "palito de fósforo" ou de "orelha de onça" pode-se diminuir o aludido espaçamento.

Com o intuito de facilitar o preparo de mudas, tem-se preconizado a semeadura direta nos laminados: duas sementes em cada laminado. Posteriormente, procede-se ao desbaste nos laminados que apresentem duas mudas, com aproveitamento da planta desbastada num laminado cujas sementes falharam. Como a germinação das sementes do cafeeiro não se dá por igual, o trabalho de desbaste e replanta é retardado com prejuízo evidente para a uniformidade dos lotes. Além disso, em conseqüência da germinação verificar-se no próprio laminado, êste se apresenta mais estragado por ocasião do plantio no cafèzal que no processo precedente.

Um processo que apresenta maiores vantagens é o do germinador de areia. Proporciona uma economia muito grande de espaço no viveiro, e concorre para a formação de lotes uniformes de mudas, com um mínimo de trabalho na semeadura e durante a fase de germinação.

O germinador de areia pode ser uma simples caixa de madeira ou de cimento de superfície variável, com uma altura ao redor de 20 cm e provida de suficiente drenagem.

A areia usada é a de rio, procurando-se evitar a muito fina.

O preparo dos germinadores é muito simples: primeiro coloca-se uma camada grossa de areia, convenientemente comprimida, de cêrca de 15 cm, pouco mais, pouco menos, precedida ou não de uma camada fina de cascalho. Coloca-se uma camada uniforme de sementes, de forma a tapar completamente a superfície da areia. Assim distribuidas, consegue-se semear cêrca de dois quilogramas de sementes (mais ou menos 12.000 sementes) num metro quadrado. Cobrem-se, então, as sementes com uma última camada de areia de mais ou menos dois centímetros. O trabalho agora é molhar muito bem, quase diàriamente, de modo que não falte água.

Os caixotes de madeira, quando deixados no chão do viveiro, devem repousar sôbre tijolos, pedras ou caibros para facilitar a sua conservação. Convém reforçar ainda com arame ou com pregos longos suas paredes, antes de usá-los, para evitar que pelas irrigações sucessivas se soltem com facilidade.

Durante a fase de germinação — cêrca de 60 dias — aproveita-se o tempo para o enchimento dos laminados, o que é feito com uma mistura de duas partes de terra arenosa para uma de estêrco ou de partes iguais de terra argilosa e estêrco. É aconselhável que esta mistura seja feita com antecedência de duas ou mais semanas da data de início do enchimento dos laminados para melhor homogeneização do substrato.

A passagem das mudas para os laminados se faz mais ou menos no estado de "palito de fósforo" ou de "orelha de onça". Molhados convenientemente de véspera, os laminados preparados vão sendo furados no centro, por meio de um plantador de madeira, numa profundidade de 8-10 cm. Ao mesmo tempo, arrancam-se as mudas dos germinadores, e sua distribuição e plantio. À medida que os lotes vão ficando prontos procede-se à irrigação para melhor ligação de solo e mudas.

Com êste processo, aproveita-se integralmente o viveiro para a distribuição dos laminados; evitam-se o preparo e a adubação de canteiros; diminui-se a probabilidade do aparecimento da moléstia conhecida por "tombamento das mudinhas"; restringe-se a superfície a ser tratada durante a fase de germinação. Com tôdas essas vantagens, podemos dizer que se trata de um processo prático e econômico de preparo de mudas de café.

(Do "Suplemento Agrícola" — 5-6-57)

Sombreamento e café fino

João LOPES
(Lavrador em Pirajú)

Estou certo de que o Instituto brasileiro de Café tem procurado empregar todos os esforços para a melhoria do nosso principal artigo de exportação. Mas, nas publicações notam-se alguns lapsos que precisam ser evitados, para a boa orientação dos cafeicultores. Cita, por exemplo, que "em Salvador, com uma grande festa, efeituou-se a entrega de um prêmio a um grande produtor de despolpados". Qual o motivo por que o prêmio foi dado a um fazendeiro da Bahia? Qual o método que aplicou para ser tão altamente distinguido? Tais citações do Instituto devem ser ser acompanhadas de explicações, parpa que possamos conseguir o mesmo resultado que êsse fazendeiro, baiano, ou outro qualquer.

O Instituto exorta os fazendeiros a produzirem café fino pela boa colheita e preparo, ou pelo despolpamento. Mas, fica sempre algum ponto, obscuro. Não podemos despolpar senão uma parcela insignificante da nossa produção, porque na lavoura insolada o fruto se mantém em estado de cereja apenas de 4 a 5 dias.

Entretanto, se fôr sombreado, o nosso café pode ser todo despolpado e apresentar-se ao mercado com os mesmos caracteres dos concorrentes estrangeiros.

Não conhecemos nenhum processo pelo qual possamos extinguir o mau gosto do nosso café, duro ou Rio.

Portanto, se o Instituto deseja café fino deve fazer-se uma exposição sôbre como consegui-lo. Do contrário, todo o esforço despendido na atual campanha será inútil, não passará de paliativo.

Só conhecemos um remédio — o sombreamento. Sombreadas as nossas lavouras, o nosso café se apresentará dotado do mesmo aspecto e da mesma qualidade do famoso café da Colômbia.

O prefeito de Pirajú é um estudioso da cafeicultura e fervoroso adepto dos cafés de boa qualidade. A Prefeitura concede anualmente 3 prêmios aos 3 melhores produtores de cafés finos. Se outros prefeitos dos municípios cafeeiros tomassem o mesmo interêsse pelo café dariam grande impulso à promissora campanha sôbre os cafés suaves.

A julgar pelas frases publicadas pelo I.B.C., evitando referências ao sombreamento, o nosso café melhorará, mas não poderá nunca rivalizar com os "milds" dos nossos concorrentes.

Na lavoura insolada há dois fatores que concorrem para a decrepitude prematura dos cafeeiros: o sol que destroi o húmus que cobre a superfície da terra, tornado-a dura e impenetrável; as águas que, não sendo absorvidas, se transformam em exurradas, causas primordiais das erosões. O outro fator é a coroação. Êsse trabalho acarreta uma sangria anual do cafeeiro, destruindo pela enxada

as suas raízes superficiais. Sendo essas raízes em maior quantidade, e com a função de alimentar o pé de café, dizimidas anualmente é lógico que a produção caia sem possibilidade de se erguer, por melhor que seja o trato da lavoura. É o que se observa aqui em Pirajú: cafèzais em solo fertil, plano, sem nenhuma erosão permanecem deficitários por melhor que seja o trato. Uma das vantagens das lavouras sombreadas é que nelas não se pratica a coroação.

Na Fazenda Santa Marina, que administro, de propriedade do sr. Farah Dabus, quando pertenceu ao sr. Joaquim de Camargo, foram sombreados 10 mil pés de cafés, a título de experiência. Êsses talhões sombreados, contra tôda a expectativa, deixaram de produzir. A solução única seria a derrubada dos ingàzeiros. Mas, antes de fazê-lo tive a sorte de consultar o ex-proprietário, o nosso lider. O sr. Joaquim de Camargo, atualmente prefeito de Pirajú, foi contra essa medida drástica. Achava que o sombreamento não estava bem conduzido. Então, resolvi visitar em Avaré uma fazenda cujos talhões sombreados, mais ou menos de 40 mil pés, eram muito produtivos. Verifiquei, confrontando os dois sombreamento, que o mal estava no excesso de sombra. Voltando à Santa Marina, mandei diminuir a sombra dos ingàzeiros. Foram retiradas sessenta carroçadas dos galhos decepados das árvores de sombra. Dessa data em diante a lavoura sombreada começou a produzir muito, mais que a insolada. Êste ano a sua safra está avaliada em 70 arrobas por mil pés, tendo sido a da parte insolada avaliada em, mais ou menos, 40 a 50 arrobas por mil pés. Em face desses resultados o sr. Dabus resolveu sombrear tôda a lavoura, isto é, mais 90 mil pés que se acham a pleno sol. Além da boa produção, o café sombreado é do tipo 4, bebida mole, ao passo que o insolado é no geral Rio.

Se eu mandasse derrubar os ingàzeiros? Seria um ato de consequencias funestas para o futuro de Pirajú. Inúmeros fazeideiros deste próspero município, que começam a sombrear os seus cafèzais, desistiram do sombreamento. As nossa lavouras, num solo que se tornará duro, erosado e empobrecido pela de húmus, teria o mesmo fim que as lavouras do Estado do Rio, do Vale do Paraiba e de Ribeirão Preto. Não podendo atender ao comércio consumidor que nos poderá exigir de um momento para outro café despolpado em massa, que nos salvaria de um colapso financeiro brutal e imprevisto?

(Da "Fôlha da Manhã", 2-6-57)

MUDAS BEM CUIDADAS

O cuidado que se deve dispensar às mudas do cafeeiro constitui medida básica para a manutenção em altas condições técnico-agrícolas da lavoura do nosso principal produto exportável. Nos chamados "viveiros", são conservadas e abrigadas das intempéries, dada sua fragilidade, as mudas, que, transplantadas, no tempo oportuno, oferecerão resultados verdadeiramente proveitosos para a cafeicultura.

A COLHEITA EM PANO

Rogério de CAMARGO
(Ex-diretor do Departamento Técnico do Café, do Ministério da Agricultura)

O Brasil vem assistindo a um impacto tremendo no setor da concorrência do café, nos mercados consumidores, notadamente nos Estados Unidos. A África, que já vinha produzindo seus maravilhosos despolpados de Uganda e Tanganika enveredou para os robustoides da espécie Kanephora, mais rústicos e mais fáceis de cultivar. Esses cafés são de gôsto neutro isto é, quando em mistura com os cafés finos de outras procedências não lhe deturpam as boas qualidades, enquanto os nossos duros e riados modificam-lhe sensìvelmente o gôsto, tornando-os inferiores e de menor cotação. Daí, a preferência também aos robustas.

A concorrência tomou aspecto mais sério para as possibilidades brasileiras depois que a África passou a investir, nos mercados, com seus oito milhões de sacas, com possibilidades para dobrar a produção em pouco tempo, mormente quando se sabe que só a África Francesa está produzindo cinco milhões.

Não é novidade para ninguém que já fomos os detentores do cacau e o perdemos para os nativos da Costa do Ouro; já fomos os primeiros produtores da borracha, com absoluta hegemonia mundial, e a perdemos para as antigas Ilhas Neerlandesas, de onde, aliás, passamos a importar grandes partidas dessa matéria-prima. Estamos, agora, na iminência de vermos reduzida a nossa exportação de café, principalmente porque o nosso produto é de inferior qualidade, não podendo concorrer, nem mesmo em preço, com os robustas africanos, na sua maior parte lavados, ou melhor, despolpados. Os robustas são, pois, cafés limpos, isentos de defeitos e impurezas.

Os cafés despolpados, notadamente os "milds" vêm de há muito merecendo a preferência, nos mercados consumidores, por êstes dois motivos: a) sabor suave e encorpamento da bebida; b) belíssima apresentação, que os põe fora da tabela oficial de classificação (pois não contêm defeitos e impurezas).

Depois que o café passou a ser um produto considerado caro pelas donas de casa americanas, as exigências quanto à qualidade aumentaram extraordinàriamente. A concorrência dos milds, que já era grande — a ponto de nos colocar na inferior posição de fornecedores de apenas o que costuma faltar ao computo geral do consumo, está aumentando também extraordinàriamente. O México por exemplo, que não produzia, em 1937, quando por lá passei em viagem de estudo, senão um milhão de sacas, está com um programa, em vesperas de realização, para cinco milhões, ou sejá, produção quase igual à de São Paulo. E seus cafés são todos despolpados.

O que se pode inferir disso tudo é que estamos ameaçados de perder também a hegemonia cafeeira, como

perdemos a do açúcar, do cacau, da borracha. Já fomos detentores de 70% do fornecimento mundial do café e, hoje, não alcançamos 40%. Esta perda tremenda encontra a seguinte explicação: o café brasileiro, na sua grande maioria, é de inferior qualidade; e além do mais, é o mais caro. Quando se sabe que os finíssimos milds da Colômbia e da América Central são produtos oriundos de uma colheita caprichada, feita a dedo, em panos, sòmente do cereja sazonado, impressiona-nos sobremodo a maneira descuidada como fazemos a apanha no Brasil.

É bem verdade que há uma notável diferença entre as lavouras dêsses países e as que adotamos entre nós, pois o sombreamento generalizado em todos êles, permite-lhes uma colheita de mais de 90% do cereja maduro, ao passo que em nossas lavouras, insoladas, essa possibilidade poderá alcançar 20%, se quizermos colher a cereja em massa. O sol causticante acelera a maturação do fruto e não o mantém em estado de cereja senão por poucos dias. Daí, porque é de uso corrente no Brasil a colheita natural ou de varrições. Êste sistema, aliás, mais fácil, atende à lei do menor esforço, mas desprimora extraordinàriamente as qualidades do produto.

É sabido que em 90% da atual produção brasileira, o café que seca, ou melhor, que se torna em côco ou bóia, ainda no galho, antes mesmo de cair no chão, já está deteriorado nos seus requisitos organolepticos, em razão do ataque de uma flora microbiana banal à sua polpa mucilaginosa e açucarada.

Quer isto dizer que o café que era estritamente mole quando em cereja, passou a ser riado ou duro, quando seco com a casca.

Sem citarmos o Estado do Rio, a pátria dos típicos riados, ou o Estado Espírito Santo, Paraná e Minas, para só nos determos na apreciação das conhecidas zonas da Alta Sorocabana, Noroeste, Paulista, Araraquarense, etc., onde 80% da produção são de cafés inferiores quanto à qualidade, estarrece-nos o pensar no futuro da lavoura cafeeira do Brasil, cujo sistema de colheita é dos mais precários para a solução do problema.

Já é do consenso universal o fato de se poder fazer cafés finos, ou melhor, genuinos milds, em qualquer sitio ou fazenda, em qualquer zona ou região quando se tenha em mãos o café cereja (muduro) capaz de ser despolpado no mesmo dia da colheita. O despolpamento, no caso, é problema secundário quanto à sua exequibilidade, pois até com aparelhos rudimentares é possível executá-lo. O problema, o grande problema está, pois, na colheita do cereja em massa, ou seja, a matéria-prima "sine quanon" dos afamados milds. Faz-se mister aproveitar ao máximo o estadio de sazonamento do cereja, a fim de colhê-lo à parte, sem o perigo de sua mistura com o café caido ao solo e que está, de há muito, à espera de ser varrido e levantado.

A nosso ver, o único processo capaz de conduzir o lavrador a uma grande possibilidade de fazer cafés finos, está na prática corrente e sistemática da colheita em pano.

A colheita em pano é, por si só, um processo seletivo, justamente porque evita que o café a ser derriçado possa cair ao chão e, aí, ser misturado com os ardidos e pretos, já em franca degradação em contato com a terra, mormente nos dias de chuva. Os ardidos e pretos são cafés deteriorados, em seus últimos está-

gios de fermentação, razão porque apresentam gôsto e cheiro suigeneris de putrefação. Basta um só ardido para deturpar o sabor de 200 g de um fino pròduto.

Êste fato, fàcilmente constatado nas provas de xícara a que são submetidas as amostras, antes da exportação dos lotes, impõe, por si só, a necessidade do uso do pano nas colheitas do café. Aliás, precisamos convir que o uso do pano não constitui novidade, entre nós. A zona que mais engrandeceu o nome do café do Brasil, no exterior, foi a que hoje denominamos velha, onde os cafèzais se depauperaram e quase desapareceram, conhecida por Alta Mogiana. Por fôrça de uma flora microbiana especial — a que diríamos nobre — e que incute ao produto por ela atacado o sabor e o cheiro estritamente moles, essa zona sempre adotou, nos tempos antigos, o uso do pano em suas colheitas, visando especialmente evitar-se a mistura dos cafés caidos ao chão com os da colheita pròpriamente dita. A Alta Mogiana e os municípios do Sul de Minas, com o uso do pano, em suas colheitas, outrora miraculosas por sua alta produtividade, fizeram a grandeza do Brasil e possibilitaram uma facílima propaganda do café, dadas as suas excelsas qualidades.

Nas zonas de cafés duros e riados, a única solução para aprimorarmos as qualidades do nosso café, consistirá na adoção da colheita em pano. Nas praças de Santos, os cafés de colheita em pano auferem sempre grandes ágios.

(Do "Diário da Noite", 13-6-57)

*

Produzir cafés bem cuidados, limpos e de bom aspecto, dá pouco mais trabalho que produzir cafés maus. Muito pouco aparelhamento se exige, a mais, para a produção de cafés finos. O que é necessário é principalmente cuidado, atenção, capricho.

E o ágio sôbre os bons cafés compensa, de sobra, êsses cuidados, além do fato de que, nos tempos de superprodução, os cafés que *sobram* não são, por certo, os de boa qualidade e bom aspecto.

Uma lavoura condenada da zona da mogiana salva pelo sombreamento

Urbano dos SANTOS BONFIM
(Agricultor em Cravinhos)

Um fazendeiro de Franca, sr. Jonas Ribeiro, em artigo publicado no conceituado jornal FÔLHA DA MANHÃ, declara que concorda com a opinião de um jornalista que acha o café uma cousa complicada. Critica os que fazem campanha dos cafés suaves, sem terem, muito dêles, visto uma lavoura sombreada. Assevera que em Cravinhos um fazendeiro teve que cortar milhares de pés de café, deixando sòmente os ingàzeiros. Revolta-se contra o despolpamento, alegando que em criança, nos anos de 1890 a 1893, na Fazenda Passa Quatro, notou que o despolpado, depois de beneficiado, tornava-se descorado e entumecido. Acha que a zona de Ribeirão Preto não domina mais o comércio de café do mundo, deixou de ser um celeiro, por incúria do govêrno.

Discordo em absoluto do fazendeiro francano. A lavoura de café não é mais a de 60 anos atrás. Ela progrediu. Quem não acompanhou a sua evolução; quem se mantém agrilhoado à velha rotina, não a pode compreender, nem tão pouco o seu precioso fruto. Quem faz a campanha dos cafés finos, conheça ou não lavoura de café é um amigo do progresso, dotado de espírito cívico. Mas, o que combate o sombreamento sem nunca ter visto uma lavoura, sombreada, é um derrotista, nocivo ao interêsse coletivo.

O cafeicultor que despolpa hoje, é mais atilado; sabe que despolpado sêco ao sol, perde a vitalidade e branqueia. Com a técnica moderna isto não acontece: o sr. Oswaldo Alves de Araujo, na sua fazenda sombreada de Campos Altos, Minas, com 400 mil pés de café, numa colheita de 80 arrobas por mil pés, despolpou e vendeu tôda a safra por .. Cr$ 3.600,00 a saca. O café não branquejou e alcançou êste preço porque a seca foi feita em secadores, não no terreiro, a pleno sol. Quando a zona da Mogiana foi povoada, o Brasil era quase o único produtor mundial de café; não se conhecia outro processo de sua cultura a não ser o insolado. Portanto, o govêrno não podia prever nem evitar que os cafèzais da Mogiana, de curta duração, deixassem na sua passagem um oceano de terras devastadas. Agora que sabemos que estas terras podem ser recuperadas pelo sombreamento, o govêrno será culpado se cruzar os braços. Serão culpados também to-

dos aqueles que se enriqueceram com o café e que, sem nenhum espírito de gratidão e de civismo, deixam de empregar esforços para a reconstituição da nossa lavoura para a produção de café fino, e vão explorar novas terras no Paraná, Mato Grosso e Paraguai.

A discussão sôbre a cafeicultura, mais que a de qualquer outro ramo da agricultura, deve ser alicerçada em fatos reais, inconfundíveis. A regra para a boa cultura do café e para uma produção que satisfaça às exigências dos consumidores, já estabelecida em outros países cafeicultores, entre nós é uma questão litigiosa, porque queremos resolvê-la, não no campo da experiência e da observação, mas por argumentos teóricos em que predominam muitas vêzes, o amor próprio e a falta de sinceridade.

Palavras do sr. Jonas Ribeiro: "Em Cravinhos sombrearam alguns mil pés de café com ingàzeiros — o resultado foi tão interessante que o proprietário mandou cortar o cafèzal, ficando sòmente os ingàzeiros, que ainda lá estão a produzir belas favas". Sendo eu o único fazendeiro sombreador em Cravinhos, passo a responder-lhe. A minha lavoura, não obstante o bom trato, com os galhos dos arbustos secos e com poucas folhas, achava-se em plena decrepitude e improdutiva. Resolvi sombreá-la. O sr. Rogério de Camargo foi de opinião que ela não ressurgiria, mas que convinha o sombreamento porque mais tarde poderia tôda ela ser substituida por replantas com mudas selecionadas. Contra tôda a espectativa, os velhos cafeeiros se revestiram de belas frondes e com boa produção. Mas, dos 72 mil pés de café sombreados, 4 mil, plantados num espigão sêco e ácido, à beira da estrada que liga Ribeirão Preto a São Paulo, por continuarem perrengues e deficitários, foram abandonados, até que mais tarde possam ser substituidos quando se der a recuperação do húmus pelas folhas dos ingàzeiros.

Um estudo feito aqui na minha fazenda julgo servir de útil advertência aos futuros cafeicultores das terras estragadas da zona de Ribeirão Preto. Plantei em terra cansada duas pequenas lavouras de café. Uma foi sombreada, a outra não. Na parte sombreada, a rubiácea cresceu com muito viço. Na insolada, as novas plantas se manifestavam raquíticas, com evidente falta de nutrição: resolvi então sombreá-las; começaram a tomar novo aspecto e desenvolver-se normalmente. Aqui na fazenda Liberdade cada ano que passa a produção aumenta, porque aumenta também no solo a espessura do húmus. Ao contrário do que se observa na lavoura a pleno sol: cada ano que passa diminui a produção em conseqüência da diminuição da camada de húmus destruida pelo sol e pelas enxurradas. Tenho notícia de que alguns fazendeiros humificaram terras gastas com estêrco de galinha e de curral. Mas sòmente os bafejados pela fortuna, mesmo assim em pequena escala. Com o ingàzeiro,

ao alcance de qualquer bolsa, a humificação pode ser geral, abrangendo, com o tempo, tôdas as terras cansadas do Estado de São Paulo.

As lavouras sombreadas no Estado — são em maior número do que se pensa. Para confirmar esta minha asserção vou citar o que se passou com o sr. Sirvino Belini, proprietário da Fazenda Santo Inacio, em Cravinhos. Desejando sombrear sua fazenda, procurou ouvir a minha opinião. Aconselhei-o a visitar alguma outra fazenda sombreada. Dirigiu-se para Marília e, em Nova Colúmbia, visitou a Fazenda Santa Teresa, dos Irmãos Genta. Ficou pasmo com o espetáculo maravilhoso que acabava de presenciar: 150 mil pés de café sombreados que mais pareciam um laranjal, de tão grandes e frondosos. A safra está calculada em 100 sacas em côco por mil pés, ou mais de 120 arrôbas por mil pés, porque sabemos que o café sombreado rende mais no benefício que o insolado. A minha fazenda mantém uma média de 50 arrobas por mil pés. Para uma lavoura velha, que já devia ter desaparecido se não fôsse sombreada, não se pode desejar melhor produção. Classificado estritamente mole, o fruto alcança o maior preço no mercado. Mas, se algum dia os consumidores nos exigirem café "mild", despolpado, estarei em condições de produzi-lo em massa, 100% da produção. Quando o Instituto Brasileiro do Café deixar de publicar fotografias de cafèzais insolados, produtores de café duro e Rio, e substituir a atual confusa campanha pelos cafés finos por outra campanha persuasiva, eficiente e objetiva, nada terá que exigir de mim, modesto agricultor que teve a felicidade de seguir à risca os sábios conselhos do deputado agrônomo Rogério de Camargo.

Sombrear. Será a maior arrancada bandeirante de todos os tempos para o bem de São Paulo e do Brasil. Não podemos permitir que o café emigre do território paulista, para outras plagas onde o ambiente não é tão adequado à sua cultura.

(Da "Fôlha da Manhã", 19-4-57)

Há fatôres naturais que influem na produção dos *cafés de bebida*. Em certas regiões êles são produzidos com maior facilidade: são um produto expontâneo, por assim dizer.

Mas, isso não significa que bons cafés não possam ser produzidos também em zonas menos adequadas. Tudo depende de cuidado e de técnica, principalmente durante a colheita, a secagem e o beneficiamento.

Reforma de cafèzais

Não são poucos os autores que nos últimos anos vêm chamando a atenção para a possibilidade de uma nova superprodução cafeeira mundial. É problema que interessa de perto tanto o continente americano como o africano e o asiático. Tanto assim que frequentes referências são feitas por técnicos de vários países sôbre o melhor trato a ser dispensado ao cafèzal para obtenção de maiores produções por área e esmero na apresentação para o produto ter rápida saida.

Recentemente, chamou-se a atenção para a política preconizada pelas autoridades colombianas, a fim de contornar a baixa produção de seus cafèzais. Tal política consiste na renovação completa das plantações nas zonas tidas como boas para o café, dentro de um prazo de cinco anos. A substituição seria feita intercaladamente no cafèzal velho e com financiamento por parte de um banco especializado. Acham as autoridades colombianas que o aumento de produção por área é de grande necessidade para a subsistência do café nas regiões que ora o cultivam.

Os ensaios feitos no Avaí têm também por objetivo o aumento constante de produção, com emprêgo de grande quantidade de adubos ao lado de poda bem controlada. Os cafèzais dessa região são tidos como dos mais bonitos e produtivos que se pode imaginar.

Em São Paulo, há tempos os técnicos vêm alertando os lavradores de que é uma necessidade dar balanço em todos os talhões da propriedade, a fim de eliminar os deficitários e substituí-los por novas lavouras nos locais onde isso seja possíevl. Aos poucos a antiga lavoura seria totalmente substituida por novas plantações.

As vantagens oriundas de tal procedimento são várias e tôdas elas conduzem a um aumento de produção por área. Não se deve preconizar o plantio intercarlar no cafèzal antigo, pois esta prática impede que a nova lavoura se forme bem, de acôrdo com a melhor técnica agronômica. A plantação em contôrno seria fator decisivo para favorecer o combate à erosão, ao lado dos cordões de contôrno e outras práticas conservacionistas. Além disso, os espaçamentos seriam mais reduzidos dentro das linhas e maior entre linhas a fim de facilitar à colheita. Espaçamentos apertados não devem ser aconselhados, a menos que se projete a plantação de modo a ser possível eliminação de parte dos cafeeiros tão logo isto se torne necessário. As adubações precisam ser anuais e de tal modo a manter o cafèzal enfolhado e produtivo, desde que existe boa corre-

lação entre o estado vegetativo e a produção.

Na substituição dos velhos cafèzais, um dos fatores decisivos no resultado final é o emprêgo de sementes de linhagens selecionadas, principalmente de Mundo Novo, Bourbon Amarelo, Caturra e Bourbon Vermelho. Nas plantações maiores seria de bom alvitre que não se usasse apenas uma linhagem, mas sim linhagens diversas dessas veriedades comerciais, para diversificar o material genético. A boa semente é a base para a formação de uma lavoura produtiva. Até há pouco havia certa dificuldade em se obter sementes de linhagens sellecionadas em quantidade suficiente para a substituição. Como a instalação de campos de produção de semente nas repartições oficiais bem como em propriedades particulares, hoje em dia esta dificuldade foi superada. Eão Paulo já produz semente para renovação de tôda a sua lavoura. Os lavradores deverão manter viveiros em suas propriedades a fim de facilitar o preparo de boa muda e plantio na ocasião oportuna. O mercado de sementes já se acha bem organizado, de modo que na época indicada podem semear as sementes adquiridas ou produzidas em suas propriedades, de tal modo e em quantidades suficientes para efetuar a substituição gradual da velha lavoura.

Ao que tudo indica o cafeeiro não deve mais ser considerado como planta de longa duração. Depois de atingir o período máximo de produção poderá perfeitamente ser substituido, usando na nova lavoura as mais recentes seleções e os métodos agrícolas mais indicados, tanto de formação como de manutenção do cafèzal. Os trabalhos de seleção progridem sempre, havendo possibilidade de selecionar linhagens de maior capacidade produtiva e apropriadas para os vários tipos de solo. Do mesmo modo os resultados obtidos com as novas práticas culturais poderão ser empregados na nova lavoura.

Êste movimento de renovação constante de cafèzal já é bastante intenso em vários municípios paulistas e seria conveniente que se estendesse principalmente para as regiões que sabidamente produzem cafés de boa qualidade e onde há muita plantação decadente. A alta produção por área será uma das melhores armas a adotar na competição que se espera pelos mercados internacionais.

(De "O Estado de S. Paulo", 12-6-57)

O QUE É O INSTITUTO AGRONÔMICO DE CAMPINAS

Reelaborou nos trópicos a ciência agronômica mais avançada do mundo

Está sediado à av. Barão de Itapura, 1.481 na cidade de Campinas Estado de São Paulo um dos estabelecimentos científicos mais famosos da América do Sul. Trata-se do Instituto Agronômico, fundado pelo imperador D. Pedro II em 27 de junho de 1887, atendendo à proposta que lhe fêz o Conselheiro Antônio Prado, quando Ministro da Agricultura.

Fatores de natureza econômica, histórica e geográfica impuseram-se à preferência do ilustre representante da Casa de Bragança, para que se instalasse na "Princesa d'Oeste" a Estação Agronômica que mais tarde após ser administrada pelo govêrno estadual, conseqüência do decreto n.º 707, de 8 de fevereiro de 1892, passou a ter a denominação que a fêz mundialmente conhecida: Instituto Agronômico de Campinas.

Em seus primórdios, a administração do Agronômico foi confiada ao eminente e conceituado cientista, F. W. Dafert, de nacionalidade austríaca, que desenvolveu um trabalho intenso e frutífero, pois soube enquadrar os problemas da agricultura paulista sob a cúpula da experimentação agronômica, dando início à consagração do estabelecimento que é um dos orgulhos da agricultura nacional.

Depois de Dafert, passaram pela administração do Instituto Agronômico diversos técnicos, tais como: Gustavo D'Utra, Uchôa Cavalcanti, Max Passon, Lourenço Granato, J. J. Arthaud-Berthet, Teoudureto Leite de Almeida Camargo, Joaquim Ferraz do Amaral, Fernando Febeliano da Costa Filho e Carlos Arnaldo Krug, cientistas e técnicos que dedicaram o melhor de seus esfôrços e ofereceram tôda a sua inteligência às questões agronômicas. Atualmente é seu diretor o eng. agr. José Elia de Paiva Netto.

LOCALIZAÇÃO

A 22º de latitude sul, a 47º de longitude oeste de Greenwich, a 580 m sôbre o nível do mar e distante de Santos, principal pôrto paulista 178 quilômetros, ao qual é ligado por moderna estrada de rodagem que passa por São Paulo, está localizado o Instituto Agronômico. Tem a servi-lo as estradas de ferro Santos-Jundiaí com tráfego mútuo com a Paulista, com a Mogiana e com a Sorocabana, e de Campinas ramificam-se diversas estradas de rodagem que ligam o Estado de São Paulo aos que lhe são limítrofes.

Na av. Barão de Itapura, séde do Agronômico, em ampla área de terra, estão localizados diversos edifícios de agradáveis traços arquitetônicos, nos quais encontram-se instaladas diversas secções técnicas e laboratórios, além da biblioteca, uma das maiores do Estado de São Paulo e as dependências de serviços auxiliares. A Estação Experimental Central (Fazenda Santa Elisa), com 800 hectares, a mais importante de uma rede de 18 estações dirigidas pelo Instituto Agronômico, pràticamente é uma continuidade em séde, pois está situada na divisa do perimetro ubano, localizando-se, ali, outras secções técnicas e alguns laboratórios.

Possui 33 secções técnicas, grupadas em 4 divisões cada uma delas orientada por um diretor, assim distribuídas:

Divisão de Agronomia: diretor, Eng. Agr. José Estevão Teixeira Mendes; secções de: Algodão, Café, Cana de Açúcar, Cereais, Citricultura, Frutas de Clima Temperado, Frutas Tropicais, Fumo, Plantas Inseticidas e Medicinais, Plantas Tropicais, Raízes e Tubérculos e Viticultura;

Divisão de Biologia: diretor, Eng. Agr. Luís Aristeo Nucci; secções de: Botânica, Citologia, Entomologia, Fisiologia, Fitopatologia, Genética, Introdução de Plantas e Virologia;

Divisão de Solos, Mecânica Agrícola e Tecnologia: diretor, Eng. Agr. Otacilio Ferreira de Souza; secções de: Agrogeologia, Conservação do Solo, Fertilidade do Solo, Irrigação, Mecânica Agrícola, Química, Tecnologia Agrícola e Tecnologia de Fibras;

Divisão de Estações Experimentais: diretor, Eng. Agr. Pedro Arinos da Cunha;

estações experimentais de: Capão Bonito, Ipanema, Jaú, Jundiaí, Limeira, Mococa, Monte Alegre do Sul, Pindamonhangaba, Pindorama, Piracicaba, Ribeirão Prêto, Santos, São Roque, Tatuí, Tietê, Ubatuba e Vale do Ribeira;

Divisão de Administração: diretor, Bacharel Benedito Gonçalves Cirino, Esta dependência, encarregada dos serviços burocráticos, orienta as seguintes secções: Serviço de Processamento da Despesa, Expediente, Material (Almoxarifado e Compras), Pessoal, Protocolo e Arquivo, e, ainda, os serviços de: Garage, Expedição, Oficinas e Tesouraria.

Além das divisões citadas, à Diretoria-Geral estão diretamente ligadas as secções de Técnica Experimental de Cálculos, de Climatologia, bem como o Conselho Técnico Auxiliar, as Comissões Técnicas, o Fundo de Pesquisas — a quem dedicaremos um capítulo especial desta reportagem — Recepção, Museu, Biblioteca, Gabinete de Desenho, Gabinete Fotográfico, Publicações e Tipografia.

FINALIDADE

O Instituto Agronômico tem como principal escopo, a realização de pesquisas e trabalhos experimentais sôbre todos os ramos da ciência que interessam à produção vegetal. Também é de sua alçada cuidar da formação e aperfeiçoamento de cientistas e técnicos especializados, colaborar com os demais órgãos da Secretaria da Agricultura na solução dos problemas agronômicos do Estado de São Paulo, dar assistência técnica aos agrônomos regionais do Fomento Agrícola, proporcionar cursos de aperfeiçoamento e estágios, estabelecer e manter relações com a Universidade de São Paulo, da qual é instituição complementar, bem como com outros centros de pesquisas e investigações científicas nacionais e estrangeiras, e, finalmente, dar ampla divulgação dos resultados das suas pesquisas e trabalhos experimentais.

I CURSO POS-GRADUADO DE CAFEICULTURA

Diversos têm sido os cursos especializados promovidos pelo Instituto Agronômico, visando difundir os conhecimentos dos seus técnicos e transmití-los aos que demonstram interêsse pela ciência agronômica. Dentre êles, um se destacou, todavia, não só pelo seu oportunismo, bem como porque foi um empreendimento em homenagem ao IV Centenário de São Paulo.

39 estagiários procedentes de regiões distintas, formados uns recentemente, outros já há vários anos e dedicando-se a atividades diferentes, formaram uma excelente equipe, das mais uniformes.

Nesse curso, o Instituto Agronômico procurou equilibrar bem a teoria com a prática, demonstrando, sempre, que a pesquisa científica é básica para a solução de qualquer problema prático.

Foram oferecidas aos estágios 34 preleções teóricas, das quais 4 extraordinárias, e 17 aulas práticas; efetuaram-se visitas a 5 estações experimentais dedicadas à experimentação cafeeira e a 6 fazendas das zonas de Campinas e de Bragança Paulista; realizou-se também uma grande excursão, durante a qual se inspecionaram propriedades cafeeiras nas zonas de Ribeirão Prêto, Araraquarense, Noroeste, Alta Paulista e Sorocabana.

Todos os alunos do I Curso Pós-Graduado de Agricultura foram aprovados e a média global foi de 8,3%; 42% teve média acima de 9; 42% entre 8 e 9; 11% entre 7 e 8 e apenas 5% abaixo de 7.

O MAIS FAMOSO

Pelo que tem feito no terreno da ciência agronômica, pela amplitude de seu campo de pesquisa e pela extensão da sua atividade nas mais diferentes condições climáticas e edafológicas do Estado, o estabelecimento de Campinas se situa dentre os mais recomendados de todo o mundo. Não obstante constituir o Agronômico uma entidade jurídica e funcionalmente paulista é sem conta o número de lavradores de outros estados da Federação que a êle se dirigem em busca de ensinamentos e de sementes básicas, no que são atendidos em igualdade de condições com os lavradores de São Paulo. Até mesmo lavradores de outros países, principalmente latino-americanos, solicitam serviços e instruções do Instituto Agronômico, numa prova cabal da confiança que desfruta.

INTERCÂMBIO COM OUTROS PAÍSES

No que se refere ao intercâmbio de sementes, basta citar que 112 países de tôdas as regiões do globo e todos os estados da Federação figuram no rol de seus

correspondentes e que, nestes últimos 26 anos, mais de 22.000 amostras de sementes foram por êle recebidas do mundo todo, para os seus trabalhos experimentais. No setor relativo ao intercâmbio de pessoal técnico, suas atividades também têm sido notáveis. Seus técnicos têm-se especializado em diversos países europeus e principalmente nos Estados Unidos da América do Norte, de onde também têm vindo cientistas, a fim de colaborar e tomar conhecimento com o que ali se vem realizando no campo da experimentação e das pesquisas agronômicas. O boletim técnico do Instituto Agronômico, "Bragantia", fundado em 1941 e assim denominado em homenagem a D. Pedro II é distribuido no mundo inteiro, através de um sistema de permuta. Edita, ainda, êsse estabelecimento, o boletim informativo "O Agronômico" e numerosos boletins de caráter prático para os lavradores, distribuidos em larga escala um considerável número de assinantes. Através dessas publicações regulares, a repartição pública estadual que tem sido um ponto de atração turística, pois é visitada constantemente por estrangeiros procedentes de todos os quadrantes do Universo, vai divulgando as novidades e as conquistas dos seus técnicos no árido e difícil campo da ciência agronômica.

PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DAS PESQUISAS

Constituido que é por numerosas secções técnicas e estações experimentais distribuídas em diferentes zonas ecológicas e por comissões que reunem técnicos dos mais variados ramos das ciências, os quais, ao lado dos especialistas de cada cultura, colaboram na execução de todos os planos de trabalho. Sob a forma de projetos, tôdas as investigações e atividades experimentais se acham divididas, e nelas se demarcam rigorosamente o objetivo em vista, os métodos a serem utilizados e o grau de responsabilidade de cada um dos colaboradores. São vinte e uma Comissões que organizam êsse sistema de planejamento e execução das pesquisas.

O QUE É O FUNDO DE PESQUISAS

O Fundo de Pesquisas, pioneiro nesse setor, foi uma das maiores conquistas do Instituto Agronômico, tanto é que diversas outras repartições públicas do Estado de São Paulo seguiram o seu exemplo. Foi criado pelo Govêrno do Estado, pelo decreto n.º 19.494-B, de 27-7-50. Destina-se ao amparo e à ampliação das pesquisas e trabalhos experimentais. Conta com o concurso direto de organizações oficiais e particulares, da lavoura, da indústria e do comércio. É administrado por um Conselho constituido por pessoas do Instituto e estranhas ao mesmo, designadas por diversas entidades de classe, como a FARESP, a Sociedade Rural Brasileira, a Sociedade Paulista de Agronomia, a Federação das Indústrias e a Secretaria da Fazenda, porém, sempre presidido pelo Diretor-Geral do Instituto Agronômico. As subvenções e doações são de natureza a mais variada, podendo destinar-se a fins gerais ou específicos, sempre visando atender às mais altas finalidades do Instituto.

O ALGODÃO DO I. A. SALVOU SÃO PAULO E O BRASIL

Em 1929, quando eclodiu a maior crise do País de que se tem memória, em conseqüência da superprodução do café, o algodão substituiu a cultura cafeeira que, até então representava a maior fonte de riqueza nacional. A cultura da malvácea, lançada sôbre os fundamentos da técnica e da pesquisa contornou a crise que assolou Piratininga, cujas conseqüências atingiram o País inteiro. Não havia, até então, cultura algodoeira regularmente praticada em São Paulo. Careciamos de boa semente e de orientação da cultura em bases técnicas. Mas, graças à persistência e ao trabalho extraordinàriamente patriótico dos técnicos do Instituto Agronômico, o algodão, com as suas variedades "Texas" e "Express", submetidas a processos de seleção e depois à prática moderna de cultivo, forneceu ao País as divisas necessárias para o preenchimento dos claros decorrentes da crise cafeeira. O Estado organizou o serviço de sementes fiscalizadas, com lastro nas sementes básicas fornecidas pelo Instituto Agronômico. Os lavradores sentiram, desde logo, que o seu produto passava a ter a melhor aceitação possível no mercado mundial. Não fôsse o trabalho científico realizado pelo estabelecimento de Campinas, fácil seria imaginar a que ponto de penúria teria ficado reduzida a Nação.

GRANDE PROGRESSO NA CULTURA CAFEEIRA

Em plena vigência da crise cafeeira, quando o desânimo se assenhoreava dos lavradores, o Instituto Agronômico lançou-se decididamente aos estudos aprofundados sôbre a cultura da preciosa rubiácea. Seus técnicos lançaram-se à luta árdua e difícil de recompor a economia nacional com a produção em maior escala e de melhor produto. Desenvolvendo intensos trabalhos de seleção, melhoramento, cultivo e preparo, proporcionou aos lavradores de São Paulo e de todo o Brasil, os mais realísticos e palpáveis benefícios.

Tem distribuido toneladas de sementes das melhores variedades, devidamente selecionadas, aos lavradores de São Paulo e de outros Estados da Federação, prestando-lhes, ainda, informações preciosas e atualizadas à luz de seus experimentos, no que tange ao plantio, à cultura e ao preparo do produto.

O MILHO HÍBRIDO UMA DAS MAIORES CONQUISTAS

O milho híbrido foi, incontestàvelmente, uma das maiores conquistas do Instituto Agronômico. O Brasil produz, agora, um produto tão bom quanto aquele que produzem os Estados Unidos. Seus híbridos, os primeiros conseguidos na América do Sul, de primeira qualidade, têm sido disseminados por todo o Estado, ocupando essa cultura, atualmente, um lugar de destaque na economia brasileira.

SÃO PAULO, MAIOR PRODUTOR DE CANA DE AÇÚCAR

Foi, ainda, graças à persistência, à tenacidade mesmo, dos técnicos do Agronômico aclimando novas variedades e lançando-se à profunda pesquisa agronômica, que São Paulo pode se ufanar de ser o maior produtor de cana de açúcar do Brasil. O Estado de Piratininga está com uma produção capaz de suprir todo o nosso mercado interno.

A INDUSTRIALIZAÇÃO DA UVA

Há 14 anos que o Instituto Agronômico vem desenvolvendo intenso trabalho no campo da industrialização da uva, procurando obter híbridos, utilizando-se videiras tropicais que são imunes às moléstias criptogamicas de raiz e da parte aérea, com as boas videiras européias e com os melhores híbridos já existentes na sua secção especializada. Procura-se obter novas castas híbridas dotadas de auto-resistência a moléstia e pragas, de grande rusticidade, adaptação ao nosso meio ambiente e possuidora de fino sabor, do aroma e das altas qualidades gustativas das uvas européias. Muito já foi conseguido nesse setor, existindo dentre os 4.000 híbridos em estudo, cêrca de duas dezenas de ótimas castas em condições de atender boas uvas de mesa e de vinho de alta classes.

ENSAIOS COM A SERINGUEIRA

O problema do látex também está sendo encarado com muito carinho pelo Instituto Agronômico. Os ensaios com a seringueira vêm sendo executados nas estações experimentais de Campinas, Pindamonhangaba, Ubatuba e Cubatão onde existem plantações novas e em campos de colaboração em fazendas particulares dos municípios de Araraquara, Caraguatatuba, Iguape, Itanhaem, Limeira, Miracatu e Rio Claro. Experimentos comparativos dos melhores clones selecionados na Malaia, na Libéria, no Haiti e no Estado do Pará, campos de aumento, experimentos de culturas intercalares, ensaios de métodos de multiplicação, campos de aclimação encontram-se instalados naquelas localidades. Espera-se que essa plantação de clones de alto valor possa produzir sementes da melhor qualidade para suprir não sòmente as necessidades de materais para plantio no Estado de São Paulo, mas, ainda, atender pedidos de outros Estados. Acredita-se que, num futuro não muito distante, o Brasil possa se libertar das crescentes importações de borracha que lhe sangram a economia. Estão sendo plantadas 200 mil mudas, aparecendo o litoral como a zona que apresenta as condições ecológicas mais adequadas para a cultura da seringueira.

O CONTRÔLE DA "TRISTEZA" DOS CITROS

Depois de ter surgida na Argentina, por volta de 1930 e se alastrado pelo Uruguai e Paraguai, a "tristeza" dos citros invadiu, também, os laranjais brasileiros. Essa moléstia, proveniente do Continente

Africano, foi observada em nosso país, pela primeira vez, em 1937, no Vale do Paraíba. Poucas enfermidades se têm manifestado de forma tão destrutiva como a "tristeza" que causa a destruição dos laranjais, ocasionando perdas consideráveis. Basta atentar-se para o fato de que 75% dos pomares do Estado de São Paulo foram destruídos num espaço de 12 anos, com uma perda estimada em 7 milhões de árvores. Mercê dos seus experimentos, foi o Instituto Agronômico que identificou a combinação porta-enxêrto x garfo que portava a resistência àquela terrível moléstia de virus, no que o mundo citrícola todo se empenhava em descobrir. Tornando-se, por tal fato, centro das atenções do mundo científico dedicado ao problema, acorreram aos seus laboratórios destacados técnicos estrangeiros e nacionais que, em trabalho de equipe, lançaram-se para muito alto nos conhecimentos relativos ao assunto.

OUTRAS INVESTIGAÇÕES EM DESTAQUE

Tratou o Instituto Agronômico da reorganização da rede de estações meteorológicas e do início dos trabalhos de investigação microclimáticas em café. Iniciou, ainda, outro trabalho ligado à climatologia agrícola, como o balanço hídrico, setor de muita importância para a determinação das necessidades de irrigação e das quantidades de água a serem ministradas. Valiosas informações sôbre condições de ambiente realmente existente em uma cultura de café, estão hoje disponíveis e encontram-se em relatórios e trabalhos recém-terminados e em vias de publicação.

Objetivando estudar os solos do Estado, clasificá-lo em seus diferentes tipos e determinar suas possibilidades de aproveitamento racional para as diversas culturas agronômicas, bem como proceder ao levantamento agro-geológico do Estado, estudar os métodos de análise física, química e biológica dos solos, enfim, pesquisar os problemas da geologia e da mineralogia aplicada à agricultura. O Instituto Agronômico vem desenvolvendo intenso trabalho. Atualmente vem colaborando com o Departamento de Águas e Energia Elétrica, referente ao levantamento dos solos do Vale do Paraíba, visando o reerguimento dessa importante região. Também investigações relacionadas com solos, estão sendo realizadas pelos setores de conservação e fertilidade do solo.

No setor de tecnologia agrícola os trabalhos se desenvolvem sobretudo no campo do preparo do café, visando a obtenção de bebidas finas e a análise de produtos agrícolas. Realizam-se também, nesse setor, pesquisas microbiológicas objetivando a produção e distribuição de inoculantes aperfeiçoados para leguminosas.

NUMEROSAS OUTRAS CULTURAS

O Instituto Agronômico estuda, ainda, numerosas outras culturas econômicas, das quais podemos citar as seguintes: abacate, abacaxi, abóbora, adley, alcachofra, alface, alfavacão, alho, almeião, ameixa, amendoim, anonas, araruta, arroz, aspargo, banana, batatinha, batata-doce, berinjela, baunilha, brócolo, cacau, caqui, cará, cebola, cenoura, centeio, chicória, citronela, côco, couve, couve-flor, cravo, crotalária, ervilha, feijão, figo, fórmio, fumo, funcho, gergelin, girassol, goiaba, guandu, kudzu, laarnja, limão, maçã, mamão, mamona, mandioca, mandioquinha, manga, mangarito, marmelo, melancia, melão, menta, morango, mucuna, nabo, oliva, pecã, pepino, pêra, pêssego, pimenta, pimentão, piretro, quiabo, rabanete, ramirepolho, sisal, soja, sorgo, sorgo-vassoura tangerina, tomate, trigo, tungue, vagem vetiver e uva.

(Do "Diário de S. Paulo", 27-6-57)

Procure ler boas publicações sôbre assuntos agrícolas. E consulte os técnicos. Não trabalhe rotineiramente.

O CAFÉ E O GOVÊRNO

Garibaldi DANTAS

As últimas providências tomadas pelo Govêrno Federal, através o Ministério da Fazenda, a favor da economia cafeeira do país, repercutiram de maneira inteiramente favorável, quer nos meios agrícolas, quer no seio das entidades comerciais, tanto locais, quanto do exterior. Os mercados de café se firmaram, em Santos e Nova York, sinal de que a aceitação das medidas se caracterizou pela quase unanimidade dos mais importantes centros mundiais. Algumas vozes dissonantes surgidas, aqui e ali, não são tão representativas, como as que se manifestaram, imediatamente, a favor da nova assistência cafeeira oficial.

Desde logo, podem-se ressaltar três aspectos importantes dessa decisão:

1.º — Eliminação da prática do sub-faturamento;

2.º — Integral aproveitamento das providências pela nova safra cafeeira;

3.º — Estabilidade dos preços internacionais do produto.

A eliminação da prática do sub-faturamento, que era uma praga de regimes anteriores, só por si justificaria satisfatòriamente a nova política econômica do café. Por mais enérgicas que hajam sido as intervenções dos órgãos oficiais, não era segredo para ninguém que essa prática continuava a imperar, desmoralizando até certo ponto os meios cafeeiros do país e enfraquecendo consideràvelmente o prestígio das autoridades responsáveis pela sua repressão. De agora em diante, êsses abusos dasaparecerão, porque não haverá estímulo, nem vantagem em sua continuação. O Govêrno Federal deu, com isso, o golpe de morte, lançou a pá de cal nesse regimem que vinha desafiando o desejo de acertar de várias administrações. O comércio de café passará a ser uma coisa limpa, e não um amontoado de incorrências e subterfúgios que não abonavam a tradição de respeitabilidade e lisura, apanágio de praças, como Santos e outras.

Sempre se quixou a lavoura de que novas diretrizes, ou novas medidas, como as adotadas agora, ou chegavam tarde, para os agricultores, ou apanhavam as safras, em meio, com benefícios maiores os intermediários do que os que realmente produzem. Desta vez, porém, a lavoura irá usufruir o pleno apro-

veitamento da nova política, porque só os cafés da nova safra é que se beneficiarão das vantagens consubstanciadas no plano oficial. A par o aspecto moral da questão, que é bastante sério, haverá ainda o de assegurar maior estabilidade aos negócios de café, porque as providências se estenderão, do começo ao fim da safra, sem interrupções. As queixas, que nesse respeito eram tão comuns, em ocasiões semelhantes, desta vez não prevalecerão. A lavoura de café será, na realidade, a grande beneficiária do novo plano do Govêrno Federal.

Tôdas as sugestões, anteriores, inclusive a abolição do chamado confisco câmbial, pecavam por um sério inconveniente: a queda dos preços internacionais. Durante algum tempo, o café do Brasil mais parecia uma gangorra, ora descendo, a qualquer boato de modificação câmbial, do que realmente um grande e estável mercado internacional. Não houve uma só tentativa dessa ordem que não encontrasse os maiores embaraços pela frente. A abolição do confisco câmbial, com a imediata queda das cotações em ouro, na realidade poderia vir a ser verdadeiro conto de vigário para os lavradores de café.

Não ocorreu, porém a mesma coisa com a nova política de assistência ao café do Govêrno Federal, porque os seus orientadores tiveram o cuidado de cêrca-la de garantias que impediram satisfatòriamente a manipulação dos mercados internacionais pelos especuladores baixistas. Tanto isso é exato que, ao invés de queda de preços, como alguns julgavam inevitavel logo após o conhecimento das providências citadas, o mercado de Nova York registrou maior firmeza de cotações. Não houve assim quebra, por parte do Brasil da política de relativa estabilidade de preços internacionais, de que todos se beneficiam, dentro de suas possibilidades naturais de exportação e mercados. Não se pode inquinar o novo plano de agente de depressão dos preços mundiais, o que vem fortalecer a posição do Brasil, perante os demais países, sempre receiosos de que os diques se possam abrir, ou as colunas do templo derribadas.

Seria, de fáto, lamentável que, nesta altura, partisse do Brasil a iniciativa de uma espécie de guerra de preços, que o momento não justifica, e de cujas conseqüências os produtores seriam fatalmente os mais prejudicados.

O êxito do plano de assistência à cafeicultura nacional é também devido à perfeita entrosagem de pontos de vista entre o Ministério da Fazenda, representado pelo seu ilustre titular, o ministro José Maria Alkimim, e o senhor Paulo Guzzo, presidente do Instituto Brasileiro do Café, a cuja competência e dedicação todos rendem homenagem.

Em meio a tudo isso, a preocupação fundamental é assegurar à lavoura de café a justa retribuição a que faz jús pela sua extraordinária e sempre presente contribuição à vida econômica do país.

PENETRAÇÃO DO CAFÉ SOLÚVEL NA EUROPA

O sr. Jacques Louis-Delamare, do Havre, em sua publicação "Coffee Report", faz interessantes comentários sôbre o consumo do café solúvel na Europa. Dêsses conmentários, destacamos os seguintes tópicos: — "Embora seja difícil calcular a quantidade de café solúvel que atualmente se consome na Europa, pode-se tomar como base, aproximadamente, o total de 450.000 a 500.000 sacas de café verde, ou seja, 3,5% do consumo total do café. Os europeus, segundo o país que se estude, favorecem ou não o café solúvel, sendo a Alemanha, a Suiça, a Holanda e a Inglaterra os países que aparentemente mais se mostram dispostos a aceitar o café solúvel. Na França e na Bélgica, pouco tem sido feito no sentido de se aumentar o consumo do café solúvel nos mercados potenciais dêsses países, ao passo que nas nações escandinavas e na Itália o interêsse pelo café solúvel tem sido insignificante. Em têrmos gerais, a razão fundamental da falta de popularidade de café solúvel está no fato de que a gente européia não parece dar muita importância à economia de tempo que o café solúvel oferece na sua preparação, em comparação, com o café torrado. O consumo do café solúvel na França é estimado em cêrca 4%, e o aumento do consumo é muito vagaroso. Sua qualidade é boa, embora os preços sejam considerados elevados. Menciona-se também o fato de que o sabor do café torrado difere segundo as marcas usadas, ao passo que o café solúvel em geral tem o mesmo sabor, seja qual fôr a sua marca. Apesar disso, o mercado francês apresenta interessantes possibilidades, especialmente por causa da boa qualidade do café Robusta, que constitui uma importante parte mesclas utilizadas na manufatura do café solúvel. Na Alemanha Ocidental, segundos se comenta, o consumo do café colúvel flutua entre 4 e 5,% do consumo total de café do país, e atualmente estão sendo construidas novas fábricas para a produção do café solúvel, acrescentando-se que são boas as perspectativas para o aumento do consumo do produto. Observa-se, aliás, que a vida na Alemanha está cada vez mais se "americanizando". Na Itália, o consumo do café solúvel é insignificante, e isso se atribui principalmente à preferência da população pelo café do tipo "expresso", bem como ao fato de que não existe naquele país falta de empregados para os serviços domésticos. O preparo do café nas casas, na Itália, é um verdadeiro rito, uma espécie de culto, razão pela qual o caf" solúvel não e popular, uma vez que seu preparo deixa de ser um caso pessoal, padronizando-se. Na Suécia, o consumo do café solúvel também é diminuto e as possibilidades do aumento do consumo dependem tanto do preço como do sabor do produto. Na Bélgica,

onde o consumo é reduzido, a população encara o novo produto com desconfiança, devido. segundo se imagina, às experiências dos primeiros tempos do café solúvel, logo depois da Primeira Guerra Mundial. Diz-se mais que as donas de casa da Bélgica julgam que pagam uma quantia bastante alta pela pequena lata de café que recebem. Em compensação, o aumento do consumo do café solúvel na Inglaterra tem sido bastante grande. Isso se atribui, em parte, à facilidade da preparação do café solúvel, à pureza do produto, à extensiva campanha de promoção feita pela imprensa e ao alto custo de embalagem do café torrado, pelo processo de vácuo. Na Holanda, o consumo do café solúvel é calculado em 6% do consumo total do café. Na Dinamarca, consta que o consumo do café solúvel é de 4% não se notando progresso algum na popularidade do produto, uma vez que os consumidores aparentemente preferem o aroma e o sabor do café torrado. Na Europa, o maior consumo de café solúvel ocorre na Suiça — onde o produto foi originado. Corresponde de 12 a 15% do consumo total do café e está ràpidamente aumentando. O bebedor de café solúvel na Suiça interessa-se pela qualidade do produto que consome, o que indica que o café solúvel fabricado na Suiça é excelente".

(Do "Boletim da Assoc. Comercial de Santos" — n.º 479, de 20-7-1957)

◎

A boa colheita e a boa secagem do café são as operações que, principalmente, influem na qualidade e no tipo. A variedade do café tem menor importância nêsse ponto, bem como o trato. O que principalmente importa para um bom tipo e uma boa qualidade são a colheita e a secagem.

Colheita no ponto, e feita no pano ou em cestas, é a mais recomendável. Secagem cuidadosa, impedindo umidade, fermentações, insolação demasiada. Catação rigorosa de todos os detritos. Boa separação na máquina de beneficiamento.

Eis alguns dos cuidados que lhe devem ser dispensados a fim de que possamos vencer *pela qualidade.*

Constitui a criação do "Fundo do Café" a medida de maior importância do esquema cafeeiro do govêrno

"DEFENDENDO O REGIME CAMBIAL VIGENTE, DEFENDO A PRÓPRIA CAFEICULTURA"

— *"As medidas recém-adotadas pelo govêrno federal para amparo à cafeicultura não foram fruto de precipitação ou de interêsses políticos, mas resultaram de cuidadosos estudos, em que foram levadas em consideração as diversas sugestões apresentadas tanto por entidades de classe como pela comissão parlamentar de inquérito sôbre os problemas da rubiácea, a que presidi", declarou o sr. João Pacheco e Chaves, deputado federal e ex-secretário da Agricultura de São Paulo. Manifestando sua concordância com as linhas gerais do plano, cuja elaboração, segundo afirmou, pôde acompanhar, o sr. Pacheco e Chaves afirmou que considera a instituição do Fundo do Café a medida de maior importância de tôdas as que foram anunciadas pelas autoridades, esclarecendo que recursos da ordem de doze a treze bilhões de cruzeiros serão destinados inicialmente a êsse fim.*

COROAMENTO DE UMA SÉRIE DE MEDIDAS

Observou o deputado Pacheco e Chaves que o govêrno federal vem adotando há tempos uma série de medidas que visam estimular a melhoria da qualidade do café brasileiro e proporcionar maiores compensações financeiras aos produtores. Citou as campanhas publicitárias sôbre a importância da produção de cafés finos, os vários acordos com órgãos estaduais para desenvolvimento da pesquisa e fomento da produção, as medidas sôbre restrições à exportação de cafés inferiores, etc. As providências ora tomadas — prosseguiu — constituem o coroamento das anteriores e só não foram adotadas antes por uma questão do oportunidade. Com efeito, o pensamento do govêrno era o de permitir que nossas exportações da safra comercial de 56/57 se desenvolvessem ao máximo, sem sofrer o impacto de medidas que poderiam ter repercussões desfavoráveis ao nosso movimento de vendas. Só quando estamos na iminência do início da comercialização das novas colheitas e quando o mercado atingiu uma posição em que não há motivos para grandes temores quanto àquele aspecto, que é anunciada a nova política cafeeira, em tempo ainda de encontrar os lavradores na posse do produto e, portanto, de beficiá-los pelas vantagens que se concedem à rubiácea.

UMA POLÍTICA DE CAFÉ COMO BASE DO ACÔRDO INTERNACIONAL

Ressaltou o deputado Pacheco e Chaves que o plano se apóia em três pontos principais: a garantia de preço mínimo, que vem atender a antiga aspiração da classe; o sistema de prêmios à exportação, que, coorde-

nado com a garantia anterior, deverá evitar a depressão dos preços em ouro; e o Fundo de Café, aspiração igualmente cara à cafeicultura e que, no entender do representante paulista na Câmara Federal, representa o maior mérito do esquema cafeeiro do govêrno. Após a adoção dessas medidas, acrescentou, o Brasil possui uma política de café e, assim, está em condições de marchar para um acôrdo com os demais países produtores. Com efeito, o que nos faltava para um entendimento com as demais nações, no entender do deputado Pacheco e Chaves, era uma política orgânica e bem definida, que nos colocasse em condições de assumir responsabilidades internacionais e de conquistar para nosso país uma posição sólida no acôrdo entre produtores.

CONSEQUÊNCIAS DAS MEDIDAS GOVERNAMENTAIS

Quanto à possibilidade de terem efeitos inflacionários as medidas tomadas pelo govêrno federal, declarou o deputado Pacheco e Chaves que isso só se verificará se o Fundo Cafeeiro não fôr suficiente para atender aos prêmios instituidos ou se o I. B. C. fôr obrigado a realizar grandes compras. Nesta última hipótese, porém, não acredita, embora tenha como certo que a autarquia será forçada a intervir no mercado a fim de adequar a oferta à procura, sabido que deveremos iniciar o novo ano comercial com sobras de 2.500.000 a .... 3.000.000 de sacas e as novas colheitas são estimadas em 17.000.000, ao passo que as exportações deverão situar-se em torno de 16.000.000. Quanto ao fato de o Fundo implicar em "desvio" dos recursos dos ágios, que vinham sendo usados para cobertura de deficits orçamentários, argumentou o deputado Pacheco e Chaves que isso não deverá afetar o equilíbrio financeiro da União, já que, com os aumentos de impostos votados pelo Congresso no ano passado e com a receita a ser proporcionada pelas novas tarifas (que se espera entrem em vigor ainda este ano), o govêrno poderá perfeitamente cobrir o deficit orçamentário previsto, de pouco mais de 9 bilhões de cruzeiros, exclusivamente com recursos previstos no orçamento; frisou, porém, que tudo dependeria da forma pela qual se processasse a execução orçamentária.

Relativamente à repercussões sôbre os preços em ouro do café, entende o deputado Pacheco e Chaves que, se houver baixa, esta será ocasionada por outros fatôres, como a perspectiva de superprodução. O plano cafeeiro do govêrno, de si, não deverá produzir tais consequências.

Tratando dos possíveis efeitos desfavoráveis que poderia ter a presença do I.B.C. no mercado, acrescendo a seus estoques outros que fôssem eventualmente comprados e contando com a faculdade de vendê-los a qualquer momento, afirmou s. s. que a autarquia cafeeira está autorizada a intervir no mercado exatamente para defender os preços. Nessas condições, não é de supor nem se deve esperar que a entidade venha a tentar colocar seus cafés, fazendo concorrência ao comércio particular, numa conjuntura que não comportasse essa medida. Não haveria, assim, razão para as especulações que se tentassem fazer com base na pressão dos estoques do I.B.C. sôbre o mercado.

O FUNDO DO CAFÉ CONSTARÁ DE LEI

Prosseguindo, afirmou o deputado Pacheco e Chaves que se pode divergir em pontos secundários do esquema governamental. Assim, afirmou que na sua opinião o govêrno deveria, ao estabelecer níveis de compra de café, ter previsto, por questão de prudência, uma maior capacidade de recuo, a fim de evitar que se visse na contingência de adquirir grandes estoques. Ponderou também que uma medida qualquer deveria ter sido tomada para prever a situação das sobras da atual safra, as quais se encontrarão em posição desvantajosa em relação aos cafés premiados das novas colheitas e que, segundo afirmou, pertencem na base de 80% a lavradores. no seu entender, essas medidas poderiam ser: concessão de maiores deságios, colocação sob o mesmo sistema instituido para a safra de 57/58, ou compra pelo govêrno. No seu entender, os deságios seriam a melhor solução. Acrescentou ainda que sabe que o govêrno federal estuda o problema e dentro em breve medidas a respeito deverão se anunciadas.

De qualquer forma, no seu conjunto, o plano do govêrno só pode merecer aplausos, afirmou o deputado Pacheco e Chaves, e aqueles que contra êle se insurgem só o podem fazer de má fé.

Só o Fundo do Café, prosseguiu, já representaria uma grande conquista da cafeicultura. Discorrendo acêrca dêsse ponto, que considera o mais importante do plano governamental, frisou s. s. que o govêrno deverá enviar projeto ao Congresso que o transforme em lei. Acrescentou também que deverá dispor o Fundo, com base no saldo das sobretaxas cobradas até 31 de dezembro de 1956, de 12 a 13 bilhões de cruzeiros, segundo cálculos do Ministério da Fazenda e serão liberados na proporção de 25% ao ano. Sôbre a questão da suficiência dêsses recursos para atender aos fins a que se destina, afirmou que calcula que os prêmios deverão absorver cêrca de quatro bilhões de cruzeiros por ano. No entanto, com o combate ao subfaturamento — que segundo seus cálculos atinge cêrca de 10% do valor de nossas exportações de café — a entrada de divisas no país aumentará, elevando-se consequentemente o produto dos ágios, o que poderá compensar até certo ponto a diminuição a ser ocasionada pelas tarifas "ad valorem". Quer isso dizer que nos próximos anos o Fundo será reforçado com novas apreciáveis parcelas de recursos. Além disso, há a possibilidade de serem conseguidos empréstimos lastreados pelo café de posse do I.B.C., sem falar em providências especiais de carater financeiro da parte da União. De qualquer forma, o importante era criar o Fundo. Só a prática agora poderá indicar se êle carecerá ou não de maiores recursos." Mesmo porque — acrescentou — tudo não se resume em bonificar os exportadores. Medidas de maior profundidade deverão ser também tomadas para assegurar melhores dias à cafeicultura nacional. Assim, urge atacar o problema básico da produtividade, aspecto sob o qual nossa lavoura de café está muito atrasada. Em muitos lugares, o Banco do Brasil só deveria financiar lavouras da rubiácea obrigando seus proprietários à renovação das árvores e à limitação da área. Nesse sentido, estou inteiramente de acôrdo com as sugestões apresentadas pela Sociedade Rural Brasileira, visan-

do ao estabelecimento de um plano sistemático de substituição de cafeeiros nas zonas velhas. Tudo isso, evidentemente, exige dinheiro, e a existência de um Fundo com capacidade para financiamentos dêsse tipo autoriza melhores esperanças quanto à possibilidade de concretização dêsse ideal."

O CAFÉ SOLÚVEL E O PROBLEMA DOS NOVOS MERCADOS

Ajuntou ainda o deputado Pacheco e Chaves que, não obstante tôdas essas medidas, não deveria ser esquecido o problema da abertura de novos mercados para o café brasileiro. Seria êsse o caminho certo a fim de superar-se tôda ameaça de depressão de preços internacionais ou de acumulação de estoques em poder do govêrno. Nesse sentido, julga s. s. que a produção de café solúvel em nosso país seria um fator de primeira ordem para propiciar essa nossa penetração em mercados novos, pelas naturais e maiores facilidades de preparo da bebida. Sugere, por isso, que o Fundo do Café, o B.N.D.E. ou o I.B.C. financiem a instalação de tais fábricas, que promissoras perspectivas poderiam abrir para nosso café.

"O IMPORTANTE É DEFENDER OS PREÇOS DO CAFÉ"

Finalizando suas declarações, o deputado Pacheco e Chaves prestou alguns esclarecimentos acêrca de sua atuação pessoal em relação ao problema do café. Afirmou que julga que uma política cafeeira não pode ser feita à base de desvalorizações cambiais, que desmoralizam o mercado. O importante, acrescentou, é defender as cotações do produto, a fim de proporcionar segurança aos produtores e ao país. Essa defesa é realizada pelo govêrno por meio do regulamento de embarques, financiamentos, garantia de preços mínimos, etc. Por isso, quando s. s. defende o regime cambial vigente, o que tem em vista é defender a própria cafeicultura. No seu entender, o movimento anticonfisco, em última análise, não poderia ocasionar senão a desagregação da linha de defesa das cotações da rubiácea. Daí porque critica a posição de certas entidades agrícolas que se puseram à testa de movimentos violentos para procurar defender o que julgam ser os interêsses da lavoura, quando sua missão é exatamente a de impor-se junto às autoridades, por meio de uma representação altiva e dinâmica da classe, que induzisse o govêrno a soluções condizentes com o interêsse geral — concluiu.

(Da "Fôlha da Manhã", 7-6-57)

NO INTUITO DE MELHORAR OS SEUS PROCESSOS DE CULTIVO, PROCURE SEMPRE A ASSISTÊNCIA DOS TÉCNICOS.

O "Fundo do Café"

Foi o Centro do Comércio do Café do Rio de Janeiro, que, há dois anos, apresentou ao govêrno da República, pela primeira vez, um plano delineado do levantamento de recursos para a formação de um "Fundo do Café", sem o qual qualquer política de defesa da produção, a longo prazo, estaria destinado ao fracasso. O plano foi apresentado com o da instituição de uma "pauta mínima", então lembrado como o meio mais consentâneo de conseguir-se, na ausência da liberação do câmbio, melhoria de remuneração para o lavrador e moralização do comércio, com a eliminação do subfaturamento. A "pauta mínima" realizaria êsses objetivos — agora tentados com a instituição dos prêmios sôbre o café vendido acima de US$ 42,00 dólares a saca — mas, por si só, não constituiria uma política econômica para o café. Era mister dar também ao I.B.C. recursos para um policiamento efetivo do mercado, que não se limitasse à simples fiscalização dos registros.

Êsses recursos ultrapassam, de muito, o que pode proporcionar a taxa de substência daquela autarquia, prevista no decreto de sua criação. De acôrdo com o plano então apresentado, pelo Centro, seriam êles tirados do próprio câmbio, como, aliás, fez a Colômbia, durante muito tempo.

Aquela linha geral foi conservada pelo Centro, tôdas as vêzes que teve de manifestar-se sôbre a política cafeeira. Mais recentemente, o plano de formação do "Fundo do Café" foi ampliado pela mobilização dos ágios (a serem aplicados na ajuda à lavoura) e do patrimônio representado pelos stoks, da altura de 3.700.000 sacas, compradas pelo govêrno, através da Comissão de Defesa da Produção, quando da infeliz intervenção de 1954 e 1955. É, aliás, o que consta do plano apresentado pelo comércio do Rio de Janeiro para a elaboração de uma política do café a "longo prazo", sôbre que deliberou, faz pouco, uma comissão, para tanto, nomeada pelo Instituto Brasileiro do Café.

Agora, é com satisfação que vemos serem aquelas sugestões, acolhidas pelo govêrno da República, graças aos esforços do sr. Paulo Guzzo, no plano que elaborou para a futura safra de 1957-58, e que foi comunicado aos interessados, pelo ministro José Maria Alkimim, a 1.º de junho corrente.

Embora não fazendo referência específica ao "Fundo do Café", o sr. Arnaldo Setti, presidente da Junta Administrativa do I.B.C. anunciou que o presidente da República iria assinar decreto adjudicando àquela autarquia os seguintes recursos, para a execução da política do café:

a) — 20 por cento dos saldos das sobretaxas cobradas até 31 de dezembro de 1956;

b) — da importância que venha a ser apurada com a venda dos cafés adquiridos pela Comissão de Financiamento da Produção, à conta dos citados ágios.

c) — 20 por cento do que se apurar como saldos favoráveis das sabretaxas em cada exercício financeiro, e a partir do corrente ano de 1957, e enquanto for mantido o atual sistema para operações de câmbio.

Está aí formado o "Fundo do Café"" cuja aplicação, segundo as comunicações feitas, será o seguinte:

a) — operações de depesa do mercado de café;

b) — financiamento através de bancos oficiais e contra garantias bancárias, de operações destinadas à renovação e implantação da cafeicultura racional, à compra ou instalação de aparelhamento para melhoria da qualidade do café;

c) — financiamento, nas condições do item precedente, da aquisição de adubos, inseticidas, tratores, máquinas, implementos e veículos destinados à agricultura, a serem vendidos a prazo, aos cafeicultores.

Um "fundo" de tal natureza, corre o perigo de ser mal aplicado, sobretudo em país como o nosso em que a política intervém, muitas vêzes, para deformar as coisas planejadas com os melhores propósitos. O plano de retenção das safras, elaborado em 1924, quando se criou o Instituto do Café de São Paulo, era, e ainda hoje é, sabio. Mas os políticos intervieram e transformaram o que deveria ser apenas o escoamento disciplinado das safras, em valorização pela retensão. Os resultados dessa distorsão pagamos, depois, a lágrimas de sangue, em 1930. Há, portanto, também o perigo de que o "Fundo" que agora se forma, venha a ser malbaratado em operações como, digamos, a da valorização descabelada de 1954. É de esperar, porém, que hoje em dia, a lavoura com a consciência de classe que está a adquirir, saiba policiar a sua aplicação, de sorte a evitar venhamos a cometer novas loucuras.

Dentro do plano agora apresentado, o "Fundo" será movimentado por uma Comissão Executiva de que farão parte o ministro da Fazenda, o presidente do Instituto Brasileiro do Café, o presidente da Junta Administrativa daquela autarquia, o presidente do Banco do Brasil e o diretor da Carteira de Câmbio daquele Instituto de crédito. Essa Comissão Executiva assegura uma coordenação absoluta de câmbio e a política de crédito do govêrno, coisas entre si intimamente entrosadas e que, nos últimos anos, nem sempre andaram juntas.

Foi criado o instrumento preconizado pelo comércio para dar-se à política uma orientação pragmática e efetiva.

(Do "Diário de São Paulo")

Bases físicas para uma política do café

THEOPHILO DE ANDRADE

O decreto que o presidente Juscelino Kubitschek assinou, mobilizando fundos para o café e dando-lhes destinação específica, constitui fato de tão alta importância para a evolução da economia cafeeira brasileira, que merece novos comentários de nossa parte. Não se trata de um programa, de uma promessa, de uma plataforma, dessas que estamos habituados a ver, nessas épocas de demagogia em que vivemos. O decreto, tal como foi publicado pelas gazetas de quarta-feira última, dispõe sôbre a aplicação de recursos já existentes. E com êles se torna realidade o "Fundo do Café", que há já dois anos vem sendo preconizado pelo comércio de café do Rio de Janeiro, com apôio entusiástico desta coluna.

O "Fundo do Café" é instrumento eficiente de defesa da produção que a Colômbia possui, há muitos anos, e que tem faltado, de maneira lamentável, ao Brasil.

Houve uma época, em que tivemos o Departamento Nacional do Café, instituido em substituição ao Conselho do Café, criado logo após a revolução de 1930, com a finalidade de combater a superprodução que nos havia sido deixada pela política valorizadora da República Velha. E aquela autarquia — a despeito dos erros cometidos em virtude da influência da política, na sua primeira fase de existência — cumpriu a sua missão. Cometeu-se, porém, o êrro de liqüidá-la, para atender a reclamos também políticos, de certos grupos.

E o café ficou sem um órgão de defesa, sobretudo porque, em nosso país, o Ministério da Agricultura, que deveria ser o mais eficiente de todos, pràticamente não existe.

Quando aquêles mesmos grupos, que haviam provocado a extinção do D. N. C., se aperceberam do êrro cometido e pediram ressurreição do órgão cafeeiro, fundou-se o Instituto Brasileiro do Café, autônomo, com poder legislativo e poder executivo (só lhe falta o poder judiciário), mas sem os recursos necessários para a execução de uma política cafeeira.

O antigo D. N. C. tinha administração simples, de três figuras, submetidas diretamente ao ministro da Fazenda, o que, aliás, não se compreende possa ser de outra maneira, em um país em que o café está intimamente entrosado com o câmbio, o orçamento e o crédito. E dispunha de dinheiro, proveniente de uma taxa pesada, de 15 shilings, sôbre cada saca de café exportada. O atual I. B. C. tem administração complicada, e não dispõe de recursos. Daí, ter vivido, até hoje, em uma situação curiosa de órgão que muito fala (através do seu pequeno parlamento) e que pouco pode fazer, pela ausência de dinheiro. A sua penúria é tão grande que, há dois exercícios, vem votando orçamento deficitário, coberto pela herança, que já está a extinguir-se, deixada pelo extinto D. N. C.

Ora, política de café, sobretudo defesa do produto (não falo em valorização) não pode ser feita sem fundos. Mercado, não se sustenta de beiço,

através do simples expediente dos registros de exportação. O resultado foi que, quando o govêrno pretendeu intervir, em 1954 — infelizmente, não para fazer defesa, mas valorização — teve de agir por fora, emitindo dinheiro, que foi colocado à disposição do outro órgão, a Comissão de Financiamento da Produção.

Era uma situação que precisava ser corrigida. Se o govêrno desejava elaborar e executar uma política do café, teria de dispor dos recursos específicos para tanto. Sentindo essa necessidade, foi que o sr. Paulo Guzzo, que é um lavrador com alto faro comercial e administrativo, traçou o projeto de criação daquilo que deve ser chamado de o "Fundo do Café".

A idéia inicial era a de que o "Fundo" fôsse administrado pelo I. B. C. Acontece, porém, que a sua organização é por demais complicada. Daí, a formação da Comissão Executiva para a administração do "Fundo" que, ademais, deverá ter, como medida de honestidade administrativa, as suas contas criticadas e aprovadas pelo Tribunal de Contas. Nessa comissão, o I. B. C. estará representado pelo seu presidente e pelo presidente de sua Junta Administrativa.

Com a expedição do novo decreto, o sr. José Maria Alkimin não meteu uma lança em África, como estaria próprio de dizer-se, nestes dias de revivescência lusa, mas fundou um Império, lançando as bases físicas para uma política do café, no Brasil.

Tudo o que devemos esperar é que essa política seja ùnicamente de defesa do nosso produto agrícola básico, como, aliás, acontece em outros países, em relação aos frutos da terra.

Mesmo porque de valorizações já devemos estar cansados. A custosa aventura de 1954 deve ter deixado os nossos homens públicos escarmentados.

(Do "Diário de S. Paulo")

APLAUSOS DO GOVÊRNO PAULISTA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

O governador Jânio Quadros enviou ao presidente Juscelino Kubitschek o seguinte telegrama: "Ao ensejo das recentes providências tomadas pelo govêrno federal, em relação aos interêsses da cafeicultura, cumpro o grato dever de apresentar a v. exa. os aplausos dêste govêrno pela iniciativa, cujo reflexo, relativamente, à economia paulista e nacional, será, sem dúvida, salutar. Medidas, tão oportunamente decretadas pelo govêrno federal, representam, por certo, marcante passo no sentido da solução satisfatória para o problema cambial, tendo em vista o interêsse geral da economia agrícola, além de consagrar a campanha, em boa hora encetada pelos poderes constituídos, em favor da melhoria da qualidade do produto destinado à exportação, que firmará a sua posição nos mercados consumidores. Apraz-me constatar que as medidas foram adotadas com oportunidade, isto é, antes do início da safra e, portanto, com tempo suficiente para que, mediante ampla divulgação das novas bases de preço e rápida extensão do financiamento a todos os centros produtores, sejam lavradores, inclusive os pequenos, os principais beneficiários. Renovo a v. exa. as expressões do meu respeito".

A NOVA ORDEM CAFEEIRA

Finalmente, e no momento psicológico da entrada da nova safra, o govêrno federal voltou atenção aprofundada para o café que, proporcionando a maior receita em divisas do país e tendo maior capacidade para suportar as atuais dificuldade da agricultura nacional, vinha sendo relegado a segundo plano nos esquemas assistenciais. As medidas, a curto e a longo prazo, anunciadas refletem uma forte preocupação no sentido de que sejam adotados novos rumos cafeeiros, com base em recursos específicos originários do saldo dos ágios. Procura-se, assim, justificar, no setor da cafeicultura, a fórmula do "confisco câmbial", necessária para que se possa realmente fazer o reinvestimento dirigido de parte substancial do ouro obtido pelo Brasil em seu comércio exterior.

Afigura-se possível agora a obtenção de maior receita em cruzeiros pelo exportador e o lavrador de café, independentemente de uma queda (apreciável, pelo menos) do preço em dólar. A maior liberação de dólares ou o aumento das bonificações, teria efeitos psicológicos depressivos no mercado externo do café. Na fórmula encontrada, porém, a concessão de prêmio, ainda a garantia oficial de preço mínimo, mediante financiamento e compra pelo I.B.C., ao mesmo tempo que eleva substancialmente o preço em cruzeiros, sobretudo para os cafés mais bem preparados e de melhor qualidade, proporciona sensação de segurança aos negócios internos — o que naturalmente se reflete na conduta do "outro lado", onde, não havendo reivindicações sérias de consumidores em matéria de cotações, não se encontram agora, por outro lado, as costumeiras brechas para a especulação baixista.

Existe o risco da intensificação do ritmo inflacionário em virtude da melhoria em cruzeiros dos preços do café. Tudo dependerá, entretanto, da execução da nova política. Se os recursos separados forem suficientes (a primeira impressão é de que não bastarão, salvo desnecessidade de compra pelo I.B.C. e grande contribuição dos bancos particulares no financiamento do café), aquele risco será bem menor. E isso porque o dinheiro se originará, "in totum", dos ágios obtidos pelo govêrno nas licitações das divisas em ultima análise fornecidas pelo próprio café. Desde que a parte separada para a cafeicultura não seja substituida, para a satisfação de outras necessidades do govêrno, por emissões de papel-moeda, um fator de inflação — de origem governamental — deixará de funcionar. Restaria a conseqüência do maior volume de dinheiro nas mãos dos exportadores e dos cafeicultores. Se

ambos conseguirem canalizar os novos proventos para fins reprodutivos mais ou menos imediatos, o sentido inflacionário poderá ser consideràvelmente atenuado e até eliminado. Assim, por exemplo, se, estimulados pelos prêmios e os preços mínimos vantajosos para os cafés finos, os fazeideiros fizerem aplicações no sentido de obter um produto melhor (o que se pode conseguir no próprio decurso desta safra), deslocamento de mais dinheiro das mãos do govêrno para as dos particulares exercerá até uma função anti-inflacionária, pois implacará na obtenção de um produto mais bem reputado nos mercados.

Um dos objetivos de novo sistema é combater o subfaturamento na exportação. Se a única causa do sistema é a vantagem do uso do dólar no mercado negro, o alvo parece ter sido obtido. Pois como se demonstrou o lucro conseguido por aquele processo clandestino, especialmente em relação aos cafés melhores, é inferior ao valor do prêmio conferido em cruzeiros. Restam, porém, outras causas do subfaturamento, como a sonegação do impôsto de renda e os interêsses financeiros de firmas exportadoras que são meras agências de organizações importadoras e distribuidoras nos mercados mundiais. Entretanto, nesse como em outros casos de atividade ilegal, a arma mais eficiente ainda é a fiscalização, ora facilitada pela maior possibilidade de se obterem cruzeiros com o café e por um estado de espírito da lavoura e do comércio menos interessados na prática moral.

(Da "Fôlha da Manhã", 5-6-57)

Cria-se de fato uma política de café

PLÍNIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE
(Diretor do Departamento de Café da S.R.B.)
Especial para o DIÁRIO DE S. PAULO

Não se pode negar o espírito de moderação nas medidas que acabam de ser adotadas pelo govêrno em benefício da lavoura de café. Não são exageradas e nem insuficientes.

Com o pequeno decreto, a ser proximamente assinado pelo sr. Presidente da República, constituiu-se, sem providências inovadoras que poderiam perturbar o mercado, um satisfatório sistema de defesa do café, que visa, não apenas a defesa dos preços, mas que, acima de tudo, estimula a melhoria do produto e, na criação de condições de estímulo a uma produção qualificada se vê, hoje, em que a competição nos grandes mercados consumidores tende a se intensificar, a política de produção mais acertada entre nós.

Na realidade, o govêrno federal, de uma só feita, criou todos os mecanismos de defesa que o mercado do café estava a exigir, e cuja exigência é tanto maior quanto mais nos aproximamos de uma conjuntura em que as disponibilidades mundiais de café tendem a se ampliar consideràvelmente, por efeito do grande surto produtivo do Paraná, a partir da safra 1948/49.

Criou, em primeiro lugar, o "Fundo do Café", que constitui sempre uma aspiração comum da produção e do comércio de café no nosso país, conforme ainda muito recentemente pudemos observar, ao ser estudado, por representantes de tôdas as nossas entidades de classe agrícola e comercial, o esquema de uma política econômica do café a longo prazo.

Os recursos provirão dos saldos das sobretaxas, que serão vinculadas, numa proporção de 20% (a percentagem deveria ser maior, para corresponder satisfatòriamente às necessidades de defesa do mercado, que são grandes, e melhoria das condições técnicas da produção, que não são menores, bem como à participação, quase integral do café na produção dos recursos cambiais levados à licitação) e da importância a ser apurada com a venda dos cafés adquiridos pela Comissão do Financiamento de Produção que atingem a um volume aproximadamente de 3.7 milhões de sacas.

Essa vinculação de recursos cambiais proporcionará ao I.B.C., que aparecia como um órgão sem recursos próprios para executar uma política de café, elementos de ação e representa uma restituição direta à cafeicultura de parte considerável de rendimento que lhe está sendo desviado pelo sistema cambial vigente.

Acaba de fixar razoável nível de preço, com garantia de aquisição, e que, em relação a certos tipos e qualidade de café, supera os níveis correntes de cotação. A garantia de compra, oferecida pelo govêrno, constituiu, efetivamente, elementar medida de defesa da nossa produção,

que não falta, pràticamente, a nenhuma outra área de produção, inclusive à cafeicultura africana.

Na elaboração da tabela dos preços, prevaleceu o princípio norteador de discriminar o café, por qualidade, para estimular a produção de cafés finos.

O produto de boa bebida, como de tipos altos, acaba de ser contemplado com um preço de garantia de compra,, que excede aos preços vigentes, e que vale dizer, serão valorizados em cruzeiros, pelo nosso decreto.

Vejamos alguns exemplos, tomando para base dos preços, os preços médios do mês de Março, segundo dados fornecidos pelo I.B.C., que se encontram no último número de sua publicação oficial, que é o Boletim Estatístico. Para o café tipo 4, bebida mole, será assegurado, em qualquer pôrto, o preço de Cr$ .... 3.300,00 por saca. Em Paranaguá, 4 mole alcançou, naquele mês, o preço médio de Cr$ 410,00 por 10 quilos, ou de Cr$ 2.460.000 por saca, apresentando, pois, a favor do produtor, uma diferença de Cr$ 840,00 por saca. Estilo Santos 4, atingiu o preço médio, por saca, de Cr$ 2.683,50. Com uma vantagem, pois, de Cr$ 616,50, por saca.

Rio, tipo 7, ao contrário, já sofre, em relação ao atual nível de preço, como o Vitória 7/8, pequeno deságio. O primeiro, em média, alcançou o preço de Cr$ 1.917,00 por saca, o segundo, Cr$ 1.590,00, a masi, pois, em relação aos preços de garantia, em Cr$ 237,00 e de Cr$ 90,00, respectivamente.

A medida mais seria, no entanto, se encontra no sistema da introdução de prêmios à exportação, variáveis em seu valor, de acôrdo com a qualidade do produto exportado.

A primeira observação a ser feita é a seguinte: os reiterados protestos do Ministro Alkmim de não modificar a taxa de conversão para a aquisição das cambiais de café obedeciam ao propósito muito compreensível, de evitar a criação de condições favoráveis à especulação.

As bonificações variam proporcionalmente ao preço de cada saca de café exportável, o que vale dizer, reflete-se essa variação na taxa compulsória de aquisição das cambiais produzidas pela venda do café.

Pràticamente, se comporá o dolar-café de Cr$ 18,35/US$ mais a soma de bonificações fixas, num total de 2$ 18,71 por dolar, e às bonificações variáveis correspondente ao prêmio de exportação.

O Santos, 4, nos últimos dias de maio atingiu o preço de 52 cents por libra-pêso, FOB, o que equivale, em números redondos a 69 dólares por saca. O prêmio de exportação corresponderá a 27% (69 — 43 igual 26; 26 mais 1 igual 27), sôbre a soma em cruzeiros, convertidas as cambiais em moeda nacional, à base de Cr$ 37.06/US$, de que resultaria uma bonificação de cêrca de Cr$ .. 690,00. Houve, efetivamente, no caso em apreço, a elevação do dolar-café de Cr$ 27.06/US$ para Cr$ .. 47.06/US$ (Cr$ 18,35 mais US$ .. 18,71 menos bonificação fixa mais Cr$ 10,00 menos bonificação variável).

Preferiu o govêrno à fixação de uma bonificação fixa, que abrangeria indistintamente todo o café exportado, o sistema de bonificações

variáveis, com uma dupla finalidade: primeira, a de estimular a produção de cafés finos estabelecendo o nível quantitativo do prêmio em proporção da qualidade; segundo, desestimular o subfaturamento na exportação do café.

A idéia de uma taxa de conversão mais favorável ao cafés de boa qualidade foi por nós defendida há alguns meses atrás em trabalho apresentado à Sociedade Rural, como uma medida prática de incentivo à melhoria do produto.

Coincidiu, de resto, êsse nosso trabalho com o aparecimento de plano do sr. Alceu Parreira, que era a aplicação e desenvolvimento inteligente e detalhado da idéia, plano que, por certo, serviu de base à atual iniciativa do govêrno federal. O mecanismo de fixação das somas, concedidas como prêmio, permite, de fato, desinteressar-se o exportador pelo subfaturamento, já que o total correspondente ao prêmio à exportação excede em relação aos cafés finos, ao total clandestinamente percebido através da fraude. Calcula-se o dólar café obtido pelo subfaturamento em Cr$ 43,00/US$, ao passo que o do prêmio poderá atingir mais de Cr$ 45.00/US$.

Outra grande vantagem do nível relativamente elevado, em que ficou fixada a bonificação ao exportador, na exportação de cafés finos e do média qualidade, consiste em superar a soma do prêmio o ágio que o preço de garantia oferece sôbre o preço corrente.

Com isso, a não ser que os preços em ouro venham a cair sensìvelmente, o que não é provável, na safra 1957/58, desobriga-se o govêrno de intervir no mercado, como adquirente, pois a vantagem do produtor estará, não em vender ao govêrno, mas na exportação do café com percepção do prêmio.

Os benefícios da nova política de café do govêrno não se estendem senão aos cafés da safra 1957/58.

A intenção do govêrno foi a de amparar exclusivamente o produtor.

O café da safra 56/57 já não se encontrar mais em mãos do lavrador, mas em poder do intermediário, e estender os favores do novo decreto a essa produção seria o mesmo que aumentar a margem de lucratividade do comércio do café.

Êsse critério restritivo pode ser passivel de critica. De qualquer modo, porém denuncia o proposito do govêrno da amparar apenas a lovoura.

Com essa exclusão, na realidade, só se ressente o comércio de café de Santos, pois os demais portos estão vazios. A 18 do mês p. pindo, os estoques de café atingiram em Santos à cifra de 2.861.00 sacas, contra 504.000 no Rio, 373.000 em Paranaguá, 193.000 em Vitória, 33.000 em Angra do Reis, 34.000 na Bahia e, finalmente 7.000 em Pernambuco. Sòmente São Paulo, pois a 1.º de Julho, início do novo ano agrícola, terá cafés da safra 56/57. Não contando, é claro, os estoques de café adquiridos pela Comissão de Financiamento da Produção e que hoje pertencem aos cafeicultores.

(Do "Diário de S. Paulo", 4-6-57)

Comprar e vender... para estabilizar

SALVIO DE ALMEIDA PRADO

Críticas injustas têm surgido a respeito das novas diretrizes estabelecidas para a política cafeeira do Brasil, críticas essas eivadas de hipóteses e que determinam em veladas ameaças.

Responsabilizar o café ou a política cafeeira adotada, pela futura aceleração da inflação ou das emissões fiduciárias, parece-nos além de injusto, pueril.

Os cruzeiros correspondentes aos valores a serem pagos ao café como conversão cambial e com os prêmios de incentivo à exportação, são fruto do trabalho dos próprios cafeicultores, porquanto são originários dos dólares provenientes das mercadorias por êles mesmos produzidas.

Lastreia assim o café com dólares, suas responsabilidades em cruzeiros, que são aliás muito aquém da receita produzida.

O que determina a necessidade emissionista do govêrno, são os gastos excessivos da administração pública, os prejuízos das autarquias, os empreendimentos suntuosos, precipitações no desenvolvimento industrial e os subsídio em cruzeiros a determinados produtos de importação.

Pretender-se atribuir ao café essa anomalia, além de ser uma injustiça, afasta-se completamente da realidade.

Contràriamente ao que se quer fazer supor, não há um aumento excessivo no financiamento ao produto acabado, que apenas recupera parcialmente, agora, uma base, arbitrária e indevidamente recuada, restabelecendo-se o critério aceito como justo e real, isto é, 80 por cento do valor da mercadoria.

Outro ponto a esclarecer é o da defesa do produto com sentido de produção, isto é, dentro de uma segura estabilidade, fator tão salutar aos produtores e consumidores e notadamente para o país.

Dentro dêsse critério, as compras do I.B.C. não serão feitas para constituir "estoques" ou proporcionar uma alta artificial e ruinosa, mas sim para estabilizar os preços, contando para isso com o dispositivo que autoriza a venda dos cafés comprados.

E nem podia ser de outra forma, pois como garantir uma estabilização, só comprando e armazenando?

Portanto, para atingir êsse objetivo, deve o I.B.C. comprar e vender...

O risco que a execução da nova política cafeeira traria ao valor interno do cruzeiro ou a volta à facilidade do crédito, não procede, porquanto o que vai acontecer é o ajuste da principal atividade do país, que é produzir café e com êle dólares para mantê-lo e suprí-lo de suas necessidades mínimas de subsistência e desenvolvimento econômico. E a prova está em que o custo da vida, de três anos para cá, elevou-se de mais de 50 por cento, e os cruzeiros recebidos pelo café não aumentaram, ao contrário diminuiram em expressão absoluta.

O recebimento de mais cruzeiros pelo café canalizará para a lavoura uma irrigação de substância, atingindo assim todo o sistema comercial do país e trazendo ao mercado interno a recuperação da sua capacidade aquisitiva, com benefícios para as fôrças econômicas nacionais, excluindo-o da moratória em que pràticamente se encontra.

O crédito autorizado pela nova política cafeeira, contràriamente ao que se pretende, não é inflacionário, representando, assim, decisivo elemento de seu contrôle, pois proporcionará o aumento da produção, única maneira eficiente de combate à inflação e à carestia da vida.

Destinação de recursos à lavoura de café

O presidente da República assinou hoje o seguinte decreto, que concede recursos à lavoura do café:

"Art. 1.º — Fica o govêrno autorizado a destinar, dos recursos previstos na lei n.º 2.145, de 29 de dezembro de 1953, e no decreto n.º ..... 38.963, de 3 de abril de 1956, que regulamentou a lei n.º 2.698, de 27 de dezembro de 1955, para amparo à lavoura cafeeira, as percentagens e quantitativos abaixo, assim constituidos:

a) — De 20% dos saldos das sobretaxas cobradas até 31 de dezembro de 1956, de acôrdo com a lei n.º 2.145, de 29 de dezembro de 1953;

b) — Da importância que venha a ser apurada na venda dos cafés adquiridos pela Comissão de Financiamento da Produção, à conta dos saldos da sobretaxas cobradas, de acôrdo com a lei n.º 2.145, de 29 de dezembro de 1953;

c) — De 20% do que se apurar como saldos favoráveis das sobretaxas cobradas de acôrdo com a referida lei n.º 2.145 em cada exercício financeiro, a partir do corrente ano de 1957, e enquanto permanecer o atual sistema para operações de câmbio.

§ 1.º — A importância que se apurar nas operações de venda prevista na letra "a" será destinada ao amparo da lavoura, na forma do art. 1.º dêste decreto, em conta especial no Banco do Brasil S.A.

§ 2.º — Serão igualmente transferidos para a mesma conta no Banco do Brasil S.A., os 20% a que se refere a letra "a", dos saldos das sobretaxas cobradas até 31 de dezembro de 1956, de acôrdo com a lei n.º 2.145, de 29 de dezembro de 1953.

§ 3.º — A importância relativa aos recursos obtidos na forma da letra "a" será liberada no prazo de 4 anos, à razão de 25% cada ano, e vencerá juros convencionados pelo Banco do Brasil S.A., pagáveis semestralmente.

§ 4.º — A porcentagem do que trata a letra "c" será creditada na citada conta aberta no Banco do Brasil S.A. com a mesma destinação, vencendo juros que por êste foram convencionados.

Art. 2.º — Os valores e recursos a que se referem o art. 1.º sòmente poderão atender às seguintes aplicações:

a) — operações de defesa do mercado do café, inclusive de acôrdo com o disposto no art. 2.º letra "b" do art. 3.º, itens 5 e 7, da lei n.º 1.779, de 22 de dezembro de 1952;

b) — financiamento, através de bancos oficiais e contra garantias bancárias, de operações destinadas à renovação e implantação da cafeicultura racional, à compra ou instalação de aparelhamento para a melhoria das qualidades de café ou na ins-

talação de serviços gerais de assistência ao trabalhador das propriedades cafeeiras;

c) — financiamento, nas condições da letra anterior, da aquisição de adubos, inseticidas, tratores, máquinas, implementos e veículos, destinados à agricultura, a serem vendidos a prazo aos cafeicultores.

Art. 3.º — As aplicações previstas nêste decreto ficarão a cargo de uma Comissão Executiva constituida do ministro da Fazenda, como seu presidente, do presidente do Instituto Brasileiro do Café, do presidente da Junta Administrativa dessa autarquia, do presidente do Banco do Brasil S.A. e do diretor da Carteira de Câmbio dêsse banco, devendo tais aplicações, com exclusão referidas na letra "a" ser programadas, anualmente, pela Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café.

§ Único — A Comissão Executiva desempenhará suas funções de conformidade com o regimento que deverá elaborar, no prazo de 30 dias, e que será aprovado por decreto do Poder Executivo.

Art. 4.º — As contas da aplicação dos recursos a que se refere êste decreto, serão prestadas ao Tribunal de Contas, nos termos da legislação vigente.

Art. 5.º — O presente decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário."

(Da "Fôlha da Manhã", 5-6-57)

MANIFESTAÇÕES DE APLAUSO AO MINISTRO DA FAZENDA

O ministro da Fazenda recebeu hoje do governador de São Paulo o seguinte despacho: "Felicito ao prezado amigo pelas medidas em benefício da lavoura cafeeira, estando convencido de que elas representam um passo decisivo para a solução dos graves problemas da política cambial. Abraços".

Dos cafeicultores paranaenses, representados pela respectiva associação da classe, aquêle titular recebeu telegrama de congratulações. E o sr. Serafim Martins, de São Paulo telegrafou a s. exa. nestes termos: "Tenho a honra de comunicar a v. exa. que as medidas sôbre o café contentaram a todos os lavradores dêste Estado".

Exportação brasileira de café

Foi a seguinte a exportação brasileira de café, durante o mês de junho último, segundo comunicado do Instituto Brasileiro do Café:

Portos de Exportação	EE. UU.	Outros Países	Total	Consumo de bordo	Cabotagem	Total Geral
Santos	336.609	146.538	483.147	249	74	483.470
Rio de Janeiro	28.859	139.171	168.030	9	793	168.832
Paranaguá	58.607	16.786	75.393	11	4.315	79.719
Vitória	32.567	41.457	74.024	9	31.243	105.276
Angra dos Reis	2.621	4.243	6.864	—	—	6.864
Salvador	—	1.838	1.838	—	3.905	5.743
Recife	—	9.890	9.890	11	170	10.071
Total	459.263	359.923	819.186	289	40.500	859.975

Obs. — Embarcadas via Rodoviária: 170 sacas em Salvador, 481 em Recife e via Ferroviária 8.100 sacas em Vitória, tôdas não computadas no total.

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO EM 30 DE JUNHO DE 1957:

Santos	2.933.314
Rio de Janeiro	275.544
Paranaguá	263.150
Vitória	102.567
Angra dos Reis	3.982
Salvador	9.661
Recife	4.412
Total	3.592.630 sacas.

(Do "Boletim Semanal da Assoc. Comercial de Santos", n.º 479 — 20-7-57)

Para que reconquistemos os mercados mundiais, torna-se necessário produzir cafés finos. Para isso é indispensável, principalmente, a colheita adequada e um beneficiamento cuidadoso.

Maiores verbas para a propaganda do café

A "United Press", em telegrama de Nova York, informa que a quantia de 2 milhões de dólares que gastam os países produtores d café da América Lainta para aumentar o consumo do grão nos Estados Unidos, segundo tudo parece indicar, aumentará êste ano para cinco milhões de dólares. O sr. Andrés Uribe, representante dos Estados Unidos na Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia, vaticinou que o acôrdo se tomará por unanimidade na reunião do Bureau Panamericano do Café, que começa sua conferência anual no próximo dia 25 do corrente mês. O Bureau Panamericano do Café está integrado por onze produtores latino-americanos: Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Venezuela, Brasil e Colômbia.

"Todos os países, exceto o Brasil — disse o sr. Uribe — aprovaram o plano de aumentar a contribuição por saco, de 10 centavos para 25 centavos de dólar. No Brasil as Comissões do Senado deram parecer favorável, porém a aprovação final tem que dá-la o Senado em plenário". O sr. Vito Sá, representante nos Estados Unidos do Instituto Brasileiro do Café, disse que o otimismo do sr. Uribe estava perfeitamente justificado. "Nosso govêrno — observou o sr. Sá — crê que se deve aumentar a contribuição para a campanha do café nos Estados Unidos".

Tanto o sr. Sá como o sr. Uribe indicaram que é bem provável que o Senado brasileiro aprove o acôrdo, coincidindo mais ou menos com a reunião do Bureau Panamericano e se aprove o orçamento para o ano entrante. Não disseram os dirigentes cafeeiros da Colômbia e Brasil, contudo, quando entraria em vigor a nova cota no caso de que o Senado brasileiro aprove o projeto. Recordou o sr. Uribe que, na reunião celebrada o mês passado no Panamá, pela Federação Cafeeira da América (Fedecame), com a presença dos representantes do Instituto Brasileiro do Café e da Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia, acordou-se criar a Organização Internacional do Café, um de cujos propósitos é "fomentar a expansão do consumo mundial do grão". Acrescentou que a Comissão Coordenadora da Organização estará integrada por delegados do Brasil, Colômbia, El Salvador e Nicarágua. Êstes dois delegados representarão a região da Fedecame. Os membros da Comissão têm que ser designados pelos governos respectivos e esperamos que antes que termine êste mês, possa ficar constituida, manifestou o sr. Uribe.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", n.º 475, 22-6-57)

A realidade iminente: superprodução brasileira de café

O Brasil deverá ter em 1958-59 um montante de 31 milhões de sacas de café para oferecer ao mercado mundial, salvo a ocorrência de geadas ou infortúnios semelhantes, e o govêrno e as entidades de classe não parecem mostrar maior abalo com a sombria perspectiva. Colheremos, em 1958, cêrca de 25 milhões de sacas e deveremos iniciar o ano comercial de 1958-59 com um remanescente mínimo de 6 milhões de sacas, pois para os 22 milhões que teremos para vender em 1957-58, não deveremos exportar mais que cêrca de 16 milhões (base de 1956-57).

Esses números não constituem novidade para ninguém, mas parece haver um acôrdo tacito para que não sejam trazidos ao público. Fala-se em perigo para o mercado e aviso para o "outro lado". Como se o comércio importador em todo o mundo não tivesse cansado de saber do que ocorre e do que está iminente e como se o mercado cafeeiro já não estivesse sentindo os primeiros efeitos dessa pressão do "futuro". Só o risco de uma geada durante o presente inverno é que sustenta ainda em bases razoáveis as cotações do café brasileiro. Depois de agôsto, poderemos esperar por pressões baixistas ainda mais acentuadas, salvo imprevisto no mercado mundial, como colheitas pequenas em outros países, conflitos em regiões produtoras, aumento repentino e acentuado do consumo internacional, etc. E como se vê pela enumeração, essas ressalvas são muito aleatórias.

Temos, portanto, que nos preparar para o pior. Até agora quase nada de prático o govêrno fêz para enfrentar a conjuntura que se está formando. A campanha pelos cafés finos é a única medida, mas, apesar de seus bons propósitos, os resultados ainda são pobres. E mesmo que fossem excelentes, não bastariam por si sós para mudar apreciàvelmente a situação em perspectiva para a nossa cafeicultura. A verdadeira batalha deve ser travada em duas frentes: nos centros de consumo e suas áreas de produção.

Nos centros de consumo, precisamos fazer uma política realista de promoção de vendas e duas alternativas se nos oferecem: ou a guerra sem quartel, ou o acôrdo internacional de preços. Talvez não levássemos muitas vantatagens práticas naquela, pois geralmente os cafés brasileiros hoje complementam os cafés finos da Colômbia e da América Central e os cafés altamente protegidos das colônias européias. Só uma depreciação extraordinária da cotação em dólar do produto brasileiro poderia dar alguma possibilidade de êxito na luta. Para o acôrdo internacional, já perdemos a melhor oportuni-

dade, quando tínhamos pouco café para vender; estamos agora numa situação mais crítica para fazer prevalecer nossos pontos de vista e amanhã estaremos ainda mais enfraquecidos. Evidentemente, há outras medidas que devem ser consideradas para vender mais, como a industrialização dentro do país (preparo do solúvel), a existência de frota nacional de transporte rápido e eficiente, propaganda em velhos e novos mercados, organizações nacionais operando no estrangeiro no setor do atacado e no do varejo, acordos de comércio inclusive com países da cortina de ferro, etc. Mas tôdas estas últimas providências são de efeito mais ou menos demorado, porque não se amplia um mercado de café de um instante para outro.

Nas áreas de produção, além da insistência no preparo de cafés finos, há o problema da produtividade, que deve ser enfrentado com rigor, mediante assistência técnica e financeira aos lavradores. E há ainda o problema delicadíssimo da limitação dos plantios, da extirpação das lavouras anti-econômicas, do zoneamento drástico de cafeicultura.

Mas em nada disso o govêrno parece pensar sèriamente. E as entidades de classe continuam preocupadas com problemas imediatos e, quanto ao futuro, só cogitam da liberação câmbial, nem tendo em conta que a existência do "confisco" ou não tende a tornar-se no Brasil, para o café, uma questão superada, como já o é para o algodão. O problema agora em vista não é mais o de saber se o govêrno deve ou não confiscar parcialmente os dólares obtidos com exportação do café; mas sim o de saber se poderemos vender todo o café que vamos produzir e se conseguiremos para êle um preço em dolar que, transformado em cruzeiro pela taxa mais realista, ao menos dê para o trato dos cafèzais...

(Da "Fôlha da Manhã", 18-5-57)

CANSAÇO VISUAL

A iluminação conveniente à imprescindível à boa visão. A má iluminação origina numerosos defeitos da vista, é responsável pela incapacidade progressiva para as atividades manuais ou intelectuais.

Evite o cansaço visual e, conseqüentemente, certos acidentes de trabalho, procurando realizar seus afazeres em ambientes convenientemente iluminados. — SNES.

Amplos recursos para a defesa da lavoura e da exportação do café

Importante providência do govêrno federal em prol da cafeicultura do país foi anunciada hoje, pelo ministro da Fazenda, em seu gabinete, perante os diretores do Instituto Brasileiro do Café e numerosos representantes da lavoura cafeeira. Trata-se de ato do IBC, consubstanciando medidas capazes de oferecer tranquilidade e segurança à lavoura cafeeira, através de melhor financiamento e de maiores recursos, sob a forma de prêmios à exportação do produto, que redundarão em melhor remuneração ao lavradores. Dando início à reunião, falou o ministro José Maria Alkimin, que pronunciou as seguintes palavras:

"A providência que acaba de ser aprovada pelo govêrno da República em prol da cafeicultura nacional é o resultado de cuidadosas e pacientes pesquisas em torno da evolução do mercado do nosso produto exportável. Não é ela um ato precipitado, surgido da súbita necessidade de recursos a soluções emergentes, que uma repentina agravação de condições da lavoura cafeeira tivesse tornado imperiosa. Representa, ao contrário, o término de estudos e trabalhos, já há meses empreendidos, com o objetivo de melhor fortalecer e caracterizar a política cafeeira do govêrno, executada sem vacilações e com proveito incomum, como atestam os quadros estatísticos da exportação brasileira desde janeiro do ano pasado.

O momento para o anúncio das medidas de que se vinha cogitando é êste em que os cafés da safra 1957/58 ainda se encontram em poder dos lavradores que, dêsse modo, não serão surpreendidos com alterações nas bases de valor pelos quais, o seu produto passará a ser reputado.

O critério que presidiu à elaboração das providências foi o de propiciar incentivo ao aprimoramento das qualidades dos cafés.

O prêmio em cruzeiro, estabelecido na conformidade da proporção percentual dos preços, que forem alcançados nos mercados externos, em nada afeta o sistema cambial vigente, mantendo-se assim, o propósito do govêrno, de não adotar alterações de que decorra a modificação do valor externo do cruzeiro.

Proporcionando através do sistema de prêmios à exportação maiores recursos à cafeicultura, estar-se-á também, por fôrça do processo aprovado para a sua concessão, combatendo o sub-futuramento, prática que subrepticiamente enfraquece o poder de compra de nossa moeda.

MELHORES PREÇOS

O fato da passarem os lavradores, como acontecerá em virtude das providências de agora, a obter pelos seus cafés preços melhores, está longe de significar, como à primeira vista papoderia parecer que se venha a descortinar a perspectiva de queda no preço ouro. É que tal aumento de recursos tem por fim conceder ao lavrador a remuneração que lhe cabe de acôrdo com a qualidade do produto que oferece. E esta, quanto me-

lhor fôr mais será disputada nos centros externos de consumo, logrando conseqüentemente preços melhores.

Não se trata, assim, de valorização artificial, condenada em experiências anteriores, da economia cafeeira de nossa terra.

Nem tampouco de maior entrega de cruzeiros ao produtor, por força de declínio do valor de nossa moeda em confronto com a de outros países Devo acentuar, finalizando as palavras com que anuncio as providências de amparo à lavoura cafeeira, que as entidades mais representativas da classe foram auscultadas pelo govêrno, o que em muito contribuiu para que os órgãos técnicos, à frente dos quais se encontra o Instituto Brasileiro do Café, chegassem à solução ora aprovada".

RESOLUÇÃO DO I.B.C.

A seguir, o ministro da Fazenda passou a palavra ao sr. Paulo Guzzo, presidente do I.B.C., que leu o projeto de resolução a ser baixada pelo Instituto, consubstanciando as seguintes medidas:

O Banco do Brasil financiará por todo o curso da safra de 1957/58, cafés em conhecimentos ou em outros papeis representativos, da mercadoria, na base de 80 por cento nos preços de compra nos portos de exportação, consideradas as despesas de transporte, juros e armazenamento.

A todo o café submetido a despacho será garantida pelo I.B.C. opção de venda, nas condições abaixo estabelecidas para compra nos portos de exportação e que se objetivará na medida da sua liberação.

O I.B.C. adquirirá no mercado do disponível nos portos de exportação, sempre que se tornar necessário, cafés da safra 57-58, de conformidade com as seguintes condições:

Base tipo 4 — bebida mole Cr$ 3.330,00.

Base tipo 4 — bebida mole Cr$ .. de Rio — Cr$ 2.880,00.

Base tipo 4 — bebida Rio (estilo Santos) — Cr$ 2.340,00.

Entrega em média não inferior a 5-6.

No Pôrto do Rio de Janeiro:

Base tipo 7, bebida Rio — Cr.. 1.680,00.

Entrega em média não infeiror a 7.

No Pôrto de Vitória:

Base tipo 7-8 — bebida Rio — Cr$ 1.500,00.

Entrega em média não inferior a 7-8.

Diferença entre tipos Cr$ 60,00 por saca.

Entrega ensacado em Campanhia de Armazéns Gerais em lotes de 250 sacas de 60 quilos.

O I.B.C. pagará ao exportador um prêmio em cruzeiros, proporcional ao preço de cada saca de café exportado, a partir de US$ 43,00 — Fob. inclusive (ou sua equivalência em outra moeda), feita a conversão à taxa de câmbio e bonificação vigente. O prêmio inicial será de 1 por cento, elevando-se progressivamente de mais 1 por cento por dólar que exceder ao preço unitário acima referido.

Sendo objetivo essencial dessa intervenção assegurar a estabilidade dos preços, o I.B.C. ficaria autorizado a recolocar mediante venda os cafés que viesse a adquirir.

Ao I.B.C. serão proporcionados recursos suficientes para executar o programa de defesa, cabendo ao govêrno federal autorizar a retirada das provisões que se fizerem neces-

sárias da "conta dos agios", de conformidade com a lei n. 2.145, de 29 de dezembro de 1953, que prevê a aplicação das sobre-taxas na compra de produtos agropecuários.

As medidas ora anunciadas vigorarão a partir de 1.º de junho de 1957, e para os cafés da safra de 1957-58.

O sr. Arnaldo Sette, presidente da Junta Administrativa do I.B.C. leu o projeto de decreto que devia ser assinado no momento não fôsse a enfermidade do presidente da República.

NOTA DO GABINETE DO MINISTRO DA FAZENDA

Rio, 1 (Meridional) — Após importante reunião realizada hoje no Ministério da Fazenda, o gabinete daquela Secretaria de Estado distribuiu a seguinte nota:

"Os recursos destinados à lavoura cafeeira serão retirados dos ágios cobrados de acôrdo com a lei n. 2.145, de 29 de dezembro de 1953, e constituidos dos valores abaixo:

a) — 20 por cento dos saldos das sobre-taxas cobradas até 31 de dezembro de 1956.

b) — da importância que venha a ser apurada nos cafés adquiridos pela Comissão de Financiamento da Produção à conta dos citados ágios;

c) — de 20 por cento do que se apurar de saldos favoráveis das referidas sobre-taxas, em cada exercício financeiro, e a partir do corrente ano de 1957, enquanto fôr mantido o atual sistema para operações de câmbio.

As importâncias que se apurarem nas operações oriundas das fontes de receita, serão incorporadas ao montante destinado à lavoura cafeeira, e registradas em conta especial no Banco do Brasil S/A.

A importância relativa aos recursos obtidos será liberada no prazo de 4 anos, à razão de 25 por cento em cada ano, e vencerá os juros convencionados com o Banco do Brasil, pagáveis semestralmente.

Os valores e recursos obtidos nos termos do ato do Executivo atenderão às seguintes aplicações:

a) — operações de defesa do mercado do café;

b) — financiamento, através de bancos oficiais e contra-garantias bancárias, de operações destinadas à renovação e implantação de cafeicultura racional, a compra ou instalação de aparelhamento para melhoria das qualidades do café.

c) — financiamento, nas condições do item precedente, da aquisição de adubos, inseticidas, tratores, máquinas, implementos e veículos destinados à agricultura, a serem vendidos a prazo aos agricultores".

Ficarão a cargo de uma Comissão Executiva, constituida do ministro da Fazenda, seu presidente, do presidente do Instituto Brasileiro do Café e do presidente da Junta Administrativa do referido Instituto, do presidente do Banco do Brasil e do diretor da Carteira de Câmbio, as aplicações mencionadas acima, as quais serão programadas, anualmente, pela Junta Administrativa do I.B.C.

No prazo de 30 dias será elaborado o regimento da Comissão Executiva, o qual será aprovado pelo decreto do Poder Executivo.

As contas da aplicação dos recursos acima, serão prestadas ao Tribunal de Contas, nos termos da legislação vigente.

(Do "Diário de São Paulo", 2-6-57).

Medidas tomadas em defesa do café

Quando decorrido pouco mais de um ano do atual govêrno e quando mais se faz presente a sua atuação no campo da economia e das finanças. dentro das diretrizes bem intencionadas de servir à nação, objeções têm surgido de que não estaria sendo dispensado o tratamento necessário à agricultura, nos setores que competem ao Ministério da Fazenda.

Impõe a verdade que se afirme ser extraordinário e mesmo titânico o esforço no combate à inflação, para o que vem se dispensando a melhor atenção no trabalho do fortalecimento da moeda e do aumento da produção nacional, notadamente da produção agrícola e dentro desta, com especial destaque, da produção do café.

É propício, portanto, nesta oportunidade, ressaltar as principais e efetivas medidas, postas em execução, de amparo e estímulo à cafeicultura, mercê da vital importância que tem esta na economia do país, fonte produtora que é dos mesmos recursos que possibilitam a intensificação do progresso nacional.

Aí estão para atestar estas acertivas as mencionadas medidas:

1 — Diminuição dos onus e da burocracia dos cafés exportáveis e melhoria das bases de financiamento.

Com o recente Decreto Executivo n.º 41.080, de 1957, foi excluida a interferência do Serviço de Economia Rural, da classificação e fiscalização na exportação do café, diminuindo-se consideràvelmente a parte burocrácia que pesa sôbre o café exportável extinguindo-se a taxa de Cr$ 10,00 por saca, o que representa uma exportação previsível de dezesseis milhões de sacas, e a economia de 160 milhões de cruzeiros.

Nesse setor outras medidas estão sendo estudadas sempre visando a diminuição dos encargos e da burocracia dos cafés exportáveis.

A elevação das bases de financiamento pela Carteira Agrícola muito tem beneficiado a produção do café.

2 — Regulamentação de embarques.

Na disciplinação dos embarques de café, prática que visa o equilíbrio entre a oferta e a procura nos portos nacionais, o govêrno, aceitando integralmente, sem qualquer restrição, a tese esposada pela lavoura cafeeira, baixou o regulamento, proporcionando-lhe oportunidade de vender seu produto em qualquer pôrto.

Além disso, nesse estatuto, criou-se a possibidade do aumento dos cafés "preferenciais" por serem permitidos na sua composição tipos 4 (ao invés de 3 por 4) e por independerem do limitado estoque nos portos.

3 — Campanha dos cafeicultores.

Salutar e benéfico êsse grande empreendimento que vem colhendo ótimos resultados.

É indiscutível que a Campanha encontrou plena repercussão nos quadrantes do território cafeeiro nacional, pois, os cafeicultores sentiram a necessidade imperiosa e inadiável de melhorar seu produto, em benefício da nação e em seu próprio.

Do empirismo da produção passaremos à produção cientifica e racionalizada, mercê de uma orientação certa e adequada.

4 — Leis de amparo ao café.

Diversos diplomas legais tramitam pelas Casas do Congresso versando sôbre a taxa de propaganda, a alteração da lei n.º 1.799 (institucional do I.B.C., a criação do Fundo do Café etc..

Tem sido objetivo da atenção do govêrno a confecção de leis da amparo e melhoria do produto básico do país.

5 — Plano da política cafeeira a longo prazo.

O Instituto Brasileiro do Café está estudando um plano de política cafeeira a longo prazo, tendo, para isso, solicitado a colaboração das entidades de classe interessadas no problema. Os trabalhos apresentados estão em estudos na Comissão Especial de Planejamento, designada pela Junta Administrativa. Essa comissão é composta de lavradores e comerciantes de café (aqueles em maioria). Além dessas providências, a Junta Administrativa incumbiu dois de seus membros — drs. Renato Costa Lima e Francisco Giraldes Filho — de, como observadores, comparecer às reuniões da FEDECAME e do Bureau Pan-Americano do Café, a se realizarem no corrente mês, no Panamá e em Nova York.

Finalmente uma Reunião Extraordinária daquele órgão supremo da autarquia cafeeira está programada para 22 de junho futuro, quando tomará posição definitiva quanto à política cafeeira a longo prazo, elaborando um plano a ser submentido à apreciação do govêrno federal.

6 — Importação de fertilizantes.

Por intermédio do Instituto Brasileiro do Café está sendo processada a importação de fertilizantes concentrados destinados á lavoura cafeeira, no valor de 350 milhões de cruzeiros que, à taxa de custo de câmbio, corresponde a 7,5 milhões de dólares.

7 — Aparelhos geradores de neblina.

Também para emprêgo na mesma lavoura, já estão chegando ao país e sendo entregues ao produtores de café, aparelhos para êsse fim importados com recursos concedidos no valor de 225 milhões de cruzeiros correspondente a 5 milhões de dólares.

Foi já autorizada a Carteira de Crédito Agrícola a financiar a aquisição dêsses aparelhos pelos produtores, dentro do financiamento para as lavouras geadas.

8 — Mecanização da agricultura.

O novo regime de importação de máquinas agrícolas, para venda a prazo de três anos, aos lavradores a preços controlados pelo govêrno, que está sendo posto em execução, já resolveu a próxima importação de máquinas no valor de 12,5 milhões de dollars, que será elevado, até o fim do corrente ano a 40 milhões de dollars.

9 — Financiamento às lavouras geadas.

As lavouras sacrificadas pelas geadas de 1953 a 1955, estão sendo devidamente assistidas mediante empréstimo a juros razoáveis e longo prazo para sua recuperação, tendo sido feitas, de 1954 a fevereiro de 1957, cêrca de 6 mil operações no valor de mais de 3 bilhões de cruzeiros.

10 — Garantia de preços mínimos.

Na base dos preços fixados pelos decretos nrs. 31.087, de 1952, 33.266, de 1953 e 35.612, de 1954, foram amparadas as safras de café de 1951 a 1954, mediante operações de financiamento e compra, sendo que nas operações relativas à última delas, foram aplicados mais de 9 bilhões de cruzeiros, ficando em poder do govêrno um estoque superior a 3,5 milhões de sacas de café.

A retenção dêsse estoque, não obstante os encargos que acarreta para os cofres públicos, tem sido altamente vantajosa para a economia cafeeira, tendo permitido normal funcionamento do respectivo mercado.

O govêrno tem acompanhado com o máximo interêsse o desenvolvimento da conjuntura cafeeira e, dentro da orientação que se traça não falará com o amparo necessário à agricultura em geral e à cafeicultura em particular.

Medidas precipitadas só poderão perturbar o regular desenvolvimento dos negócios, e não mudarão as diretrizes governamentais, as quais serão invariàvelmente conduzidas de acôrdo com as conveniências da economia nacional.

O govêrno, conhecedor que é do bom-senso e equilíbrio de que se revestem habitualmente as proposições e reivindicações das classes agrícolas — conservadoras por excelência — tem sempre contado com sua valiosa e indispensável colaboração para a realização dos programas, visando a prosperidade do Brasil.

(Do "Diário da Noite", 18-6-57)

Substitua progressivamente o seu cafèzal velho e deficitário por um replantio cuidadoso, feito com boas semente e boas adubações. Defenda o solo da erosão por meio de curvas de nível, cordões, terraços, faixas de vegetação, carpas alternadas.

Colha sòmente os cafés maduros.

Seque e beneficie com cuidado.

Apreciações do Sr. Paulo Guzzo sôbre a posição estatística do café

Na recente reunião da Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café, o presidente da autarquia, dr. Paulo Guzzo, fêz as seguintes comparações a respeito da posição estatística do produto: "Em 31 da março próximo passado, a existência era de 5.874.000 sacas, compreendendo os estoques nos portos e o café ainda por liberar. Dadas as previsões de exportação, cabotagem e consumo a bordo e nos portos, deveremos chegar a 20 de junho com um remanescente em todos os portos de aproximadamente ..... 2.700.000 sacas, não computados os estoques governamentais. Com a disponibilidade apontada em 31 de março, verifica-se que a situação ainda é de equilíbrio estatístico, podendo mesmo os estoques previstos para 30.6.57, ser considerados abaixo dos normais. A avaliação preliminar da safra 56/57, procedida por êste Instituto, sujeita ainda a revisão, dão uma produção provável de 17.700.000 sacas, assim distribuida pelos diversos Estados:

São Paulo	7.600.000
Paraná	3.850.000
Minas Gerais	3.300.000
Espírito Santo	1.920.000
Goiás	300.000
Bahia	280.000
Rio de Janeiro	225.000
Pernambuco	220.000
Outros	5.000
Total	17.700.000

Todavia, as perspectivas para os próximos anos indicam claramente a possibilidade de aumento considerável da produção mundial. A expansão do consumo do café deve ser promovida por todos os meios. Esta a razão pela qual desde que assumimos a direção do IBC, vimos nos batendo por uma política cafeeira realista, projetada para o futuro, prevenindo e amenizando os efeitos negativos e mantendo as posições já conquistadas e que infelizmente vem sendo a pouco e pouco solapadas pela dupla concorrência dos suaves colombianos e centro-americanos e pelos "robustas" africanos. Uns, com a qualidade e outros com o preço bem inferior, ambos, contudo, melhor apresentados comercialmente e dispondo de recursos de operação de negócios eficazes e seguros, não só na oportunidade como no pêso de sua influência no mercado de consumo. Para têrmos uma idéia da marcha progressiva dos concorrentes e de nossos recuos, o quadro abaixo dá uma visão do café exportável mundial desde 1945, em que os fatos que apontamos estão sintèticamente patentes".

PRODUÇÃO MUNDIAL EXPORTÁVEL DE CAFÉ

De 1945/46 a 1956/57

Unidade: 1.000 scs. de 60 ks.

Safras	*Brasil*	*Outros da América Latina*	*África e Ásia*	*Total*
1945/46	12.701	9.937	3.037	25.675
1946/47	14.019	11.945	3.332	29.296
1947/48	13.572	10.647	3.698	27.917
1948/49	16.952	10.425	3.541	30.918
1949/50	16.303	8.733	3.875	28.911
1950/51	16.754	8.460	5.071	30.285
1951/52	15.021 (1)	9.797	5.037	29.855
1952/53	16.100	11.172	5.906	33.178
1953/54	15.148 (1)	11.039	7.361	33.548
1954/55	14.512	11.645	6.796	32.953
1955/56	22.063	10.627 (2)	7.302 (2)	39.992 (2)
1956/57 (3)	11.810	14.245	9.590	35.645

Fontes: Brasil — IBC.

(1) Cifras retificadas — Bureau Pan-Americano do Café.

(2) Cifras provisórias.

(3) Estimativa.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos," n.º 472, 1-6-57)

ALIMENTAÇÃO DEFEITUOSA E DENTES ESTRAGADOS

A principal causa dos dentes estragados ou cariados é a alimentação pobre em cálcio, fósforo e vitamina D. Corrigir a alimentação defeituosa é o primeiro passo para evitar a cárie dos dentes.

Proteja seus dentes incluindo na alimentação leite, ovos, verduras e frutas.
— SNES

De júbilo, e mesmo euforia, a reação predominante nas entidades agrícolas sedeadas na Capital

DE UMA "POLÍTICA DE CAFÉ" A UM ESQUEMA DE EMERGÊNCIA

Para ressaltar essas variações de interpretação, basta considerar a forma pela qual são em seu conjunto encaradas as medidas estabelecidas pelo govêrno federal. No entender de alguns, trata-se da instituição de uma verdadeira política de defesa do mercado, baseada em três pontos principais: garantia de preços, prêmio aos produtos superiores e fundo do café. O primeiro item visa evitar o aviltamento das cotações ao lavrador, o segundo recompensa seus esforços para melhoria da qualidade e o terceiro atende ao imperativo de renovações e racionalização das fazendas da rubiácea.

No entanto, outros entendem que — ao invés de uma política de café — o que se anunciou sabado foi simplesmente um esquema de emergência, destinado a atender aos reclamos da lavoura e a inspirar segurança ao mercado. Concedem que se trata de um conjunto de providências bem articuladas e de prováveis efeitos benéficos a curto prazo sôbre a situação financeira do lavrador. Não crêem, porém, que os cafeicultores devam esperar dessas providências mais do que um alívio pasageiro, já que os problemas básicos da cafeicultura, notadamente os de ordem agronômica, não podem ser de pronto resolvidos e, assim, passado algum tempo, a mesma situação angustiosa retornará, com novas pressões para aumento de preço em cruzeiro para a rubiácea; a baixa produtividade das plantações e a proximidade de eventual superprodução, com queda das cotações em ouro, são os argumentos invocados pelos que assim consideram a questão.

Deve-se ressaltar ainda a posição dos que, instalados em zona de má bebida, argumentam que as providências do govêrno federal em nada irão melhorar sua remuneração. A essas queixas, porém, entre os próprios lavradores se opõe o argumento de que melhorando o preparo do produto — que aparentemente é um dos objetivos a que têm em vista o govêrno — o produtor já estará sendo compensado por um prêmio razoável.

CONSIDERAM-SE GERAIS OS BENEFÍCIOS

A opinião predominante nas entidades agrícolas desta capital, portanto, e a de que o esquema cafeeiro do govêrno federal beneficiará a tôda a lavoura da rubiácea. Aos que produzem cafés baixos, argumenta-se, será dado o estímulo concreto de aprimorar o tipo do produto, para fazer jus ao prêmio. Por sua vez, até mesmo os pequenos plantadores que vendem o café em côco no interior serão atingidos, pois se a mercadoria, uma vez beneficiada e reme-

tida para os portos, vai atingir cotações bem maiores que as vigentes, é de admitir que essa perspectiva de maior lucro do comerciante já faça sentir seus efeitos desde logo nas suas transações como o agricultor. Além disso, com as perspectivas que agora se abrem, de prêmio à exportação e de maior financiamento ao produto embarcado, deverá tomar vulto no interior, segundo se crê, o movimento para constituição de cooperativas a fim de beneficiar as colheitas dos plantadores de menores recursos. Recorda-se a propósito que, na última reunião do I.B.C., foi aprovada indicação no sentido de que a autarquia financiasse tais organizações.

Ressalta-se ainda que o plano do govêrno, sendo anunciado com antecedência, terá o efeito de beneficiar diretamente o plantador, que ainda não começou a vender sua safra e que, portanto, ao entabular negociações, já o estará fazendo sob melhores condições de preço.

COMPRAS PELO I.B.C.

De modo geral, não se acredita que o I.B.C. venha a ser compelido a adquirir café aos produtores. Conforme tabela que a Sociedade Rural Brasileira distribuia ontem a seus associados, será muito mais vantajoso vender aos exportadores do que entregar o produto à autarquia às cotações por ela estipuladas. O quadro referido é o seguinte, vendo-se, pela ordem das colunas, o preço FOB da libra-pêso e o preço FOB da saca em dólares, o montante em cruzeiros correspondente à conversão dêsses dólares à taxa de Cr$ 37,06, a porcende prêmio concedida, o valor do prêmio, e o preço final da saca incluindo êsse prêmio:

Cents p/ Libra FOB	*Dolar p/ Saca FOB*	*US$-Cr$ 37.06 Cr$ FOB — 1/sc.*	*Prêmio %*	*Valor prêmio Cr$*	*Valor líquido Cr$ FOB — p/sc.*
32.57	46,00	1.593,60	1	15,90	1.609,50
—	44,00	1.630,60	2	32,60	1.663,20
34.09	45,00	1.667,70	3	50,00	1.717,70
—	46,00	1.704,80	4	68,20	1.773,00
—	47,00	1.741,80	5	87,10	1.828,90
—	48,00	1.778,90	6	106,70	1.885,60
—	49,00	1.815,90	7	127,10	1.943,00
37.88	50,00	1.853,00	8	148,20	2.001,20
—	51,00	1.890,10	9	170,10	2.060,20
—	52,00	1.927,10	10	192,70	2.119,80
—	53,00	1.964,20	11	216,10	2.180,30
—	54,00	2.001,20	12	240,10	2.241,30
41.67	55,00	2.038,30	13	265,00	2.303,30
—	56,00	2.075,40	14	290,60	2.366,00
—	57,00	2.112,40	15	316,90	2.429,30
—	58,00	2.149,50	16	343,90	2.493,40
—	59,00	2.186,50	17	317,70	2.558,20
45.45	60,00	2.223,60	18	400,00	2.623,80
—	61,00	2.260,70	19	429,50	2.690,20

Cents p/ Libra FOB	*Dólar p/ Saca FOB*	*US$-Cr$ 37.06 Cr$ FOB — 1/sc.*	*Prêmio %*	*Valor prêmio Cr$*	*Valor líqüido Cr$ FOB — p/sc.*
—	62,00	2.297,70	20	459,50	2.757,20
—	63,00	2.334,80	21	490,30	2.825,10
—	64,00	2.371,80	22	521,80	2.893,60
49.24	65,00	2.409,90	23	554,00	2.962,90
—	66,00	2.446,00	24	587,00	3.033,00
—	67,00	2.483,00	25	620,70	3.103,70
—	68,00	2.520,10	26	655,20	3.175,30
—	69,00	2.557,10	27	690,40	3.247,50
53.03	70,00	2.594,20	28	726,40	3.320,60
—	71,00	2.631,30	29	763,10	3.394,40
—	72,00	2.668,30	30	800,50	3.468,80
—	73,00	2.705,40	31	838,70	3.544,10
—	74,00	2.742,40	32	877,60	3.620,00
56.82	75,00	2.779,50	33	917,20	3.696,70

REFLEXO SÔBRE O PREÇO-OURO

Uma dúvida que desde logo se apresenta à consideração dos lavradores é a de saber se não poderá ocorrer queda do preço em dólar. Se isso se efetivasse, o exportador não poderia pagar ao lavrador os referidos preços em cruzeiros, pois seria evidentemente menor sua receita com a entrega das cambiais ao govêrno. Julga-se que no momento imediato não se poderá afirmar nada a êsse respeito, não devendo ser tomadas como indicadoras da evolução do mercado as altas que ontem se verificaram em Nova York. Estas seriam explicáveis pela natural maior movimentação do mercado com os elementos que tinham posição tomada querendo liquidar seus negócios imediatamente a fim de prevenir-se contra as conseqüências da nova política brasileira em relação à rubiácea, Lembra-se, no entanto, que estamos sob o signo de uma possível superprodução, em decorrência das colheitas estimadas para 1958 e assim, se as floradas dêste ano correrem bem, pode-se esperar uma baixa nos preços internacionais. Julgam outros porém, que a disposição do I.B.C. de comprar café a fim de impedir o aviltamento das cotações já servirá para conter o mercado; e mesmo, se fôr necessário, bastará que a autarquia adquira pequenas quantidades para influir psicológicamente e segurar os preços, pois a superprodução efetiva só poderá ocorrer na safra de 58-59.

POSSÍVEIS EFEITOS INFLACIONÁRIOS

Nesse ponto, porém, entra para o cenário das discussões a questão de saber-se se as medidas anunciadas terão efeito inflacionário. A consideração do problema requer a consideração de três aspectos distintos: o aumento da receita dos cafeicultores, a compra de café pelo I.B.C. e os maiores financiamentos pelo Banco do Brasil.

Quanto ao primeiro item, não se consegue ocultar o temor de que o aumento das rendas dos lavradores influa sôbre os preços pagos por todos os bens e serviços de que êles se utilizam e dessa forma seu efeito inflacionário seria inevitável; daí porque alguns — como frisamos acima — julgam que a nova política do govêrno trará simplesmente um alívio por um certo período ao cafeicultor. Isso porque não se acredita na capacidade do govêrno de comprimir suas despesas de molde a dispensar, para uso próprio, a receita correspondente àqueles meios; haveria, assim — segundo essa interpretação — emissões de papel-moeda em volume idêntico ao destinado ao fundo do café.

Relativamente às compras do I.B.C., não se acredita que devam ser avultadas. Nas condições normais do mercado, como já mencionamos, os produtores terão interêsse em vender aos exportadores, que lhes poderão pagar melhor. E se houver baixa, julga-se que uma intervenção moderada será suficiente para reerguer os preços.

Quanto ao problema do financiamento, aplica-se o mesmo raciocínio feito com relação aos prêmios à exportação. Julga-se que, à falta de austeridade do govêrno, o Banco do Brasil terá de lançar mão de emissões de papel-moeda a fim de atender às solicitações adicionais de crédito. No entanto, entende-se que não se deve exagerar o vulto dêsse acréscimo. Argumenta-se, assim, que o tipo 4, bebida mole, tem um preço mínimo fixado nos portos, de Cr$ 3.300,00 por saca. O Banco do Brasil deverá financiar a mercadoria na base de 80%, deduzindo as despesas de transporte, juros e armazenamento, que andariam por volta de Cr$ 300,00 por saca: assim, a base real de financiamento seria de Cr$ 2.400,00 por saca do produto dêsse tipo, o que não representaria um aumento muito acentuado em relação aos níveis atuais. Além disso, argumenta-se que as agências do Banco no Interior naturalmente relutarão em atender aos pedidos de financiamento. Não só exigirão certas garantias de idoneidade, tradição, etc., do mutuários, como tenderão sempre a financiar a mercadoria por tipo e bebida inferiores aos pretendidos pelo cafeicultor, tudo isso influindo para que a solicitação adicional de crédito àquela entidade não cresça exageradamente. Por outro lado, supõe-se que aumente o interêsse dos bancos particulares no financiamento ao café, o que viria aliviar também o estabelecimento de crédito oficial.

Além disso, argumentaram alguns que, em face das restrições de crédito e da retração de negócios que se vinha registrando em nosso Estado, uma certa injeção de numerário no mercado poderá até ter alguns efeitos benéficos.

RECURSOS ESCASSOS

A crítica geral que se faz ao plano do govêrno diz respeito à escassez dos recursos votados ao fundo do café, do qual deverão sair os prêmios e meios para eventuais compras, além de financiamentos de renovação e aparelhamento das fazendas. Com efeito, a êsses fins serão destinados 20% dos saldos dos ágios registrados a 31 de dezembro de 1956. A êsse montante deverão acrescer-se novas parcelas provenientes das sobretaxas cambiais de cada exercício fiscal. No entanto, a reforma alfandegária — absorvendo na tarifa parte dos ágios — deverá reduzir de muito êsse mon-

tante. Teme-se assim que só os prêmios à exportação absorvam quase todo o fundo do café, nada restando para o financiamento à renovação e racionalização das plantações.

SUBFATURAMENTO E SÔBREFATURAMENTO

De modo geral, considera-se nos círculos agrícolas que a nova política governamental virá pôr fim ao subfaturamento. E argumentam da seguinte forma: o subfaturamento tem proporcionado cêrca de 8 dólares por saca de café tipo 4, bebida mole. Ao invés de futurá-la a uns 73 dólares, por acôrdo entre exportar e importador estrangeiro, declara-se, o valor correspondente a 65 dólares Dêsses 8 dólares o exportador obtém 4, que rendem no câmbio livre cêrca de Cr$ 240,00. Ora, pelo novo regime de prêmios (consulte-se a tabela acima) entre a saca que rende 65 dólares e à que rende 73, há uma diferença de bonificação adicional de Cr$ 290,00. Portanto a receita em cruzeiros é menor e não há os riscos que encêrra tôda operação fraudulenta. Em alguns círculos. porém, pondera-se que a incidência do imposto de renda sôbre esta última parcela irá restringir bastante o que chegará livre às mãos do exportador. Além disso, em relação aos tipos baixos, a diferença entre prêmios e cotação do câmbio livre ainda estimula diretamente o subfaturamento. Surgiria, porém, a ameaça do sôbrefaturamento, isto é, o exportador declarar um preço em dólares maior, para receber a bonificação em cruzeiros. Tomemos o exemplo acima dado, invertendo-o. Uma saca de 65 dólares seria declarada a 73. O exportador receberia um prêmio extra de mais Cr$ 290,00; no entanto, teria que entregar ao govêrno mais 8 dólares, que, obtidos no câmbio livre, dêle exigiriam um dispêndio de perto de Cr$ 550,00, aos níveis atuais do mercado. Nessas condições, o sôbrefaturamento não seria compensador.

(Da "Fôlha da Manhã", 4-6-57)

Proteger as florestas e a fauna é um dever de todos nós. O Brasil, país novo, é muito mais desflorestado que as velhas nações da Europa. Nossos rios são tão poluidos e tão devastados por uma pesca irracional, que não há mais peixes. Nossos animais silvestres estão se extinguindo. Nossas madeiras de lei só existem a centenas de quilômetros dos grandes centros. Matar animais ou abater árvores, por esporte ou por defeituosa orientação agrícola, é mais que um êrro: é um crime, que nos custará caro, no futuro, se não nos corrigirmos em tempo.

Prêmios instituidos pela Câmara Municipal de Pirajú

Um concurso anual e permanente de cafeicultura, com valiosos prêmios em dinheiro e diplomas de mérito foi instituido pela Prefeitura municipal de Pirajú, segundo comunicação feita ao ministro da Fazenda e ao Instituto Brasileiro do Café pelo prefeito daquela cidade paulista. A lei municipal que instituiu o "Concurso de Cafeicultura" prevê a inscrição ex-ofício de tôdas as propriedades cafeeiras do município e os critérios básicos de classificação das mesmas, incluindo os cuidados de preservação do solo, a qualidade do café e a assistência social aos rurícolas, para efeito da concessão dos prêmios. Estabelece o regulamento a criação de uma comissão especial de classificação, composta de representantes da Câmara Municipal, Associação Rural, Secretaria da Agricultura e Imprensa, que terá assessôres técnicos de reconhecida competencia, além de tôdas as facilidades da municipalidade para o desempenho de suas funções. Os prêmios,entregues aos vencedores em sessão especial comemorativa, serão conferidos na seguinte ordem: 1.º prêmio, no valor de Cr$ .. 100.000,00; 2.º prêmio, Cr$ 20.000,00; 3.º, Cr$ 10.000,00. A resolução adotada pela Câmara Municipal de Pirajú é digna de ser seguida pelos demais municípios cafeicultores, ecpenhados em melhorar a qualidade do produto, criando assim uma condição favorável à colocação do mesmo nos centros consumidores, cada dia mais exigentes.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", n.º 475, 22-6-57)

* * *

DUPLICOU O CONSUMO DE CAFÉ NA ALEMANHA

Os alemães ocidentais consumiram no ano passado o dôbro da quantidade de café adquirida em 1954, segundo revelam as estatísticas oficiais. O consumo de café em 1956 foi de 118.799.800 quilos, em comparação com ..... 56.490.600 quilos em 1954. O aumento do consumo foi consequência direta de uma redução de impostos em fins de 1954. Êsse imposto, que era de 10 marcos por quilo, passou a ser de apenas três. Os preços do café no varejo, nos quais está englobado o imposto, oscilam agora entre 16,80 e 28,50 marcos o quilo.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", n.º 475, 22-6-57)

O CAFE' VISTO NOS ESTADOS UNIDOS

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — NOVA YORK)

N.º 1039 CARTA SEMANAL DO MERCADO 7 de Junho de 1957

SITUAÇÃO ECONÔMICA

No transcurso do primeiro semestre do ano corrente, temos comentado nesta Carta Semanal, o fato de que algumas indústrias dos Estados Unidos têm experimentado uma diminuição em suas atividades, mas outras, ao contrário, aumentaram muito os seus negócios. A economia norte-americana tem se tornado cada vez mais multiforme, no sentido de que, como dantes, o movimento de certas indústrias básicas determinava as condições gerais da economia do país. Isso se torna ainda mais patente êste ano, como se vê com o declínio da produção das fábricas de automóveis, das construções residenciais, das manufaturas de aparelhos domésticos e de artigos de metal e das indústrias madeireiras. Apesar do retraimento econômico notado nesses importantes setores, é evidente que em conjunto a situação é satisfatória, no mundo dos negócios, esperando-se que a expansão da economia continue até 1958.

Esta semana, seis economistas de renome nos Estados Unidos, cujos pontos de vista econômicos e políticos são os mais diversos, em depoimentos feitos perante um Comitê do Congresso, foram unânimes em afirmar que as perspectivas dos negócios são favoráveis, não havendo sinais de diminuição no volume total das atividades econômicas dos Estados Unidos, em futuro previsível. Declararam também que os preços provàvelmente continuarão subindo e que, conseqüentemente, a inflação constitui o maior perigo para a economia do país. Êsses economistas ressaltam a necessidade de que o Govêrno continue a manter as atuais restrições ao crédito, como os juros mais altos estabelecidos pela Federal Reserve Board, observando que, caso a economia do país se afetasse pelas despesas governamentais mais reduzidas, a primeira coisa a se fazer, para aliviar a situação, seria a de facilitar os créditos, em lugar de se diminuirem os impostos. Os economistas também chamam a atenção para o fato de que os estoques acumulados pelas indústrias nos últimos meses têm diminuido e que, por êsse motivo, a produção de certas indústrias sofreu uma diminuição, mas muitas emprêsas provàvelmente começarão a acumular novos estoques depois da temporada do verão, o que produzirá por sua vez uma subida nos preços.

No Mercado de Valores de New York, tem continuado a tendência de altas seguidas de consideráveis baixas, em conseqüência das transações feitas para a realização de lucros.

Em geral, o movimento das atividades da Bôlsa e dos preços das ações das companhias tem sido irregular no ano corrente. Em Janeiro e em Fevereiro, os preços das ações declinaram bastante, recuperando-se no transcurso dos três meses seguintes, com tendências para a alta.

Na semana passada, e no princípio desta, registrou-se uma considerável baixa, em conseqüência da qual o índice geral dos preços dos valores retrocedeu ao nível em que se achava no mês de Dezembro do ano passado. Apesar disso, tanto as corporações como os investidores se mostram confiantes do futuro como se pode ver do recorde dos novos valores oferecidos ao público e comprados durante o primeiro trimestre do ano. Segundo um relatório do "Securities and Exchange Commission", o volume dos valores vendidos no primeiro trimestre de 1957 excedeu de 60% o volume dos valores vendidos no mesmo período do ano passado.

MERCADO DO CAFÉ

No começo desta semana, renovou-se o interêsse dos compradores no mercado a têrmo e o volume diário passou de 300 lotes, o que contrasta vivamente com o movimento diminuto das recentes semanas. As transações no Contrato B abarcaram tanto as posições próximas como as mais distantes, mas no Contrato M se limitaram em grande parte às posições próximas, e, no período de quase duas semanas em que tem vigorado, a posição de Maio de 1958 não registrou nenhuma transação. A grande compra de cafés brasileiros no mercado a têrmo é atribuida às notícias de que serão mais altas as bases do financiamento da safra de 1957-58, estimando-se, de acôrdo com fontes bem informadas, que o dito financiamento, do Instituto Brasileiro do Café, será, em moeda norte-americana, mais ou menos 56-57 cents ex-doca New York, para o Santos 4 de boa qualidade. Caso essas notícias sejam confirmadas, os preços dos cafés brasileiros na próxima temporada contarão com um forte apôio. Os negociantes estão agindo na suposição de que as medidas tomadas pelas autoridades brasileiras terão um efeito estabilizador, de modo que, com a liquidação das posições ser cobertura e com o renovado interêsse dos compradores, as cotações do Contrato B no mercado a têrmo melhoraram consideràvelmente. No momento em que preparamos esta Carta Semanal, o movimento das transações diminui e o mercado parece estabilizar-se em níveis de certo modo mais altos. As posições próximas do Contrato M foram as que registraram maiores altas nesta semana, e o diferencial entre os Contratos B e M na posição de Setembro atualmente é de 12 cents, ao passo que na posição de Julho é de aproximadamente 6 cents.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, as atividades foram diminutas. O Contrato B fechou com 5 pontos abaixo e 25 pontos acima, em 18 lotes vendidos. O Contrato M fechou com altas de 25 a 50 pontos, em 32 lotes vendidos.

Segunda-feira, o mercado esteve ativo. O Contrato B fechou com altas de 115 a 150 pontos, em 245 lotes vendidos. O Contrato M fechou com altas de 115 a 135 pontos, em 72 lotes vendidos.

Têrça-feira, os comerciantes continuaram ativos, tendo comprado 219 lotes no Contrato B e 105 no Contrato M, mas os preços estiveram irregulares e aumentaram as vendas para realização de lucros. O Contrato B fechou com altas de 45 pontos e baixas de 20 pontos. O Contrato M fechou com altas de 5 pontos e baixas de 45 pontos.

Quarta-feira, o mercado declinou, com as vendas para realização de lucros, e o Contrato B fechou com baixas de 90 a 145 pontos, em 192 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 50 a 75 pontos, em 85 lotes vendidos.

Quinta-feira, ontem, o Contrato B fechou com baixas de 40 a 70 pontos, em 133 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 35 a 55 pontos, em 72 lotes vendidos.

Na semana que estamos passando em revista, o Contrato B registrou altas de 35 pontos e baixas de 50 pontos, num total de 797 lotes vendidos. O Contrato M registrou altas de 75 pontos e baixas de 10 pontos, num total de 366 lotes vendidos.

Mercado de físicos: Os preços têm estado firmes neste mercado, esta semana, com reduzida oferta das áreas produtoras. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 57,75 cents e os colombianos a 68,63 cents.

Última hora: Esta manhã, o Contrato B abriu com altas de 20 a 55 pontos, e o Contrato M abriu com altas de 5 a 15 pontos. A posição aberta era de 1.244 lotes no Contrato B e de 818 lotes no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Destinos Principais U.S.	Europa	Outros	Total
BRASIL (*)	1-6-57	116,000	111,000	11,000	238,000
	25-5-57	134,000	60,000	8,000	202,000
	2-6-56	260,000	70,000	17,000	347,000
COLÔMBIA (")	1-6-57	53,586	10,390	—	63,976
	25-5-57	68,847	12,592	3,471	84,910
	2-6-56	148,005	35,540	7,157	190,702

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	Países de Origens Brasil	Colômbia	Outros	Total
1-6-57				
25-5-57	263,077	314,225	191,467	768,769
2-6-56	47,415	242,089	157,383	446,887

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas Terminadas em: 1-6-57	25-5-57	2-6-56
BRASIL (*)	Santos	2,750,000	2,848,000	2,731,000
	Rio	459,000	479,000	629,000
	Vitória	170,000	173,000	188,000
	Paranaguá	329,000 (%)	341,000 (+)	1,923,000 (°)
	Pernambuco	3,000	3,000	17,000
	Bahia	33,000	33,000	31,000
	Angra dos Reis	30,000	30,000	39,000
	Total	3,774,000	3,907,000	5,558,000

COLÔMBIA (")	Barranquilla	43,168	37,219	25,514
	Cartagena	28,247	26,135	61,931
	Buenaventura	65,399	76,377	85,903
	Cúcuta	9,542	13,335	34,869
	Total	146,356	153,066	208,217

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(%) 328,000 livre e 1,000 retidos.
(+) 341,000 livre e nenhum retido.
(°) 755,000 livre e 1,168,000 retidos.

NOTÍCIAS DIVERSAS

X^a ASSEMBLÉIA GERAL DA FEDECAME: Dada a importância que o assunto tem para o mundo do café, vamos transcrever nesta Secção o Acôrdo N.° 1, aprovado pela Décima Assembléia Geral da FEDECAME, realizada recentemente no Panamá. Êsse Acôrdo, assinado pelos Delegados da FEDECAME presentes, foi também subscrito pelo Sr. Paulo Guzzo, Presidente do Instituto Brasileiro do Café e pelo Sr. Andrés Uribe C., Representante da "Federación Nacional de Cafeteros de Colombia".

"DÉCIMA ASSEMBLÉIA GERAL — ACÔRDO N.° 1 — PANAMÁ, REPÚBLICA DO PANAMÁ, MAIO DE 1957. OS ABAIXO-ASSINADOS, DELEGADOS DOS GOVÊRNOS E DAS ENTIDADES OFICIAIS DO CAFÉ REPRESENTADOS NA X^a ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA "FEDERACION CAFETALERA DE AMERICA" (FEDECAME), EM UNIÃO COM OS REPRESENTANTES DO INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ E DA "FEDERACION NACIONAL DE CAFETEROS DE COLOMBIA".

— TENDO EXAMINADO a situação e as perspectivas do mercado internacional do café e considerando a preponderante importância que tem o dito produto na economia mundial;

— TENDO TOMADO CONHECIMENTO, além disso, do Relatório apresentado pela Comissão Especial do Café do Conselho Inter-Americano Econômico e Social, em cumprimento da Resolução 34-54 da Reunião de Ministros das Finanças, realizada no Brasil em Novembro e Dezembro de 1954;

— OBSERVANDO que, em conformidade com o parágrafo 2 da citada Resolução 34-54, o Conselho Inter-Americano Econômico e Social transmitiu aos Govêrnos dos Estados Membros da Organização dos Estados Americanos, com data de 25 de Abril de 1957, dois estudos, intitulados "Propostas para um Convênio Internacional do Café" e "Propostas para uma Organização Internacional do Café";

— CONSIDERANDO que a Organização Internacional do Café recomendada no segundo dos estudos referidos oferece um procedimento viável e uma

base comum que permitirão aos países produtores e consumidores de café colaborarem estreitamente na realização de investigações e atividades capazes de proporcionarem uma melhor compreensão da economia mundial do café e fomentar a expansão do consumo mundial do mesmo;

RESOLVEM:

1 — Apoiar com entusiasmo a criação da Organização Internacional do Café;

2 — Instar com os Governos dos países produtores no sentido de tomarem as medidas necessárias para a pronta criação da Organização Internacional;

3 — Convidar os Governos dos países consumidores para partiparem da referida Organização, já que esta trará benefícios tanto para os países consumidores como para os países produtores;

4 — Constituir uma Comissão Coordenadora, para o que se solicita aos Governos do Brasil e da Colômbia, como aos Governos da área da FEDECAME, que sejam designados para representar cada um dêles um delegado principal e um delegado suplente na dita Comissão, com o fim de que se apressem as gestões tendentes ao estabelecimento da Organização, tomando-se como base o documento intitulado "Propostas para uma Organização Internacional do Café";

5 — A Comissão Coordenadora fixará sua sede e deverá: a) consultar a opinião dos Governos sôbre os estudos e projetos que motivam esta Resolução, especialmente com respeito à sua participação na Organização Internacional do Café; b) preparar no mínimo tempo possível e com base nas opiniões, observações e sugestões recebidas, um texto revisto do projeto relativo à Organização Internacional do Café; c) propor aos governos interessados o procedimento que considerar aconselhável para a realização de uma reunião internacional em que a Carta Constituinte da Organização possa ser discutida e aprovada;

6 — No desempenho de suas funções, a Comissão Coordenadora poderá consultar os Govêrnos de países e territórios produtores e consumidores de outras áreas e convidar os ditos Governos no sentido de designarem delegados que participem dos trabalhos da Comissão".

"COMO COMPLEMENTO DO ACÔRDO N.º 1, A Xª ASSEMBLÉIA GERAL DA FEDECAME RESOLVE:

— Designar El Salvador e Nicarágua, da área da FEDECAME, para que integrem a Comissão Coordenadora a que se refere o dito Acôrdo, e, em conseqüência disso, os Governos dos ditos países são convidados a nomearem seus respectivos Delegados".

N.º 1040 CARTA SEMANAL DO MERCADO 14 de Junho de 1957

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Os relatórios publicados na semana passada sôbre a situação dos negócios continuam a indicar uma atmosfera de grande confiança nos círculos do comércio e das finanças do país. O acontecimento de maior relêvo desta semana ocorreu na segunda-feira — a notícia de que o Presidente Eisenhower se achava enfêrmo, com uma ligeira indisposição. A notícia teve um efeito imediato no Mercado dos Valores, com um brusco aumento no volume das vendas e um correspondente declínio nos preços, mas o efeito foi passageiro, o o mercado se refez, voltando à normalidade. Em alguns setores da economia, que até agora haviam revelado debilidade, há indicações de melhoramento. As usinas siderúrgicas estão sendo utilizadas em 90% da sua capacidade, o que é considerado uma melhoria, mas a produção de aço declinará provàvelmente em conseqüência das férias do verão. Os observadores industriais se mostram otimistas quanto às perspectivas dos negócios no terceiro trimestre, esperando-se que o ano de 1957, em conjunto, sejam um dos melhores da história da indústria em geral. Os preços da sucata de aço subiram 40% nas últimas semanas, devido à intensidade das compras e ao volume extremamente grande das exportações, e ao Departamento de Comércio tornou a impor as quotas de exportação para essa mercadoria, para aliviar a situação de escassez registrada no mercado da sucata de metais. Por outro lado, os produtores de metais não ferrosos se encontram diante de um mercado contraído, em que as reduções de preços de certos metais não causaram a maior procura dos mesmos. As minas de metais em vários países foram cerradas temporàriamente, aguardando-se uma melhoria de preços no mercado mundial. Na indústria das construções, parece haver indicações de que os níveis atuais se acham um pouco acima dos de Março, e os projetos de novas residências aumentaram em número nas últimas semanas, mas o volume total das construções de casas particulares atualmente se acha muito abaixo do nível registrado durante os últimos anos. Em conseqüência do ritmo vagaroso das construções, várias indústrias que fazem o fornecimento de materais estão com certas dificuldades. Segundo uma das maiores companhias de seguro dos Estados Unidos, serão construídas um milhão e cem mil casas particulares no transcurso de 1957, total êsse aproximadamente o mesmo do ano passado. Se essa expectativa se realizar, haverá um grande aumento no volume das construções durante o segundo semestre dêste ano, uma vez que a média anual registrada em Março foi apenas de 880.000 unidades e que o aumento notado desde então foi também de pequenas proporções. Por outro lado, as construções industriais, comerciais e de obras públicas estão mantendo um recorde contínuo.

Um porta-voz das companhias de petróleo anunciou que, segundo tôdas as expectativas, as emprêsas produtoras de petróleo investirão aproximadamente $60.000.000 nos próximos cinco anos, em seus programas de expansão da produção, sendo que cêrca de $30.000.000 serão aplicados em países estrangeiros. O consumo de petróleo nos Estados, em 1965, está calculado em 40% acima do nível atual, isto é, 12.100.000 de barris por dia. Na década passada, as reservas petrolíferas dos Estados Unidos aumentaram em propor-

ção menor do que a produção e do que a procura, de modo que o aumento do consumo esperado no futuro será compensado principalmente pelas fontes de produção do estrangeiro.

No Mercado de Valores, como informamos acima, a notícia da enfermidade do Presidente Eisenhower teve uma forte repercussão nos preços das ações, que declinaram, notando-se, ao mesmo tempo, um aumento considerável no volume das transações, o qual foi o maior registrado no ano corrente. As baixas, todavia, não perduraram e os preços voltaram aos níveis anteriores, de maneira geral. Na opinião de muitos observadores, os preços das ações no Mercado de Valores subirão, alcançando níveis mais altos, no transcurso de 1957.

MERCADO DO CAFÉ

Os preços do café estiveram irregulares esta semana, tanto no mercado a têrmo como no de físicos, aguardando-se as decisões finais do Brasil e da Colômbia a respeito da orientação que os dois países tomariam sôbre a nova safra. Não foi ainda a notícia da semana passada quanto às novas normas de financiamento do café no Brasil (a opção do Instituto Brasileiro do Café, de comprar o café por certos preços, bem como de dar um bônus aos cafés de melhor qualidade). Em meados da semana, o Ministro das Finanças da Colômbia havia anunciado, segundo constava, que em 17 de Junho entraria em vigor a reforma cambial, não se sabendo ainda o efeito que essa reforma terá sôbre os preços do café, até que o govêrno colombiano anuncie oficialmente a nova medida.

Na quarta-feira, o Instituto Brasileiro do Café anunciou a estimativa oficial do café exportável relativo à safra de 1957-58, estimativa essa que é de 17.700.000 sacas, isto é, cêrca de 5 milhões acima da safra de 1956-57. Como as cifras do Instituto do Café em geral incluem no total exportável os embarques costeiros e o consumo nos portos, devem-se subtrair 900.000 sacas aproximadamente da estimativa do I.B.C., ajustando-se para 16.800.000 sacas o total da produção exportável. A maior parte do aumento será da produção do Panamá, com quase 4.000.000 de sacas disponíveis para a exportação. O total da exportação do Brasil nos onze meses de Julho de 1956 a Maio de 1957 foi de 14.088.000 sacas, o que representa mais ou menos uma diminuição de 1.500.000 sacas em comparação com o mesmo período anterior.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, as atividades declinaram apreciàvelmente em relação aos dias anteriores. O Contrato B fechou com altas de 15 a 40 pontos, em 63 lotes vendidos, e o Contrato M fechou irregular, com 70 pontos acima e 30 pontos abaixo, em 52 lotes vendidos.

Segunda-feira, o Contrato B fechou com 25 pontos acima e 35 pontos abaixo, em 58 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com baixas de 110 a 130 pontos, em 96 lotes vendidos, concentrando-se as atividades do Contrato M nas duas posições mais próximas.

Têrça-feira, o Contrato B continuou irregular, fechando com 10 pontos acima e 20 pontos abaixo, em 31 lotes vendidos. O Contrato M melhorou um pouco, com altas de 9 a 55 pontos, em 88 lotes vendidos.

Quarta-feira, o Contrato B fechou com baixas de 20 a 35 pontos, em 77 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 35 a 50 pontos, em 63 lotes vendidos.

Ontem, quinta-feira, o Contrato B fechou com baixas de 26 a 70 pontos, em 111 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 26 a 70 pontos, em 77 lotes vendidos.

Na semana que estamos em revista, o Contrato B registrou baixas de 31 a 122 pontos, num total de 340 lotes vendidos. O Contrato M registrou baixas de 140 a 245 pontos, num total de 376 lotes vendidos.

Mercados de físicos: Os preços do café na praça declinaram um pouco, em relação aos da semana passada, limitando-se os torradores a comprar apenas para as suas necessidades imediatas. Apesar disso, as cotações aparentemente estão se estabilizando nos seus níveis atuais. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 57 cents e os colombianos a 67,13 cents.

Última hora: Esta manhã, o Contrato B abriu com baixas de 5 pontos e altas de 5 pontos, e o Contrato M abriu com altas de 10 a 16 pontos. A posição aberta era de 1.257 no Contrato B e de 784 no Contrato M.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Durante a última semana de maio p. p., a Pacific Coffee Association, entidade que representa a indústria do café na região do ocidente dos Estados Unidos, realizou em Pebble Beach, Califórnia, a sua Convenção Anual, de que participaram membros da Junta Executiva do Bureau Pan-Americano do Café.

Damos, a seguir, um resumo das opiniões expressas em seus discursos perante a Convenção por algumas das personalidades de destaque que dela participaram.

O Sr. John F. McKiernan, Presidente da National Coffee Association, acentuou a necessidade de uma campanha de promoção compatível com as modificações ocorridas na produção, no consumo e nas variáveis tendências do mercado do café, para que o café possa manter o seu lugar como o principal produto de importação dos Estados Unidos e como o mais valioso produto de exportação da América Latina.

O orador concitou os produtores a considerarem a lavoura cafeeira como um negócio, "um negócio no pleno sentido da palavra, no qual vossa produção quantitativa pouco significa, se não mantiverdes uma atividade constante para incrementar as vendas e ampliar os mercados".

Relatou o Presidente da Associação que, durante sua recente visita a regiões cafeicultoras da África, pôde observar que as autoridades são unânimes em reconhecer a necessidade da intensificação da propaganda do café e estão dispostas a apoiar quaisquer medidas nesse sentido.

As pessoas de maior responsabilidade nos círculos agrícolas, disse êle, têm o dever de prever os problemas e de procurar solucioná-los. O Sr. McKiernan fêz um paralelo com as atividades esportivas, onde o jogador tem de prever e

estar preparado para enfrentar o lance seguinte. Na lavoura cafeeira, isso significa que, por ocasião do plantio dos novos pés de café, é preciso pensar onde e de que modo será colocada a produção adicional de café que se espera obter. Isso requer também que se pense antecipadamente nos meios de obter os fundos necessários para estimular um maior consumo do produto, acrescentou o orador.

O Sr. McKiernan mencionou certas modificações importantes ocorridas no mercado do café nestes últimos 8 anos — a tendência mundial a aumentar a produção, a "queda da qualidade" da bebida causada por processos impróprios de prepará-la, o impressionante surto da popularidade do café instantâneo, e o desenvolvimento de um novo e vasto mercado entre os jovens de 16 a 19 anos de idade.

A indústria do café nos Estados Unidos, disse o Sr. McKiernan, dedica-se a aumentar o consumo do café, e os cafeicultores, por sua vez, têm os mesmos objetivos e partilham da mesma fé no êxito dessa missão.

"Confiamos sinceramente", disse o orador, "em que reativem essa fé, reconhecendo a necessidade de ampliar a campanha de promoção como único meio de assegurar um consumo crescente do café, e proporcionando maiores recursos financeiros para êsse investimento".

"Êsse é o tipo de planejamento que promoverá tendências conducentes ao êxito. E esta indústria deve criar as tendências, em vez de segui-las", concluiu o Presidente da National Coffee Association.

O Sr. J. K. Evans, Assessor da Junta Executiva do Bureau Pan-Americano do Café, referiu-se ao café como um instrumento "de paz e prosperidade, uma fôrça profunda e positiva para a consecução de objetivos nacionais e internacionais". Mencionou o recente estudo do comércio interamericano, publicado pelo Bureau, o qual enumera 1.041 localidades norte-americanas que produzem artigos exportados para os países da América Latina produtores de café. Aludiu também o Sr. Evans ao crescente interêsse dos jovens pelo café e citou a publicidade dada a êste produto na revista "Seventeen", importante publicação destinada aos jovens dos Estados Unidos.

O Sr. Eugene G. Laugherty, Presidente do Instituto de Preparo do Café, disse que a base da campanha de fomento do café deve ser a qualidade e suas íntimas relações com a aplicação dos conhecimentos obtidos através da pesquisa científica. Discorreu sôbre os vários setores nos quais a tecnologia vem trazendo benefícios ao café. "Chegou o momento de, mais uma vez, enfocar claramente o objetivo precípuo — uma bebida de qualidade. O que tem sido feito em outros setores da vida industrial não deve ser difícil igualar ou mesmo ultrapassar em nosso produto", concluiu o Presidente do Instituto de Preparo do Café.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos Principais*			
		U.S.	*Europa*	*Outros*	*Total*
BRASIL (*)	8-6-57	111,000	51,000	11,000	173,000
	1-6-57	116,000	111,000	11,000	238,000
	9-6-56	99,000	128,000	26,000	253,000

COLÔMBIA (")	8-6-57	49,613	8,554	2,934	61,101
	1-6-57	53,586	10,390	—	63,976
	9-6-56	69,365	8,996	2,626	80,987
	Data Mensal:				
BRASIL (*)	Maio 1957 (&)	529,000	322,000	84,000	935,000
	Abril 1957	512,000	315,000	100,000	927,000
	Maio 1956	988,000	486,000	88,000	1,562,000
COLÔMBIA (")	Maio 1957	229,162	38,863	5,793	273,818
	Abril 1957	265,378	22,435	10,693	298,506
	Maio 1956	396,227	55,084	19,175	470,486

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de Origens*			
	Brasil	*Colômbia*	*Outros*	*Total*
8-6-57	238,053	310,604	189,388	738,045
1-6-57	253,280	311,658	195,904	760,842
9-6-56	46,367	238,836	147,892	433,095

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas Terminadas em:		
	Portos	8-6-57	1-6-57	9-6-56
BRASIL (*)	Santos	2,817,000	2,750,000	2,800,000
	Rio	416,000	459,000	665,000
	Vitória	166,000	170,000	194,000
	Paranaguá	320,000 (°)	329,000 (%)	1,904,000 (+)
	Pernambuco	—	3,000	15,000
	Bahia	35,000	33,000	26,000
	Angra dos Reis	30,000	30,000	39,000
	Total	3,784,000	3,774,000	5,643,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	39,119	43,168	23,098
	Cartagena	26,732	28,247	67,942
	Buenaventura	62,020	65,399	127,311
	Cúcuta	9,543	9,542	34,869
	Total	137,414	146,356	253,220

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(&) Data preliminar.
(°) 320,000 livre e nenhum retido.
(%) 328,000 livre e 1,000 retidos.
(+) 773,000 livre e 1,131,000 retidos.

N.º 1041 CARTA SEMANAL DO MERCADO 21 de Junho de 1957

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Segundo os índices estatísticos, publicados pelas organizações comerciais, as atividades econômicas durante o primeiro semestre do ano corrente se mantiveram no mesmo alto nível registrado no mesmo período do ano passado. Parece que a procura dos consumidores, em conjunto, se manifestou com contínua firmeza na maioria dos setores de economia do país, e que nesses setores o volume das vendas também foi considerável. Muitos observadores são de opinião de que haverá provàvelmente um moderado aumento nas atividades gerais econômicas, no segundo semestre de 1957. Não há sinais de disputas sindicais em futuro próximo, e as perspectivas são boas, com relação ao número de pessoas ocupadas em empregos permanentes e ao conseqüente alto nível de gasto dos consumidores. O Federal Reserve Board notou esta semana que as condições econômicas têm se mantido estáveis, geralmente falando, apesar do ligeiro declínio registrado na produção industrial e da debilidade manifestada em certos setores dessa parte da economia. O Federal Reserve Board também salientou que as atividades dos consumidores, o número de pessoas que trabalham, excluindo-se as que trabalham na agricultura, o volume das receitas individuais e as vendas no varejo se mantiveram, no mês de Maio, em níveis máximos. Os preços da produção industrial permaneceram estáveis até os princípios de Junho corrente e os preços da produção agrícola também revelaram algum aumento. O índice da produção industrial, que é calculado pelo Federal Reserve Board, esteve em Maio num nível 143% acima da média de 1947-49 e o índice de Maio de 1956 foi 141% acima da dita média. Entre os fatôres que contribuiram essencialmente para a firmeza da economia norte-americana, incluem-se a procura crescente das mercadorias e dos serviços, as receitas individuais cada vez mais altas e as perspectivas de continuação da mão-de-obra, na mesma quantidade, na maioria das indústrias.

O Departamento do Comércio dos Estados Unidos informou esta semana que a receita individual no país registrou um novo máximo durante o mês de Maio, com um aumento de 5,4% em relação ao mês de Maio de 1956. A maior porção do aumento foi devida, entretanto, aos pagamentos do Seguro Social e dos Veteranos. Os salários e os ordenados, os dividendos, os juros e os lucros comerciais também aumentaram ligeiramente, no mês de Maio.

No setor da agricultura, apesar de todos os esfôrços do Govêrno Federal para reduzir a produção, parece agora evidente que as safras de 1957 serão de volume quase igual ao do ano passado, que foi um recorde. O Departamento da Agricultura calcula que o plantio das mais importantes culturas agrícolas ocupará êste ano a menor área de cultivo desde o ano de 1917. Isso se deve à restrição imposta ao cultivo de certos produtos, bem como à redução do uso de terras sob o Plano do chamado "Sil Bank" (Banc de Solo), e às sêcas havidas em certas áreas. Os produtores de mercadorias agrícolas no estrangeiro têm se queixado das vendas dos excedentes agrícolas feitas pelo Govêrno dos Estados Unidos. Alguns produtores norte-americanos também têm se queixado de que

essas vendas de excedentes dão aos manufatureiros do estrangeiro uma vantagem para competir nos mercados, uma vez que compram os excedentes por preços abaixo do custo. Mesmo com essas vendas de excedentes no estrangeiro, o total dos produtos agrícolas em mãos do Govêrno norte-americano em 31 de Março dêste ano era avaliado em ..... $8.200.000.000, 8% apenas abaixo do nível máximo registrado no fim de Fevereiro de 1956. Em Junho de 1958, êsses estoques de excedentes em mãos do Govêrno dos Estados Unidos serão ainda, segundo se calcula, avaliados em $7.000.000.000.

No Mercado de Valores, os preços das ações, em geral, se revelaram firmes, esta semana. Todavia, o número das ações que registraram aumento em seus preços foi mais ou menos igual ao número daquelas que registraram baixas. Os mercados de investimento parecem no momento muito sensíveis às notícias e aos rumores de que haverá muitas fusões de corporações e planos de divisões de ações.

MERCADO DO CAFÉ

A semana finda transcorreu com alguma incerteza no mercado do café; torradores e comerciantes preferiram evitar compromissos, como que esperando manifestações mais definidas relativamente aos preços da nova safra brasileira, e à nova política cambial colombiana. Em meados da semana os futuros e disponíveis estiveram fracos, quando foi divulgada a reforma cambial colombiana, mas o volume de vendas não foi grande. Segundo informações procedentes de Bogotá, são os seguintes os pontos capitais da reforma: 1.º) Fica abolido o antigo sistema cambial, inclusive a taxa fixa de 2.5 pêsos por dólar; 2.º certificados negociáveis serão emitidos a favor dos exportadores contra todo câmbio em moeda estrangeira; 3.º) cria uma taxa de 15% sôbre os créditos de exportação, e de 10% sôbre os pagamentos de importação; 4.º) as importações ficam classificadas em três categorias, sendo (a), de mercadorias de importação livre, (b) de mercadorias que dependem de licença prévia, e, (c) de mercadorias cuja importação é proibida; 5.º) acha-se em vias de conclusão o regulamento referente às operações do mercado livre; 6.º) outras providências estão sendo tomadas para regularizar a balança de pagamento colombiana; e 7.º) espera-se que os cafeicultores sejam beneficiados pela reforma.

Até o momento, as alterações divulgadas quanto ao câmbio não produziram modificação nos preços no mercado de New York, nem se espera que os preços em dólares sejam muito afetados pela reforma. São os seguintes os preços de compra, novos e antigos, da Federação Nacional de Cafeicultores colombiana:

	Novos *Preços*	Preços *Antigos*
	(Pêsos col. por 125 ks.)	
Pergaminho corrente	550	435
Pergaminho limpo	570	450
Excelso	610	495

O preço de registro passou de US$104 para US$100 por saco de 70 quilos. Notícias do Brasil informam que o Instituto Brasileiro do Café publicará em detalhes a norma a seguir no pagamento dos prêmios.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, o mercado esteve geralmente forte, e tôdas as posições, exceto de julho do Contrato B, avançaram durante o dia. O mesmo contrato ganhou de 40 a 66 pontos, com exceção da posição de julho, que perdeu 8 pontos. O Contrato M fechou com altas de 55 a 95 pontos. No Contrato B foram vendidos 60 lotes, e no M, 61.

Segunda-feira, o Contrato B enfraqueceu, declinando de 5 a 50 pontos, e o Contrato M teve altas de 20 a 45 pontos. No Contrato B, foram vendidos 70 lotes, e no M, 18 lotes.

Têrça-feira, o mercado abriu com declínios de até 110 pontos, mas recuperou ràpidamente, fechando o Contrato B com alta de 1 ponto, e baixas de 70, e o Contrato M fechou, de inalterado a 35 pontos mais baixo, registrando-se vendas de 73 lotes no B,, e de 90 no M.

Quarta-feira, o Contrato B fechou com baixas de 8 pontos e altas de 30 pontos, com 18 lotes vendidos, e o M fechou com baixas de 40 pontos e altas de 75, com 40 lotes vendidos.

Ontem, quinta-feira, o Contrato B fechou com altas de 6 a 90 pontos, em 23 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com altas de 50 a 65 pontos, em 24 lotes vendidos. Na semana ora em revista, o Contrato B registrou altas de 56 pontos e baixas de 8 pontos, em 244 lotes vendidos, e o Contrato M registrou de 70 a 120 pontos em 242 lotes vendidos.

Mercados de físicos: Em fins da semana cresceu a oferta do colombiano a preços um tanto mais baixos, fato que ocasionou boa procura, expandindo o volume das transações. Quanto aos brasileiros, continuaram calmos, com os preços razoàvelmente estáveis. Ontem, o Santos 4 era cotado a 57 cents, e os colombianos a 66.13 cents.

Última hora: Esta manhã, o Contrato B abriu com altas de 5 a 20 pontos. A posição aberta era de 1.256 lotes no oCntrato B, contra 1.257 registrada na semana anterior. No contrato M era de 811 lotes contra 784 da semana passada.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos Principais*			
		U.S.	*Europa*	*Outros*	*Total*
BRASIL (*)	15-6-57	73,000	62,000	10,000	145,000
	8-6-57	111,000	51,000	11,000	173,000
	16-6-56	258,000	84,000	29,000	371,000
COLÔMBIA (")	15-6-57	38,983	10,588	105	49,676
	8-6-57	49,613	8,554	2,934	61,101
	16-6-56	108,730	22,037	6,750	137,517

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de Origens*			
	Brasil	*Colômbia*	*Outros*	*Total*
15-6-57				
8-6-57	238,053	310,604	189,388	738,045
16-6-56	52,253	223,268	137,457	412,978

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas Terminadas em:		
	Portos	15-6-57	8-6-57	16-6-56
BRASIL (*)	Santos	2,911,000	2,817,000	2,802,000
	Rio	399,000	416,000	795,000
	Vitória	146,000	166,000	209,000
	Paranaguá	336,000 (%)	320,000 (°)	1,802,000 (+)
	Pernambuco	7,000	—	14,000
	Bahia	35,000	35,000	24,000
	Angra dos Reis	30,000	30,000	39,000
	Total	3,864,000	3,784,000	5,685,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	37,530	39,119	23,711
	Buenaventura	29,078	26,732	54,373
	Cartagena	77,055	62,020	100,833
	Cúcuta	9,549	9,543	34,869
	Total	153,212	137,414	213,786

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(%) 336,000 livre e nenhum retido.
(°) 320,000 livre e nenhum retido.
(+) 771,000 livre e 1,031,000 retidos.

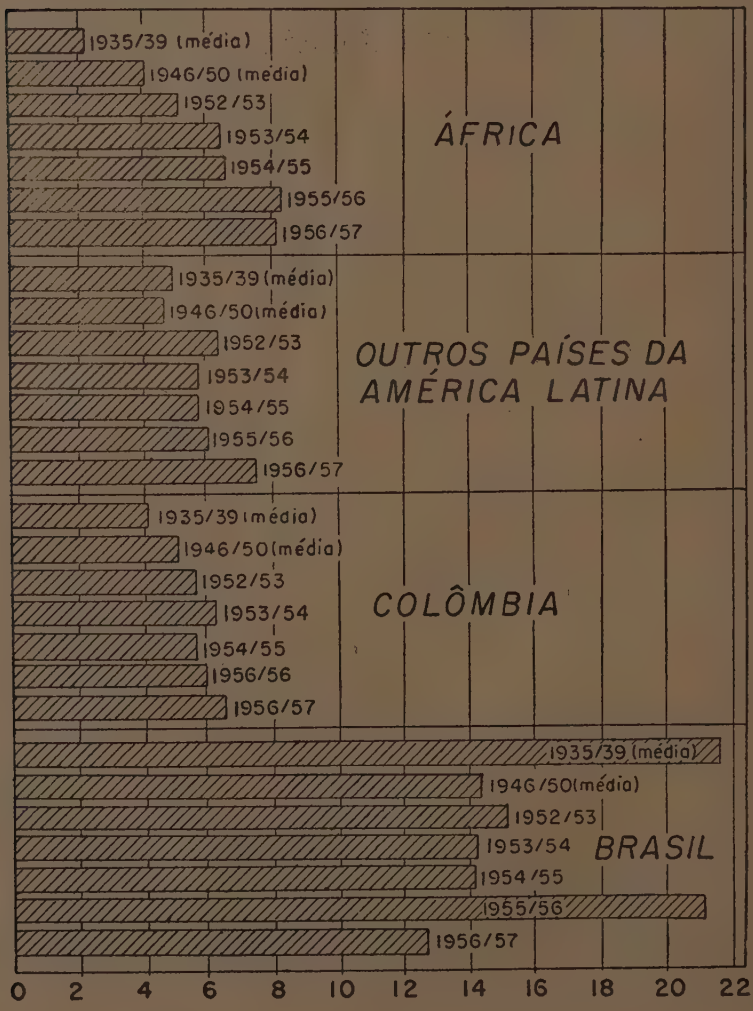
ESTUDO AO AR LIVRE

A vida ao ar livre traz grande benefício, à saúde e é muito vantajosa no trabalho intelectual. Os alunos que estudam ao ar livre, ou em salas bem arejadas, gozam mais saúde e têm maior facilidade em aprender.

Faça com que seu filho se habitue a estudar ao ar livre. — SNES.

PRODUÇÃO EXPORTÁVEL DE CAFÉ

MILHÕES DE SACAS DE 60 QUILOS



Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XXII | São Paulo, 17 de Junho de 1957 | N.º 378

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1956/1957

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estrada de Ferro	Julho Abril	1.ª dezena Maio	2.ª dezena Maio	3.ª dezena Maio	TOTAIS
Santos a Jundiaí	179 426	—	256	858	180 540
Sorocabana	699 691	272	3 525	1 335	704 823
Paulista	2 130 085	839	1 265	22 624	2 154 813
Mogiana	556 225	158	411	1 615	558 409
Araraquara	980 916	557	—	2 126	983 599
Noroeste do Brasil	1 045 235	600	578	5 063	1 051 476
Central do Brasil	1 273	—	—	—	1 273
Estrada de Rodagem	116 589	873	407	2 727	120 596
Total	**5 709 440**	**3 299**	**6 442**	**36 348**	**5 755 529**

Nota: Os despachos nas EE.FF. acima mencionadas incluem os das suas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO AO RIO DE JANEIRO E ANGRA DOS REIS

DEZENAS	RIO DE JANEIRO		ANGRA DOS REIS	TOTAL
	Ferroviário Comum	Rodoviário Comum	Rodoviário Comum	
Julho/Abril	30 182	204 249	29 925	264 356
1.ª Maio	—	990	170	1 160
2.ª »	—	180	—	180
3.ª »	—	1 965	10	1 975
Total	**30 182**	**207 384**	**30 105**	**267 671**

TOTAL DOS DESPACHOS DE CAFÉ PAULISTA POR SÉRIE

DEZENAS	Comum	Preferencial	Despolpado	TOTAL
Julho/Abril	5 232 823	728 804	12 169	5 973 796
1.ª Maio	2 963	1 474	22	4 459
2.ª »	5 441	1 181	—	6 622
3.ª »	30 031	8 182	110	38 323
Total	**5 271 258**	**739 641**	**62 301**	**6 023 200**

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

"PARANÁ"

DEZENAS	FERROVIÁRIO			RODOVIÁRIO		TOTAL
	Comum	Pref.	Desp.	Comum	Pref.	
Julho/Abril	430 224	21 788	3 160	210	12 731	468 113
1.ª Maio	—	—	—	—	—	—
2.ª »	—	—	—	—	—	—
3.ª »	x) 72	—	—	—	—	72
Total	430 296	21 788	3 160	210	12 731	468 185

x) Incompleto.

"MINAS GERAIS"

DEZENAS	FERROVIÁRIO			RODOVIÁRIO			TOTAL
	Comum	Pref.	Desp.	Comum	Pref.	Desp.	
Julho/Abril	69 398	158 696	2 587	440	88 338	556	320 015
1.ª Maio	—	—	—	—	—	—	—
2.ª »	—	—	—	—	—	—	—
3.ª »	x) —	—	—	—	1 916	—	1 916
Total	69 398	158 696	2 587	440	90 254	556	321 931

x) Incompleto.

"GOIÁS"

DEZENAS	FERROVIÁRIO		RODOVIÁRIO	TOTAL
	Comum	Preferencial	Preferencial	
Julho/Abril	171 047	2 070	845	173 962
1.ª Maio	x) —	—	—	—
2.ª »	x) —	—	—	—
3.ª »	x) —	—	—	—
Total	171 047	2 070	845	173 962

x) Incompleto.

Nota: Até a presente data, não foram registrados despachos de café procedentes do Estado de Mato Grosso.

"DESPOLPADO"

DEZENAS	Despachado	Liberado	A Liberar
1.ª Julho – 56	—	—	—
2.ª »	303	303	—
3.ª »	228	228	—
1.ª Agôsto	823	823	—
2.ª »	671	671	—
3.ª »	1 194	1 194	—
1.ª Setembro	923	923	—
2.ª »	1 811	1 811	—
3.ª »	605	605	—
1.ª Outubro	887	887	—
2.ª »	835	835	—
3.ª »	1 296	1 296	—
1.ª Novembro	663	663	—
2.ª »	360	360	—
3.ª »	178	178	—
1.ª Dezembro	17	17	—
2.ª »	127	127	—
3.ª »	400	400	—
1.ª Janeiro – 57	172	172	—
2.ª »	—	—	—
3.ª »	—	—	—
1.ª Fevereiro	30	30	—
2.ª »	21	21	—
3.ª »	126	126	—
1.ª Março	420	420	—
2.ª »	—	—	—
3.ª »	79	79	—
1.ª Abril	—	—	—
2.ª »	—	—	—
3.ª »	—	—	—
1.ª Maio	22	—	22
2.ª »	—	—	—
3.ª »	110	—	110
Total	**12 301**	**12 169**	**132**

ÁGUA E DISENTERIA BACILAR

A água contaminada pode transmitir várias doenças, algumas bem graves, como a disenteria bacilar, assim chamada porque é causada por um bacilo. Êste micróbio pode ser veiculado pela água que não foi prèviamente fervida ou filtrada.

Evite a desinteria bacilar, bebendo sòmente água fervida ou filtrada. —

"PREFERENCIAL"

DEZENAS	Despachado	Liberado	A Liberar
1.ª Julho – 56	30 724	30 724	—
2.ª »	20 595	20 595	—
3.ª »	25 134	25 134	—
1.ª Agôsto	21 856	21 856	—
2.ª »	22 803	22 803	—
3.ª »	47 449	47 449	—
1.ª Setembro	34 095	34 095	—
2.ª »	56 391	56 391	—
3.ª »	54 775	54 775	—
1.ª Outubro	63 509	63 509	—
2.ª »	43 086	43 086	—
3.ª »	44 449	44 449	—
1.ª Novembro	30 525	30 525	—
2.ª »	25 122	25 122	—
3.ª »	31 466	31 466	—
1.ª Dezembro	20 929	20 929	—
2.ª »	22 895	22 895	—
3.ª »	14 544	14 544	—
1.ª Janeiro – 57	17 487	17 487	—
2.ª »	11 262	11 262	—
3.ª »	21 309	21 309	—
1.ª Fevereiro	9 111	9 111	—
2.ª »	11 204	11 204	—
3.ª »	8 120	8 120	—
1.ª Março	7 337	7 337	—
2.ª »	10 285	10 285	—
3.ª »	5 901	5 840	61
1.ª Abril	8 676	8 676	—
2.ª »	3 493	3 400	93
3.ª »	4 272	2 800	1 472
1.ª Maio	1 474	253	1 221
2.ª »	1 181	—	1 181
3.ª »	8 182	—	8 182
Total	**739 641**	**727 431**	**12 210**

CONFORME O CLIMA

As frituras e os demais alimentos gordurosos exigem muito tempo para a digestão. O abuso de pratos gordurosos, em climas quentes como o nosso, é mais absurdo do que o de sorvetes e bebidas geladas nos climas frios.

Evite o abuso de alimentos gordurosos e adote alimentação adequada ao clima do país. —

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1956/1957

(Até 31 de Maio de 1957)

"COMUM"

DEZENAS	Despachado	Liberado	Destino alterado	A Liberar
1.ª Julho – 56	489 837	489 837	—	—
2.ª »	439 371	439 371	—	—
3.ª »	401 573	401 573	—	—
1.ª Agôsto	247 288	247 288	—	—
2.ª »	309 331	309 331	—	—
3.ª »	741 273	741 273	—	—
1.ª Setembro	408 542	408 042	500	—
2.ª »	488 470	487 970	500	—
3.ª »	347 316	347 316	—	—
1.ª Outubro	257 979	257 166	813	—
2.ª »	172 253	171 679	410	164
3.ª »	148 923	148 431	—	492
1.ª Novembro	88 219	38 143	—	50 076
2.ª »	82 012	—	—	82 012
3.ª »	65 553	—	—	65 553
1.ª Dezembro	34 816	—	—	34 816
2.ª »	42 309	—	—	42 309
3.ª »	25 578	—	—	25 578
1.ª Janeiro – 57	15 296	—	—	15 296
2.ª »	17 051	—	—	17 051
3.ª »	25 506	—	—	25 506
1.ª Fevereiro	15 724	—	—	15 724
2.ª »	20 828	—	—	20 828
3.ª »	15 379	—	—	15 379
1.ª Março	15 789	—	—	15 789
2.ª »	10 649	—	—	10 649
3.ª »	12 928	—	—	12 928
1.ª Abril	7 505	—	—	7 505
2.ª »	6 627	—	—	6 627
3.ª »	14 542	—	—	14 542
1.ª Maio	1 803	—	—	1 803
2.ª »	5 261	—	—	5 261
3.ª »	28 056	—	—	28 056
Total	**5 003 587**	**4 487 420**	**2 223**	**513 944**

Não seja um destruidor da flora e da fauna. A vida de uma árvore ou de um animal merecem ser protegidos.

Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York

JUNHO DE 1957 (Em cents. por libra (peso) 453,60

DIAS	SANTOS					RIO
	Tipo 2 FOB	Tipo 3 FOB	Tipo 4 FOB	Tipo 2 ext. mole	Tipo 4 ext. mole	Tipo 7
3	N/Cot.	55.00	53.00	N/Cot.	58.50	46.75
4	»	55.00	54.75	»	58.50	47.25
5	»	55.00	54.75	»	58.50	47.25
6	»	55.00	54.75	»	58.50	47.25
7	»	55.00	54.00	»	58.50	47.25
10	»	55.00	54.00	»	58.50	47.25
11	»	55.00	54.00	»	58.50	46.50
12	»	55.00	54.00	»	58.50	47.25
13	»	55.00	54.00	»	58.50	47.25
14	»	55.00	54.00	»	58.50	47.25
17	»	55.00	54.00	»	58.50	47.25
18	»	55.00	53.00	»	57.00	47.25
19	»	55.00	53.50	»	57.00	47.00
20	»	55.00	53.50	»	57.00	46.75
21	»	55.00	53.50	»	57.00	46.50
24	»	55.00	53.50	»	57.00	46.50
25	»	55.00	53.50	»	57.00	46.50
26	»	55.00	53.50	»	57.00	46.00
27	»	55.00	53.50	»	56.50	46.00
28	»	55.00	53.50	»	56.50	46.00
Mínima	—	**55.00**	**53.00**	—	**56.50**	**46.00**
Média	—	**55.00**	**53.81**	—	**57.78**	**46.85**
Máxima	—	**55.00**	**54.75**	—	**58.50**	**47.25**

"OUTROS ESTADOS"

PRODUTORES	Despachado	Liberado	A Liberar
Paraná			
Comum	430 506	343 373	87 133
Preferencial	34 519	33 378	1 141
Despolpado	3 160	3 160	—
Minas Gerais			
Comum	69 838	52 044	17 794
Preferencial	248 950	246 844	2 106
Despolpado	3 143	3 143	—
Goiás			
Comum	171 047	165 133	5 914
Preferencial	2 915	2 915	—
Mato Grosso			
Comum	—	—	—
Total	**964 078**	**849 990**	**114 088**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFE'

JANEIRO DE 1957

Sacas de 60 quilos

PORTOS DE EMBARQUES	QUANTIDADE EXPORTADA					TOTAL
	EXTERIOR			Cabotagem	Consumo de bordo	
	Estados Unidos	Outros países	TOTAL			
Santos	687 160	163 601	850 761	261	25	851 047
Rio de Janeiro	138 758	143 170	281 928	1	—	281 929
Paranaguá	350 240	61 295	411 535	29	—	411 564
Vitória	13 300	67 298	80 598	8	24 978	105 584
Angra dos Reis	14 479	4 250	18 729	—	—	18 729
Salvador	—	7 463	7 463	—	4 500	11 963
Recife	—	15 737	15 737	13	500	16 250
Total de Janeiro	1 203 937	462 814	1 666 751	312	30 003	1 697 066
Fevereiro	850 213	446 522	1 296 735	272	16 237	1 313 244
Março	629 609	361 008	990 617	298	17 617	1 008 532
Total de Janeiro a março	2 683 759	1 270 344	3 954 103	882	63 857	4 018 842

Obs.: — Em JANEIRO, embarcadas via rodoviária em Recife 225 sacas e em Salvador 200 scs., todas não computadas no total.
Em FEVEREIRO; Embarcadas via rodoviária para: Vitória 20 scs., Salvador 598 scs., todas não computadas no total.
MARÇO, embarcadas via rodoviária para Recife 500 scs., e para Salsador 350 scs., todas não computadas no total.

O plantio do café deve ser racionalizado desde o início: escolha do solo, do clima e da semente. O modo de plantio e o de alinhamento devem ser os mais indicados pela moderna técnica agronômica. Evitar as queimadas. Defender o solo contra a erosão. Adubar racionalmente. Irrigar, se possível. Colhêr e secar cuidadosamente. Com tôdas essas medidas ter-se-á boa média de produção, um café de qualidade, cafeeiros sadios e duráveis, solo sempre fértil, cafeicultura rendosa.

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

II – MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA — JUNHO DE 1957

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Coroa	Holanda Florim
1.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	N/Cot.	4 41 88	N/Cot.	3 55 13	4 82 56
3.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 41 88	»	3 55 13	4 82 59
4.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 42 41	»	3 55 13	4 82 56
5.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 48	»	3 55 13	4 82 56
6.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 44 01	»	3 55 13	4 82 56
7.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 44 55	»	3 55 13	4 82 62
8.....	51 40 80	18 36 00	4 28 43	0 63 28	»	4 45 09	»	3 55 13	4 82 59
11.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 45 63	»	3 55 13	4 82 59
12.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 44 28	»	3 55 13	4 82 68
13.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 42 41	»	3 55 13	4 82 93
14.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 42 94	»	3 55 13	5 82 82
15.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	3 44 01	»	3 55 13	4 82 65
17.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 45 01	»	3 55 13	4 28 71
18.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 45 09	»	3 55 13	4 82 73
19.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 45 09	»	3 55 13	4 82 82
21.....	51 40 80	18 36 00	4 38 34	0 63 28	»	4 44 82	»	3 55 13	4 82 48
22.....	51 40 90	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 45 09	»	3 55 13	4 82 37
24.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 45 09	»	3 55 13	4 82 19
25.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 45 09	»	3 55 13	4 82 31
26.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 46 17	»	3 55 13	4 82 31
27.....	51 49 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 46 17	»	3 55 13	4 82 19
28.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 43 48	»	3 55 13	4 82 02
29.....	51 40 80	18 36 00	4 28 34	0 63 28	»	4 41 88	»	3 55 13	4 82 19
Mínima	**51 40 80**	**18 36 00**	**4 28 34**	**0 63 28**		**4 41 88**		**3 55 13**	**4 82 02**
Média.....	**51 40 80**	**18 36 00**	**4 28 34**	**0 63 28**		**4 44 11**		**3 55 13**	**4 82 52**
Máxima	**51 40 80**	**18 36 00**	**4 28 34**	**0 63 28**		**4 46 17**		**3 55 13**	**4 82 93**

COTAÇÕES DE CAFÉS NÃO BRASILEIROS EM NOVA YORK

JUNHO DE 1957

PROCEDÊNCIA	DIAS				Média
	5	12	19	26	
COLOMBIA					
Medelim Exelso	69 00	67 50	66 75	66 00	67 31
Armenia	69 00	67 50	66 75	66 00	67 31
Manizales	69 00	67 50	66 75	66 00	67 31
COSTA RICA					
Hard	67 00	68 00	70 00	68 00	68 25
Atlantic fino	66 50	67 00	68 00	N/Cot.	67 17
EQUADOR					
Lavado	62 00	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	62 00
Extra não lavado	50 00	»	»	»	50 00
GUATEMALA					
Antigua	N/Cot.	N/Cot.	72 00	73 00	72 50
Bourbon	68 00	67 75	66 00	67 00	67 19
Extra primeira	67 50	66 50	65 00	65 50	66 13
Lavado bem	67 00	66 00	64 25	65 00	65 56
HAITI					
Lavado bom mole	N/Cot.	N/Cot.	59 00	61 50	60 25
Catado à mão	56 50	»	52 00	56 00	54 83
HONDURAS					
Lavado bom	N/Cot.	N/Cot.	64 50	N/Cot.	64 50
T. 5 - Comum duro	»	49 00	N/Cot.	»	49 00
MÉXICO					
Coatepec	64 50	65 00	65 50	65 50	65 13
Tapachula primeira	64 00	N/Cot.	65 00	65 00	64 67
NICARÁGUA					
Matagalpa	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	
Lavado bom	»	»	»	»	
EL SALVADOR					
Central Standard	65 50	65 00	65 00	64 50	65 00
S. DOMINGOS					
Lavado bom mole	N/Cot.	62 50	59 00	62 00	61 17
Fino	63 00	63 00	59 50	62 50	62 00
VENEZUELA					
Tachras	64 50	64 50	61 50	64 00	63 63
CONGO BELGA					
Lavado robusta	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	
Natural robusta	38 00	38 50	38 00	38 00	38 13
MÓCA					
Móca Arabia	63 00	63 00	63 50	63 50	63 25
INDONÉSIA					
Genuino lavado	77 00	77 00	77 00	77 50	77 13
UGANDA					
Lavado	34 25	34 00	34 50	34 50	34 31
ETIÓPIA					
Harrar	56 50	57 00	55 00	56 00	56 13
Djima	48 50	49 25	48 50	48 50	48 69
COSTA DO MARFIM					
Courant	34 00	34 50	34 50	34 50	34 38

Observação: As cotações acima se referem a desembarcado à vista líquido.

Movimento de ca

JUNH

DIAS	ENTRADAS					Liberado pela E.F.S.J.	Li
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Total		
1.....	19 552	620	500	1 933	22 605	9 584	
3.....	18 514	444	—	4 656	23 614	11 115	
4.....	18 493	855	300	4 856	24 504	11 004	
5.....	22 903	375	21	3 086	26 385	12 885	
6.....	22 103	427	280	4 767	27 577	13 577	
7.....	21 743	401	1 080	5 024	28 248	12 248	
8.....	21 106	507	330	6 527	28 470	11 470	
10.....	24 365	597	700	3 758	29 420	12 420	
11.....	23 394	421	669	5 807	30 291	13 289	
12.....	18 333	538	833	10 726	30 430	10 430	
13.....	17 215	303	—	11 863	29 381	7 456	
14.....	26 905	2 544	—	545	29 994	14 967	
15.....	14 822	811	—	3 421	19 054	7 041	
18.....	24 839	1 260	183	2 745	29 027	13 450	
19.....	14 219	946	—	4 260	19 425	5 553	
21.....	17 043	315	—	3 221	20 579	6 198	
22.....	23 085	1 129	322	5 499	30 035	15 475	
24.....	18 280	674	400	1 680	21 034	6 518	
25.....	26 543	176	—	2 351	29 070	14 557	
26.....	20 883	2562	—	1 749	25 194	8 754	
27.....	35 231	281	—	793	36 405	14 593	
28.....	24 362	315	—	58	24 735	16 918	
Soma	**473 933**	**16 501**	**5 618**	**89 325**	**585 377**	**249 502**	**3**

afé na praça de Santos

O DE 1957

berado pela E.F.S.	Liberado pela Rodovia	Embarques	Despachos.	Vendas	Retirado do estoque	Revertido ao estoque	Existência
13 021	—	20 416	4 014	4032	679	—	2 777 015
12 499	—	6 029	23 975	35 770	—	—	2 794 690
13 500	—	13 769	23 773	23 998	—	299	2 805 634
13 500	—	9 987	20 421	28 603	—	—	2 822 032
14 000	—	16 750	21 269	43 811	—	8 023	2 840 882
16 000	—	18 695	16 826	41 309	—	—	2 850 435
17 000	—	30 632	16 477	17 588	—	5 745	2 854 018
17 000	—	11 111	6 197	25 480	2 408	408	2 870 327
17 002	—	4 744	11 266	37 719	—	8 105	2 903 979
20 000	—	12 646	17 051	28 768	—	—	2 921 763
21 925	—	16 261	18 053	24 587	—	—	2 934 883
15 027	—	23 921	27 636	36 022	—	649	2 941 605
12 013	—	21 639	46 545	21 287	—	5 976	2 944 996
15 577	—	10 950	37 759	9 007	3 939	4 773	2 963 907
13 872	—	59 217	23 408	10 434	—	—	2 924 115
14 381	—	43 031	12 539	26 473	—	—	2 901 663
14 560	—	27 081	8 995	25 731	—	3 623	2 908 240
14 516	—	7 253	30 937	30 202	829	—	2 921 192
14 513	—	22 765	39 751	37 547	—	6 281	2 933 778
9 202	7 238	23 395	35 692	22 991	247	4 498	2 939 828
21 712	—	46 800	12 137	48 382	—	9 588	2 938 921
7 696	121	36 497	37 891	38 243	19 040	5 215	2 913 334
28 516	7 359	483 589	492 612	617 984	27 142	63 183	—

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I – MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA — JUNHO DE 1957

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Coroa	Holanda Florim
1	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	N/Cot.	4 57 91	N/Cot.	3 64 02	4 94 65
3	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 57 91	»	3 64 02	4 94 68
4	52 59 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 58 57	»	3 64 02	4 94 65
5	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 59 58	»	3 64 03	4 94 65
6	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 60 15	»	3 64 02	4 94 65
7	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 60 71	»	3 64 02	4 94 71
8	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 61 27	»	3 64 02	4 94 68
11	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 61 84	»	3 64 02	4 94 68
12	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 60 43	»	3 64 02	4 94 77
13	52 69 00	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 58 17	»	3 64 02	4 95 03
14	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 59 02	»	3 64 02	4 94 92
15	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 60 15	»	3 64 03	4 94 74
17	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 60 15	»	3 64 02	4 94 80
18	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 61 27	»	3 64 02	4 94 83
20	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 61 27	»	3 64 02	4 94 92
21	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 60 99	»	3 64 02	4 94 57
22	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 61 27	»	3 64 02	4 94 45
24	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 61 27	»	3 64 02	4 94 28
25	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 61 27	»	3 64 02	4 94 39
26	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 62 41	»	3 64 02	4 94 39
27	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 62 41	»	3 64 02	4 94 28
28	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 59 58	»	3 64 02	4 94 10
29	52 69 60	18 82 00	4 42 69	0 66 07	»	4 57 91	»	3 64 02	4 94 28
Mínima	**52 69 60**	**18 82 00**	**4 42 69**	**0 66 07**		**4 57 91**		**3 64 02**	**4 94 10**
Média	**52 69 60**	**18 82 00**	**4 42 69**	**0 66 07**		**4 60 24**		**3 64 02**	**4 94 61**
Máxima	**52 69 60**	**18 82 00**	**4 42 69**	**0 66 07**		**4 62 41**		**3 64 02**	**4 95 03**

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

JUNHO DE 1957 (Em cents. por libra (pêso) 453,60)

DIAS	SANTOS			RIO	VITORIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Sem descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
3	430.00	395.00	370.00	335.00	298.00
4	441.50	403.50	375.00	335.00	295.00
5	448.50	405.00	380.00	337.00	295.00
6	446.50	406.50	380.00	335.00	295.00
7	445.00	406.50	380.00	335.00	293.00
10	450.00	405.00	380.00	—	293.00
11	451.50	406.50	380.00	335.00	293.00
12	446.50	401.50	376.50	335.00	—
13	443.50	400.00	373.50	335.00	293.00
14	443.50	398.50	373.50	335.00	293.00
17	—	—	—	335.00	293.00
18	443.50	395.00	373.50	335.00	293.00
19	443.50	395.00	363.50	335.00	293.00
21	445.00	395.00	370.00	335.p0	293.00
24	446.50	395.00	370.00	335.00	293.00
25	446.50	395.00	370.00	335.00	293.00
26	446.50	395.00	370.00	335.00	288.00
27	448.50	396.50	371.50	335.00	285.00
28	448.50	395.00	370.00	335.00	285.00
Mínima	**430.00**	**395.00**	**363.50**	**335.00**	**285.00**
Média	**445.28**	**399.42**	**373.72**	**335.11**	**292.44**
Máxima	**451.50**	**406.50**	**380.00**	**337.00**	**298.00**

O preço dos cafés "robusta", da África, é bem inferior aos nossos. Em compensação, o preço dos "milds", da América Hispânica, é bem superior, mas também é superior a qualidade.

Não temos o preço dos *robusta* e nem a qualidade dos *milds*, e por isso estamos perdendo terreno. Urge que consigamos reduzir o preço e melhorar a qualidade ou, pelo menos, apresentar tipos melhor preparados e conseguir maior rendimento por cafeeiro.

CÂMBIO F

Médias diárias de **Câmbio Livre**, fixadas pela Bôlsa C

DIAS	Inglaterra	Canadá	Estados Unidos	Uruguai	Holanda	Alemanh
1	183,0000	—	65,4207	17,1000	17,1002	—
2	181,0430	68,7315	65,4082	—	17,2710	15,7464
3	181,0120	68,5000	65,2106	18,5000	17,0000	15,486[illegible]
4	180,7027	69,5000	65,5854	—	17,6013	15,672[illegible]
5	181,3408	69,3000	65,8126	18,4561	17,3000	15,594[illegible]
6	182,7419	69,5000	66,4616	17,7000	—	15,755[illegible]
8	182,9770	—	66,1661	—	17,5500	15,700[illegible]
9	182,5092	69,3000	66,3215	18,8000	17,5946	15,696[illegible]
10	183,3806	—	67,4090	—	17,3813	15,789[illegible]
11	186,6812	69,6000	68,8292	18,3000	17,5000	16,286[illegible]
12	185,4421	71,5000	67,5961	17,9000	—	15,982[illegible]
13	187,8833	—	68,1813	17,8000	18,0000	16,177[illegible]
15	188,2399	—	67,9167	—	18,0000	16,004[illegible]
16	191,0841	—	69,3799	—	—	16,420[illegible]
17	190,4205	71,5000	68,5383	18,0000	18,1000	16,426[illegible]
22	189,9681	—	68,5376	17,9516	18,4000	16,181[illegible]
23	190,4161	72,0000	68,6136	—	17,6000	16,178[illegible]
24	191,2513	72,5000	69,0213	19,3000	17,8829	15,742[illegible]
26	192,1537	73,0000	69,5341	19,5000	18,6333	16,437[illegible]
27	194,6577	—	69,1800	—	18,7161	16,531[illegible]
28	192,7505	—	69,4689	—	18,0980	16,431[illegible]
29	193,1742	—	69,7368	18,2000	—	16,654[illegible]
30	192,3907	73,0000	69,0898	19,5000	—	16,335[illegible]
Médias	**187,2164**	**70,6024**	**67,7134**	**18,3576**	**17,7627**	**16,051[illegible]**

EM SÃO PAULO

Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de ABRIL de 1957

a	Suiça	Suécia	Dinamarca	Áustria	Portugal	Argentina	Bélgica	França	Itália
	15,5000	12,2000	8,0000	—	2,2716	—	—	—	0,1063
	15,7883	12,0122	—	—	2,3102	—	1,3000	0,1885	0,1037
	—	11,8584	8,5000	2,5500	2,3065	—	1,3200	—	0,1051
	15,4468	—	7,9000	—	2,3183	—	1,3251	0,1890	0,1061
	15,4780	11,9182	7,7000	—	2,2949	—	1,3309	0,1825	0,1053
	15,5166	12,0000	7,6702	2,6000	2,3110	—	—	0,1883	0,1068
	—	—	—	—	2,3666	—	1,3400	0,1900	0,1062
	15,5800	12,1094	8,2124	—	2,3510	—	—	0,1947	0,1065
	15,8210	12,2526	8,0000	2,6000	2,3363	—	1,3600	0,1981	0,1090
	16,6000	12,5000	8,3000	—	2,3700	—	1,3985	0,1950	0,1058
	15,7216	12,3763	—	—	2,3766	—	1,3000	0,1900	0,1079
	16,0000	12,8000	7,9000	—	2,3840	—	—	0,1930	0,1081
	16,1000	—	—	—	2,3815	—	—	0,1920	0,1092
	16,2628	12,4090	7,9000	2,7000	2,4347	—	1,9000	0,1990	0,1130
	16,1347	—	7,9000	—	2,4051	—	—	—	0,1096
	16,2176	12,8170	8,6000	—	2,4039	—	—	—	—
	16,1966	12,7428	8,4000	—	2,4231	—	1,3700	0,1932	0,1095
	15,6200	—	—	—	2,4273	—	—	0,1950	0,1091
	16,1528	12,5000	—	—	2,4399	1,8800	1,3800	0,1969	0,1112
	16,4000	—	8,1515	—	2,4338	—	—	—	0,1099
	16,3884	12,6000	—	—	2,4541	—	—	0,2000	0,1104
	16,5200	13,0934	8,3500	—	2,4351	—	1,3705	0,2000	0,1109
	16,2997	12,9024	8,6000	—	2,4409	—	1,3748	0,1963	0,1113
	15,9879	**12,4171**	**8,1302**	**2,6125**	**2,3772**	**1,8800**	**1,3946**	**0,1928**	**0,1082**

ESTIMATIVA DA SAFRA BRASILEIRA DE CAFÉ EXPORTÁVEL EM 1957-58

(DO INSTITUTO BRASILEIRO DE CAFÉ)

São Paulo	Minas Gerais	Paraná	Espírito Santo	Goiás	Bahia	Rio de Janeiro	Pernambuco	Outros Estados	TOTAL
7 600 000	3 300 000	3 850 000	1 920 000	300 000	280 000	225 000	220 000	5 000	17 700 000

De acôrdo com a previsão do Departamento de Economia e Assistência à Cafeicultura (Divisão de Estatística) do Inst. Brasileiro do Café.

(Do "Diário de Notícias, Rio — 23-6-57)

ESTIMATIVA DA SAFRA PAULISTA DE CAFÉ

(Da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo)

Total de cafeeiros relacionados nos 31 Setores Agrícola em que se devide o Estado: 1.364.000.000 de pés

Produção estimada 9.900.000 sacas de 60 kg.
(café beneficiado)

COTAÇÕES DE CAFÉ A TÊRMO EM NOVA YORK

Em cents. por libra (pêso) 453,60 — Contrato "B"

JUNHO DE 1957

DIAS	JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO 1958		MAIO 1958	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
3	60.71	60.95	55.85	56.10	54.00	54.07	54.40	54.50	53.55	53.75
4	61.01	61.40	56.30	56.50	54.10	54.30	54.50	54.30	54.00	53.85
5	61.25	60.30	56.45	55.70	54.25	53.00	54.38	53.30	N/Cot.	52.40
6	60.50	59.75	55.75	55.05	53.24	52.45	53.25	52.60	52.80	52.00
7	60.00	59.90	55.25	55.45	52.90	52.65	53.15	52.75	52.00	52.30
10	60.00	59.55	55.40	55.15	52.80	52.70	53.00	53.00	52.60	53.50
11	59.70	59.65	55.15	55.25	N/Cot.	52.70	53.10	52.80	52.80	52.30
12	60.10	59.38	54.85	54.90	52.30	52.35	52.80	52.60	52.30	52.10
13	59.30	58.53	54.50	54.30	52.10	52.09	52.21	52.20	51.80	51.60
14	58.53	58.45	54.50	54.70	52.10	52.75	52.25	52.79	51.55	52.10
17	57.70	57.95	54.25	54.55	52.60	52.59	52.80	52.60	52.00	52.05
18	57.05	57.30	54.25	54.35	52.10	52.60	52.30	52.60	51.70	51.90
19	57.30	57.55	54.75	54.53	52.70	52.60	52.60	52.52	52.00	52.70
20	58.00	58.45	54.60	54.70	52.50	52.65	52.50	52.70	51.85	51.91
21	58.45	58.61	54.90	55.12	53.00	53.02	53.00	53.00	N/Cot.	52.18
24	58.25	58.40	55.50	55.35	53.25	53.30	53.35	53.20	»	52.30
25	58.40	57.25	55.25	54.70	53.30	52.80	53.30	52.80	52.40	51.85
26	57.25	57.27	54.70	54.70	52.80	52.80	52.80	52.75	51.80	51.85
27	57.25	57.10	54.70	54.40	52.70	52.40	52.65	52.00	51.75	51.10
28	57.25	56.99	54.30	54.50	52.30	52.45	52.05	52.05	51.30	51.10
Mínima	**57.05**	**56.99**	**54.25**	**54.30**	**52.10**	**52.09**	**52.05**	**52.00**	**51.30**	**51.10**
Média	**58.90**	**58.74**	**55.06**	**55.00**	**52.90**	**52.81**	**52.02**	**52.85**	**52.25**	**52.15**
Máxima	**61.25**	**60.95**	**56.45**	**56.50**	**54.25**	**54.30**	**54.50**	**54.50**	**54.00**	**53.85**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Serviço Social Rural — J. Testa 5
Custo de formação e custeio da lavoura cafeeira em Pirajuí — Sylas Oswaldo Pacitti 8
Pragas do café — J. Bergamin 12
Pontos controversos em cafeicultura — Lauriston Pousa Bicudo 15

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Cobertura do solo do cafèzal 21
O primeiro cuidado na formação dos cafèzais está na escolha da semente 22
Amparo à cafeicultura 23
Pronunciamento do prefeito de Londrina 23
Preceitos gerais do plantio do café 24
Repercussão, na Zona da Mata, das medidas tomadas com relação ao café 25
Processo prático de preparo de mudas 26
Sombreamento e café fino — João Lopes 28
A colheita em pano — Rogério de Camargo 30
Uma lavoura condenada, da zona da mogiana, salva pelo sombreamento — Urbano dos Santos Bonfim 33
Reforma de cafèzais 36
O que é o Instituto Agronômico de Campinas 38
O café e o govêrno — Garibaldi Dantas 43
Penetração do café solúvel na Europa 45
Constitui a criação do "Fundo do Café" a medida de maior importância do esquema cafeeiro do govêrno 47
O "fundo do café" 51
Bases físicas para uma política do café — Theofilo de Andrade 53
Aplausos do govêrno paulista ao Presidente da República 54
A nova ordem cafeeira 55
Cria-se de fato uma política de café — Plínio Cavalcanti de Albuquerque 57
Comprar e vender... para estabilizar — Sálvio de Almeida Prado 60
Destinação de recursos à lavoura de café 62
Manifestações de aplauso ao Ministro da Fazenda 63
Exportação brasileira de café 64
Maiores verbas para a propaganda do café 65
A realidade iminente: superprodução brasileira de café 66
Amplos recursos para a defesa da lavoura e da exportação do café 68

Medidas tomadas em defesa do café 71
Apreciações do sr. Paulo Guzzo sôbre a posição estatística do café 74
De júbilo, e mesmo euforia, a reação predominante nas entidades agrícolas sedeadas na capital 76
Prêmios instituidos pela Câmara Municipal de Pirajú 81
Duplicou o consumo de café na Alemanha 81
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano de New York — junho n.os 1039 a 1041) 82
Produção exportável de café 96

ESTATÍSTICAS:

Suplemento Estatístico n.º 378, de 17 de junho de 1957 98
Cotações de café no disponível de New York — junho 103
Exportação brasileira de café (Janeiro de 1957) 104
Câmbio do Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Compras à vista — junho 105
Cotações de café naço brasileiros em New York — junho 106
Câmbio em São Paulo — abril de 1957 ..... Apenso
Movimento de café na praça de Santos — junho ..... Apenso
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — vendas à vista — junho 107
Cotações de café no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória — junho 108
Câmbio em New York sôbre diversas praças — junho ..... Apenso
Cotações de café a têrmo em New York — junho ..... apenso
Estimativa da safra brasileira de café exportável em 1957-58 109
Estimativa da safra paulista de café (Secretaria da Agricultura do Estado de S. Paulo 109

INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA S/A